

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO
LINHA DE PESQUISA: ENSINO, APRENDIZAGEM E
FORMAÇÃO DE PROFESSORES**

**OLHARES PARA AS INFÂNCIAS DAS CRIANÇAS EM
TRATAMENTO DE SAÚDE SOB A ÓTICA DA SOCIOLOGIA DA
INFÂNCIA NA PEDAGOGIA HOSPITALAR: UMA ANÁLISE DA
PRODUÇÃO ACADÊMICA (2007-2022)**

JOSIANE APARECIDA DE LIMA LOBACHINSKI

MARINGÁ

2024

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO
LINHA DE PESQUISA: ENSINO, APRENDIZAGEM E FORMAÇÃO DE
PROFESSORES**

**OLHARES PARA AS INFÂNCIAS DAS CRIANÇAS EM TRATAMENTO DE
SAÚDE SOB A ÓTICA DA SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA NA PEDAGOGIA
HOSPITALAR: UMA ANÁLISE DA PRODUÇÃO ACADÊMICA (2007-2022)**

Tese apresentada por JOSIANE APARECIDA DE LIMA LOBACHINSKI, ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá, como um dos requisitos para a obtenção do título de Doutor em Educação. Área de Concentração: Educação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a ERCÍLIA MARIA ANGELI TEIXEIRA DE PAULA

MARINGÁ

2024

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá - PR, Brasil)

L796o Lobachinski, Josiane Aparecida de Lima

Olhares para as infâncias das crianças em tratamento de saúde sob a ótica da sociologia da infância na pedagogia hospitalar: uma análise da produção acadêmica (2007-2022) / Josiane Aparecida de Lima Lobachinski. -- Maringá, PR, 2024.

146 f.: il. color., figs., tabs.

Orientadora: Profa. Dra. Ercília Maria Angeli Teixeira de Paula.

Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Teoria e Prática da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2024.

CDD 23.ed. 362.19

Elaine Cristina Soares Lira - CRB-9/1202

MEMBROS DA BANCA

Profa. Dra. Ercília Maria Angeli Teixeira de Paula – Orientadora
(Universidade Estadual de Maringá – UEM)

Celma Regina Borghi Rodriguero – Titular Interno
(Universidade Estadual de Maringá – UEM)

Rubiana Brasílio Santa Bárbara – Titular Interno
(Universidade Estadual de Maringá – UEM)

Aliandra Cristina Mesomo Lira – Titular externo
(Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO)

Elismara Zaias Kailer - Titular externo
(Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pela saúde e pela vida, por me dar forças e condições para concluir este trabalho. Por ter me abençoado, iluminado e protegido sempre, durante toda a caminhada, sobretudo nas viagens para Maringá.

Agradeço especialmente à minha orientadora, a professora doutora Ercília Maria Angeli Teixeira de Paula, por ter me acolhido durante a troca de orientador. Foram muitas conversas, orientações e correções, mas sempre com muito aprendizado. Muito obrigada!

Às professoras da banca examinadora de qualificação pelas inestimáveis contribuições, e da banca de defesa: Aliandra Cristina Mesomo Lira, Solange Franci Raimundo Yaegashi, Luciana Figueiredo Lacanallo Arrais, Elismara Zaias Kailer, Celma Regina Borghi Rodriguero e Rubiana Brasilio Santa Bárbara.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPE) da Universidade Estadual de Maringá (UEM), pelos ensinamentos e pelas contribuições na minha formação.

Agradeço à minha mãe querida, pelas orações, pelo incentivo, pelo apoio e zelo, pelo carinho nos momentos de desalento, e pela doce companhia durante o percurso.

Ao meu companheiro de vida, Heverton, pela compreensão, pelo companheirismo, pelo amor, pelo encorajamento em todos os momentos em que me senti desmotivada e você me alegrou e me deu motivos para continuar.

Ao meu pai, que sempre trabalhou muito para que nada nos faltasse e sempre, e mesmo longe, sei que torce por mim.

Aos meus irmãos Thaís, Luiz Felipe e Marcos, por todo o auxílio nos momentos em que precisei e pelas conversas e pelos momentos de descontração.

Aos meus sobrinhos Bianca, Maria Fernanda e Heverton por alegrarem meus dias.

A todas as amigas que conquistei no percurso do doutorado, em especial Letícia e Magali.

A todos os professores que contribuíram com a minha formação ao longo da minha vida, desde os anos iniciais.

Ao ex-secretário Hugo, também do programa, que acompanhou minha caminhada, mesmo à distância, e me auxiliou durante todo o processo. Muito obrigada!

LOBACHINSKI, Josiane Aparecida de Lima. **Olhares para as Infâncias das Crianças em Tratamento de Saúde Sob a Ótica da Sociologia da Infância na Pedagogia Hospitalar: Uma Análise da Produção Acadêmica (2007-2022)**. Orientadora: Ercília Maria Angeli Teixeira de Paula. 2024. 146f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2024.

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo geral investigar de que forma a Sociologia da Infância é retratada na produção acadêmica da Educação Hospitalar no Brasil. Esse objetivo geral se desdobra em três específicos: descrever as características essenciais da Sociologia da Infância e da Educação Hospitalar; apresentar uma revisão de literatura, o mapeamento dos locais, tipos de pesquisa, formação dos pesquisadores e regiões que utilizam a metodologia Sociologia da Infância nas pesquisas de Educação Hospitalar; e identificar quais as categorias da Sociologia da Infância, como brincar, narrativas infantis, protagonismo infantil e ressignificação do espaço pela criança hospitalizada, que estão presentes nos estudos da Educação Hospitalar que adotam essa perspectiva teórica. Os principais autores que fundamentaram a construção desse trabalho foram: Paula (2004; 2010); Paula e Gomes (2018); Menezes (2004); Santos (2008); Castro (2022), dentre outros, na área da Pedagogia Hospitalar. Na perspectiva da Sociologia da Infância foram adotados os seguintes autores: Corsaro (2011), Sarmento (2004), (1997); Delgado e Muller (2005). A revisão bibliográfica e a abordagem empregada na pesquisa foram de cunho quantitativo-qualitativa, a partir de categorias fundamentadas em Bardin (1977). Os trabalhos selecionados contemplaram o período de 2007 a 2022. As buscas foram realizadas no *Google* acadêmico, o qual forneceu trabalhos hospedados nas seguintes bases de dados: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações - BDTD, o portal CAPES, *Scielo* e revistas eletrônicas. O mapeamento dos trabalhos resultou na seleção de 15 artigos em revistas, 15 dissertações e 2 teses, publicados nas regiões Sul, Nordeste, Sudeste e Centro-Oeste do Brasil. A análise das produções encontradas indicou que a região Sul possui um maior número de estudos, seguida pela região Nordeste, com um número maior de produções concentrada em Natal. Os locais, tipos de pesquisa, formação dos pesquisadores e regiões que utilizavam a perspectiva da Sociologia da Infância na Educação Hospitalar foram descritos em quadros e analisadas. Os resultados das análises indicaram que os trabalhos estudados apresentaram estratégias diferenciadas para valorizar a escuta da criança e o protagonismo infantil, como jogos, brincadeiras, desenhos, contação de histórias, bonecos-personagem para estabelecer diálogos, pinturas e desenhos. Por meio dos dados levantados foi possível evidenciar que a cultura é apresentada de uma maneira diferente no hospital e que todos esses elementos fazem parte da Sociologia da Infância, portanto é uma categoria muito relevante para os estudos das crianças em tratamento de saúde no Brasil. Os dados da pesquisa também apontaram que a Sociologia da Infância tem colaborado de forma significativa na elaboração de pesquisa com crianças, pois sua compreensão valoriza as crianças como atores sociais, estudando-as em suas multiplicidades do ser.

Palavras-chave: Infâncias; Criança Hospitalizada; Sociologia da Infância; Pedagogia Hospitalar; Educação Hospitalar.

LOBACHINSKI, Josiane Aparecida de Lima. **Looks at The Childhoods of Children in Health Treatment from the Perspective of the Sociology of Childhood in Hospital Pedagogy: An Analysis of Academic Production (2007-2022)**. Advisor: Ercília Maria Angeli Teixeira de Paula. 2024. 146f. Thesis (Doctorate in Education) – State University of Maringá, Maringá, 2024.

ABSTRACT

The general objective of this research is to investigate how the Sociology of Childhood is portrayed in the academic production of Hospital Education in Brazil. This general objective is divided into three specific ones: Describe the essential characteristics of the Sociology of childhood and Hospital Education; Present a literature review, mapping of locations, types of research, training of researchers and regions that use the Sociology of Childhood methodology in Hospital Education research; Identify which categories of Childhood Sociology, such as: playing, children's narratives, child protagonism and resignification of space by hospitalized children, are present in Hospital Education studies that adopt this theoretical perspective. The main authors who supported the construction of this work were: Paula (2004; 2010); Paula and Gomes (2018); Menezes (2004); Santos (2008); Castro (2022), among others, in the area of Hospital Pedagogy. From the perspective of the Sociology of Childhood, the following authors were adopted: Corsaro (2011), Sarmento (2004), (1997); Delgado and Muller (2005). The literature review and the approach used in the research were quantitative-qualitative in nature, based on categories based on Bardin (1977). The selected works covered the period from 2007 to 2022. The searches were carried out on Google Scholar, which provided works hosted in the following databases: Brazilian Digital Library of Theses and Dissertations BDTD, Capes portal, *Scielo* and electronic magazines. The mapping of works resulted in the selection of 15 articles in magazines, 15 dissertations and 2 theses, published in the South, Northeast, Southeast and Center-West regions of Brazil. The analysis of the productions found indicated that the South region has a greater number of studies, followed by the Northeast region, with a greater number of productions concentrated in Natal. The locations, types of research, training of researchers, regions that use the perspective of the Sociology of Childhood in Hospital Education were described in tables and analyzed. The results of the analyzes indicated that the works analyzed presented different strategies to value children's listening and child protagonism, such as games, games, drawings, storytelling, character dolls to establish dialogues, paintings and drawings. Through the data collected, it was possible to demonstrate that culture is presented in a different way in the hospital and that all these elements are part of the Sociology of Childhood, therefore it is a very relevant category for studies of children undergoing healthcare in Brazil. The research data also showed that the Sociology of childhood has contributed significantly to the development of research with children, as its understanding values children as social actors, studying them in their multiplicities of being.

Keywords: Childhood; Hospitalized Child; Sociology of Childhood; Hospital Pedagogy; Hospital Education.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Artigos que abordam a Sociologia da Infância na Educação Hospitalar	65
Quadro 2: Autores da Sociologia da Infância presentes nas produções acadêmicas sobre as crianças em tratamento de saúde.....	94
Quadro 3: Dissertações que abordam a Sociologia da Infância, Educação Hospitalar e Educação Social.....	98
Quadro 4: Autores da Sociologia da Infância presentes nas dissertações produzidas sobre as crianças em tratamento de saúde.....	119
Quadro 5: Teses que abordam a Sociologia da Infância na Educação Hospitalar.....	122
Quadro 6: Autores da Sociologia da Infância presentes nas teses produzidas sobre as crianças em tratamento de saúde.....	124
Quadro 7: Sistematização das categorias presentes nos trabalhos analisados.....	125
Quadro 8: Trabalhos com mais de uma categoria da Sociologia da Infância.....	128

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- ACACCI** – Associação Capixaba Contra o Câncer Infantil
- APACN** – Associação Paranaense de Apoio à Criança com Neoplasia
- BDTD** – Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
- CAPES** - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
- ECA** – Estatuto da Criança e do Adolescente
- FIPED** - Fórum Internacional de Pedagogia
- GEPEDIN** – Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Infantil
- IC** – Iniciação Científica
- NAIF** – Núcleo de Aprendizagens com as Infâncias e Seus Fazeres
- OI** – Osteogênese Imperfeita
- OIT** – Organização Internacional do Trabalho
- OMS** – Organização Mundial da Saúde
- ONGS** – Organizações não Governamentais
- ONU** - Organização das Nações Unidas
- PCA** – Programa Multidisciplinar de Estudos, Pesquisa e Defesa da Criança e Adolescente
- SAREH** – Serviço de Atendimento à Rede de Escolarização Hospitalar
- SCIELO** – *Scientific Electronic Library Online*
- SEDIUNI** – Simpósio de Educação Infantil da UNICENTRO
- SEED/PR** – Secretaria Estadual de Educação do Paraná
- SESA** – Secretaria de Estado da Saúde do Paraná
- SETI** – Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior do Paraná
- SUED** – Superintendência da Educação
- UEM** – Universidade Estadual de Maringá
- UEPG** – Universidade Estadual de Ponta Grossa
- UFRN** – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
- UNICEF** – Fundo das Nações Unidas para a Infância
- UNICENTRO** – Universidade Estadual do Centro-oeste do Paraná

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA: DIFERENTES CONTEXTOS DA INFÂNCIA.....	27
2.1. Crianças e Infâncias na perspectiva da Sociologia da Infância.....	27
2.2. Brincar: um direito universal.....	36
2.2. Narrativas Infantis.....	37
2.3. A Polissemia entre Protagonismo e Participação Infantil.....	39
3. EDUCAÇÃO HOSPITALAR: UMA REFLEXÃO SOBRE OS DIREITOS DAS CRIANÇAS E DOS ADOLESCENTES.....	43
3.1 Classe Hospitalar.....	43
3. 2 SAREH.....	48
3. 3 Brinquedoteca Hospitalar.....	51
4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	57
4.1 Caracterização da pesquisa: mapeamento das pesquisas realizadas de 2007-2022.....	60
5. OS PRESSUPOSTOS DA SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA NAS PRODUÇÕES SOBRE A EDUCAÇÃO HOSPITALAR.....	64
5.1 Levantamento de artigos sobre Sociologia da Infância na Educação Hospitalar.....	64
5.2 Levantamento Dissertações que abordam a Sociologia da Infância, Educação Hospitalar e Educação Social.....	97
5.3 Levantamento de Teses.....	122
5.4 O que nos contam as produções acadêmicas sobre as crianças em tratamento de saúde no Brasil, a partir das categorias da Sociologia da Infância.....	124
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	133
REFERÊNCIAS.....	138

1. INTRODUÇÃO

A primeira vez que fui criança...
(Korczak, 1986)

Para iniciar a escrita desta tese sobre as infâncias das crianças em tratamento de saúde a partir do referencial teórico da Sociologia da Infância, irei relatar fatos da minha infância para registrar situações importantes por mim vivenciadas. Certamente, aqueles acontecimentos contribuíram para que eu me tornasse a pessoa e a profissional que sou hoje. Por isso, em determinados momentos do texto vou escrever em primeira pessoa e, em outros, em conjunto com a orientadora, o texto será descrito em terceira pessoa.

Minha infância foi marcada por vivências proporcionadas por duas pessoas simples e humildes. Eles sempre souberam ouvir seus filhos, ampará-los e defendê-los. Essas pessoas são meus pais. Korczak (1986, p. 6) afirma que “no mundo dos adultos as crianças não têm importância e são tratadas com desatenção, menosprezo, impaciência”. O autor também discute o fato de muitos adultos serem distantes do mundo infantil: “Eles têm sempre mais o que fazer do que se incomodar com as ‘puerilidades’ das crianças” (Korczak, 1986, p. 6). Quando uma criança é ouvida, ela se sente respeitada, compreendida e valorizada, mostramos a elas que são importantes, uma vez que, ao escutar as crianças a respeito de suas experiências vividas, legitimamos suas narrativas e auxiliamos no desenvolvimento da autoestima, fazendo com que elas se sintam mais capazes e confiantes ao expressar suas opiniões, melhorando a forma como se comunicam com os outros, sentindo-se mais ao expressar seus pensamentos e sentimentos.

Atualmente, não tenho muitas fotos da minha infância, pois naquela época ter uma câmera fotográfica era artigo de luxo e poucas pessoas a possuíam. Minhas lembranças encontram-se todas em minha memória, em cada brincadeira, em cada aventura e nos tombos de criança. Eu vivia com hematomas por ser uma criança muito ativa e cheia de energia.

Durante muitos momentos acompanhei meu pai nas lavouras sentada ao lado dele, em cima do trator. Aquilo era revigorante! Quando andávamos atolando os pés na terra fofa das plantações eu falava sem parar, perguntava os porquês de muitas coisas e ele sempre respondia de acordo com o que sabia.

Apesar de pouco estudo, meus pais sempre me incentivaram a estudar e sempre fizeram de tudo para que eu e meus irmãos tivéssemos acesso à educação.

A minha mãe, apesar de ter pouco estudo, sabe ler e escrever, sempre demonstrou um conhecimento extraordinário. A todo momento ela soube nos proporcionar uma infância repleta de estímulos e aprendizagens, os quais contribuíram para que nós nos desenvolvêssemos plenamente e tivéssemos uma infância feliz.

As crianças, desde muito cedo, têm a compreensão de muitas coisas sobre o mundo. Para Kishimoto (2010), elas tomam decisões, fazem escolhas, interagem com outras pessoas. Demonstam o que sabem fazer por intermédio de suas ações, olhares, palavras e de sua capacidade de compreender o mundo. A prática do brincar também é um importante aliado no exercício de potencialidade das crianças.

O brincar está entre as atividades preferidas da criança e é um direito assegurado no Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA (Brasil, 1990), conforme o Capítulo II, Do Direito à Liberdade, ao Respeito e à Dignidade, inserido no Art. 16, no qual estabelece que o direito à liberdade pode-se verificar nos seguintes aspectos:

I - Ir, vir e estar nos logradouros públicos e espaços comunitários, ressalvadas as restrições legais; II - opinião e expressão; III - crença e culto religioso; IV - brincar, praticar esportes e divertir-se; V - participar da vida familiar e comunitária, sem discriminação; VI - participar da vida política, na forma da lei; VII - buscar refúgio, auxílio e orientação (Brasil, 1990, p. 21).

O brincar é uma atividade que se manifesta a qualquer momento, estabelecido e coordenado pela criança, traz contentamento e não requer o estabelecimento de um 'produto final'. Nas palavras de Kishimoto (2010), o ato de brincar relaxa, cativa, ensina princípios, linguagens, potencializa e aprimora habilidades, e ainda insere a criança em um mundo imaginário. O brincar é considerado como atividade essencial da sua rotina diária.

O brincar oportuniza às crianças o exercício da autonomia ao tomar decisões e/ou nas resoluções de problemas, nas manifestações de suas

emoções, de seus princípios. Também possibilita que elas conheçam o próximo, o mundo e a cada dia vão se autoconhecendo mais.

Esses aspectos acontecem quando a criança reproduz atividades que lhe dão contentamento, satisfação, compartilha, demonstra e exterioriza sua identidade e quando utiliza seu corpo, seus sentidos e seus movimentos, “enfim, sua importância se relaciona com a cultura da infância, que coloca a brincadeira como ferramenta para a criança se expressar, aprender e se desenvolver.” (Kishimoto, 2010, p. 1).

Meus momentos de infância foram muito felizes, entretanto, a adolescência já não foi tão doce. Assim como muitos meninos e meninas, descobri que a vida não era tão simples, pois vivemos um turbilhão de emoções, e a adolescência foi uma fase de muitas transições, desafios e descobertas, sobretudo quando encerramos a nossa educação básica e temos que tomar decisões importantes sobre o nosso futuro.

Após a conclusão do ensino médio em 2003 não fiz vestibular, pois a taxa de inscrição era muito alta e não tínhamos condições de pagar. Trilhei caminhos diferentes, me casei com dezenove anos e fui morar em outro Estado por conta do trabalho do meu esposo, no Rio de Janeiro. Permaneci lá por quase oito meses, depois nos mudamos para Castro – PR. Em seguida, fomos para Tefé, no interior do Amazonas. Nesta cidade só se chegava de barco ou de avião. Era uma cidade peculiar no meio da floresta amazônica. Em Tefé tive a oportunidade de conhecer uma cultura diferente. Uma população sofrida e, em sua maioria, com costumes e uma gastronomia bem interessantes.

Nesses lugares onde estive conheci muitas pessoas, com boas histórias e outras nem tanto. Algumas histórias sobre crianças e infâncias que chocam, entristecem e que violam os direitos estabelecidos no Art. 7º, do Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (Brasil, 1990), no Título II, Dos Direitos Fundamentais, Capítulo I – Do Direito à Vida e à Saúde, o qual determina que:

A criança e o adolescente têm direito à proteção à vida e à saúde, mediante a efetivação de políticas sociais públicas que permitam o nascimento e o desenvolvimento sadio e harmonioso, em condições dignas de existência (Brasil, 1990, p. 16).

No entanto, em regiões remotas do país, meninas ainda são tratadas como mercadorias, vendidas ou trocadas por suas famílias, meninas de nove, onze e doze anos com doenças transmitidas por seus abusadores. Histórias que despedaçam nosso coração quando ouvimos, mas que sempre existiram e infelizmente ainda ouviremos por aí. Entretanto, também existiam muitas famílias de crianças ribeirinhas que procuravam oferecer o melhor a seus filhos, mesmo em contextos de muita adversidade.

Depois de passar por muitos lugares e conhecer a pluralidade cultural que existe dentro do nosso país, após presenciar essa dicotomia colossal existente entre as múltiplas infâncias, sobretudo das crianças que conheci, comecei a ter outros olhares para elas e suas infâncias, e o referencial teórico da Sociologia da Infância corroborou para que eu conseguisse compreender as crianças em seus diferentes contextos e em suas múltiplas infâncias, uma vez que a Sociologia da Infância demonstra que a infância não é uma fase única e homogênea na vida das pessoas, mas sim um período de desenvolvimento que é vivenciado de maneiras diferentes por cada criança. Isso significa que as experiências infantis são constituídas não apenas por fatores biológicos, mas também por fatores sociais, como gênero, raça, classe social e cultura.

Em 2010, quando retornei para Guarapuava – PR, minha cidade natal, após presenciar uma situação de desproteção e preconceito na escola em que meu sobrinho mais velho estudava, fiquei motivada a estudar as crianças que vivem na invisibilidade e o papel da educação, então resolvi fazer o vestibular para Pedagogia. Meu irmão mais novo e eu fizemos o vestibular juntos. No dia do resultado, ele ligou o rádio e ficou ouvindo atentamente a divulgação dos nomes; ele foi aprovado em quarto lugar para o curso de História e eu, depois de dez anos fora da escola, passei em primeiro lugar no meu primeiro vestibular e em uma universidade pública. Como educadora, sei que uma colocação não determina e nem mensura a inteligência de ninguém, mas confesso que a minha felicidade foi imensa.

Em 2013, iniciei o curso de Pedagogia na Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro), do Paraná, e como estava há muito tempo fora de uma instituição de ensino, o esforço foi dobrado para que eu conseguisse acompanhar o ritmo, assim como muitas de minhas colegas, que também estavam há bastante tempo fora de uma sala de aula, outras com filhos

pequenos e trabalho. Durante a graduação não precisei trabalhar, o que me ajudou a participar de muitos projetos e eventos. No meu primeiro ano, conheci o “temido” professor da disciplina de Fundamentos Filosóficos da Educação, conhecido pelo seu rigor acadêmico, o Professor Dr. Paulo Guilhermeti, que nos relatou a existência da Iniciação Científica - IC, do curso de mestrado e de doutorado. Nos explicou a diferença entre um curso de Pós-graduação *Lato Sensu* e um *Stricto Sensu*. No segundo ano da graduação participei de um projeto de IC com esse mesmo professor, intitulado “*Semiformação no Ensino Superior: desafios e possibilidades acadêmicas no curso de Pedagogia*”¹. Tal trabalho foi essencial para que eu pudesse desenvolver o processo de escrita.

Na mesma época, em 2014, cursei a disciplina de Metodologia da Educação Infantil, na qual conheci a Profa.^a Dra. Aliandra Cristina Mesomo Lira. Aprendi muito nesta disciplina e me encantei com a área da educação. Em seguida ingressei no grupo de pesquisa Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Infantil - GEPEDIN, da UNICENTRO, coordenado pela mesma professora. Por meio do grupo auxiliei na organização do “*IV SEDIUNI – Simpósio de Educação Infantil da UNICENTRO – Políticas e Práticas: As Interfaces da Educação Infantil*”. Também participei de várias reuniões e de muitos estudos sobre a Educação Infantil, sobre crianças e sobre as infâncias. Nesses momentos é que a Sociologia da Infância me foi apresentada. Em consequência disso, modifiquei a trajetória dos meus estudos.

Os novos caminhos levaram-me à elaboração do meu segundo projeto de IC, denominado como “*A indústria cultural e a despotencialização formativa na infância*”², orientado pela Prof.^a Dra. Luciane Neuvald. Este trabalho foi pautado na Teoria Crítica da Sociedade e tinha como destaque alguns autores frankfurtianos, como Theodor W. Adorno e Max Horkheimer, com aproximações na Sociologia da Infância. As reflexões deste estudo originaram um Trabalho de

¹ LOBACHINSKI, Josiane Aparecida de Lima; GUILHERMETI, Paulo. Semiformação no ensino superior: desafios e possibilidades acadêmicas no curso de Pedagogia. In: **IV SIEPE – SEMANA DE INTEGRAÇÃO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO**, 2015, Guarapuava.

² LOBACHINSKI, Josiane Aparecida de Lima; NEUVALD, Luciane. Despotencialização formativa na infância. In: XXV Encontro Anual de Iniciação Científica, Guarapuava. **DESPOTENCIALIZAÇÃO FORMATIVA NA INFÂNCIA**, 2016.

Conclusão de Curso e um capítulo de livro chamado "*Indústria cultural e semiformação: a despotencialização formativa na infância*"³.

No terceiro ano do curso de Pedagogia participei de muitas palestras, simpósios e cursos de extensão. Sempre que tinha a oportunidade de aprender um pouco mais, lá estava eu. No último ano, em 2016, realizamos muitos estágios, dentre eles o Estágio Supervisionado em Gestão de Instituições Escolares e não Escolares. Nessa disciplina conhecemos todas as formas de educação existentes fora dos muros da escola, o que antes ocorria apenas por meio da teoria. Durante o estágio realizamos uma intervenção no "Instituto Renascer" de Guarapuava, organização beneficente de assistência social que atende crianças, adolescentes e famílias em situação de vulnerabilidade social.

No mesmo período aconteceu o estágio em "*Gestão Hospitalar*". Neste estágio realizamos a intervenção com crianças hospitalizadas no Hospital São Vicente de Paula, na cidade de Guarapuava - PR. Concomitantemente, cursamos a disciplina de "*Teoria e Metodologia da Educação Especial e Inclusiva*". Essa disciplina foi lembrada e mencionada no presente texto porque foi em conjunto com ela e com a disciplina de Gestão em Instituições não Escolares que todos os anos os alunos do curso de Pedagogia da UNICENTRO realizavam uma visita ao Hospital Erasto Gaertner, localizado na cidade de Curitiba.

Durante a visita para conhecer o trabalho do professor no hospital, assistimos a uma palestra com as professoras e a equipe responsável pela educação no âmbito hospitalar e fizemos uma visita pelas instalações. No entanto, devido à condição delicada dos pacientes/alunos, não foi possível visitá-los. As professoras explicaram como funcionava o acesso das crianças à brinquedoteca, aos materiais que eram utilizados em conjunto e à sala de estudos (para as crianças que estavam autorizadas a frequentar). Explicaram ainda como funcionava a higienização antes e depois do acesso das crianças nesses ambientes.

³ LOBACHINSKI, Josiane Aparecida de lima; NEUVALD, Luciane. Indústria Cultural e Semiformação: a despotencialização formativa na infância. In: LIRA, Aliandra Cristina Mesomo; DREWINSKI, Jane Maria de Abreu. (Org.). **Infância e Educação Infantil: políticas e práticas**. Guarapuava: Editora da Unicentro, 2017.

De acordo com Paula (2010), no que diz respeito à Pedagogia Hospitalar, por muito tempo as crianças e adolescentes hospitalizados foram excluídos do sistema educacional, em decorrência do internamento; por estarem hospitalizados, eram considerados incapazes de continuar com seus estudos. Tais compreensões engendraram uma dupla exclusão social na vida de crianças e adolescentes enfermos, visto que, além delas serem prejudicadas devido à sua condição de saúde, não possuíam acesso à educação escolar.

Em decorrência do aparecimento/surgimento da modernidade e da incessante luta de professores e profissionais da educação pelo avanço das leis de garantia e de proteção social de crianças e adolescentes, esse pensamento vem sendo transformado. Apesar disso, não podemos ignorar o desprezo e a falta de visibilidade sofrida por eles, que predominou por muito tempo.

Essas vivências e aprendizados com as diferentes infâncias foram fatores que impulsionaram o meu desejo de cursar o Mestrado em Educação da UNICENTRO. Mesmo que, na minha concepção, a prova do mestrado fosse muito complexa, sempre tive interesse em fazer uma pós-graduação. Desse modo, tudo o que eu participava e realizava era pensando nessa prova e na construção de uma formação como pesquisadora para trabalhar na área.

No dia do resultado eu estava muito ansiosa, recebi a notícia de que havia sido aprovada, confesso que fiquei imensamente feliz, porém a prova escrita é apenas uma das etapas que compõem a lista de exigências para ingressar no Mestrado. Após todo o processo, finalmente obtive o resultado que desejava, e me tornei aluna regular da turma de 2017 do Mestrado em Educação na UNICENTRO.

O meu projeto de pesquisa tinha como objetivo investigar os mecanismos empregados pela indústria cultural para despotencializar o processo formativo na infância, viabilizado pelos desenhos animados. O problema da pesquisa era o seguinte: “A televisão e os desenhos animados, no âmbito da Teoria Crítica Adorniana, podem ser formativos e/ou pedagógicos?”. A pesquisa também contemplou a análise dos desenhos animados considerados como educativos, veiculados pela TV Cultura. No que se refere aos aspectos metodológicos, a pesquisa consistiu em realizar um estudo bibliográfico sobre a Teoria Crítica Adorniana, com o intuito de explorar alguns conceitos como: indústria cultural,

semiformação, formação e emancipação, bem como a constituição das culturas infantis.

A dissertação produzida a partir desse projeto foi intitulada como “*A despotencialização da cultura infantil e da formação: uma análise adorniana dos desenhos animados ‘educativos’*”⁴. Neste trabalho foi possível realizar uma análise que contemplou a Teoria Crítica da Sociedade e a Sociologia da Infância. No decorrer do curso, tive a oportunidade de produzir mais um capítulo de livro, denominado como “*Barbárie e infância: qual é o papel da Educação?*”⁵. O trabalho foi produzido em conjunto com a minha Prof.^a orientadora Dra. Luciane Neuvald. Fizemos muitos outros resumos expandidos e trabalhos produzidos e apresentados na área da infância, contudo, destaco aqui os mais importantes.

A construção da minha dissertação foi um processo que me possibilitou crescer e aprender cada dia mais. Depois do término do mestrado, realizei a prova para o doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá - UEM. Então, fiz a prova escrita e fui aprovada em todas as etapas. Meu projeto inicial consistia em realizar “*Uma reflexão da relação entre as crianças e os desenhos animados nos Centros de Educação Infantil da Cidade de Guarapuava – PR*”.

No entanto, quando ingressamos em um programa de Pós-graduação, sabemos que nossa proposta pode tomar outros rumos, e assim aconteceu comigo. Após dois anos e meio, troquei meu objeto de estudo, pois senti a necessidade de prosseguir com a Sociologia da Infância, uma abordagem teórica que possibilita estudar a fundo o protagonismo infantil, as múltiplas especificidades da infância e das crianças. Enquanto cumpria os créditos do doutorado, cursei a disciplina de “*Tópicos Especiais em Educação – Infância e Educação Social II*”, ministrado pelas professoras doutoras Ercília Maria Angeli Teixeira de Paula e Verônica Regina Müller.

⁴ LOBACHINSKI, Josiane Aparecida de Lima. “**A despotencialização da cultura infantil e da formação**: uma análise adorniana dos desenhos animados “educativos”. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual do Centro-oeste do Paraná, programa de Pós-Graduação em Educação, área de concentração em Educação (Linha de Pesquisa: Políticas Educacionais, História e Organização da Educação). Guarapuava, p. 189, 2020.

⁵ LOBACHINSKI, Josiane Aparecida de Lima; NEUVALD, Luciane. **Barbárie e Infância: qual é o papel da educação?** In: NEUVALD, Luciane. **Barbárie, Regressão da Consciência e Processo Formativo: Diálogos**. 1 ed. Curitiba: CRV, 2018.

As aulas foram realizadas de forma remota, pois o Brasil estava vivenciando o período crítico da pandemia do coronavírus. Os primeiros casos da doença apareceram em novembro de 2019. De acordo com o site “Organização Pan-Americana da Saúde⁶”, a Organização Mundial da Saúde - OMS, recebeu um alerta a respeito de vários casos de pneumonia na cidade de Wuhan, província de Hubei, na República Popular da China. Tratava-se de uma nova cepa, o SARS-CoV-2, o novo coronavírus, que não havia sido identificada anteriormente em seres humanos. Após uma semana, no dia 7 de janeiro de 2020, as autoridades chinesas confirmaram que haviam detectado um novo tipo de coronavírus.

No Brasil, conforme as informações disponibilizadas pelo site “SANAR⁷”, o primeiro caso confirmado da doença foi no dia 26 de fevereiro de 2020. A partir daí, os números de casos aumentaram drasticamente, e o caos se instalou. Foi decretado estado de emergência na saúde e tomadas as primeiras ações governamentais ligadas à pandemia do coronavírus, como *lockdown* e o início da quarentena (que se estendeu por um longo período). Os hospitais ficaram superlotados, com profissionais da saúde exauridos devido à sobrecarga de trabalho e milhares de pessoas morrendo no mundo todo. Presenciamos momentos de pânico e de tristeza que jamais esqueceremos.

Pesquisadores e cientistas iniciaram as pesquisas da vacina da COVID-19, na tentativa de encontrar uma cura ou amenizar os sintomas, para diminuir a circulação do vírus, e conseqüentemente reduzir o número de contaminados. Deixo aqui meus sinceros agradecimentos aos profissionais de saúde que atuaram na linha de frente durante o período crítico e aos pesquisadores que encontraram a vacina para essa doença que levou à morte muitos entes queridos de pessoas próximas. Também ressalto a importância do investimento e financiamento para o desenvolvimento de pesquisas.

Nesse contexto, as atividades acadêmicas desenvolvidas durante a pandemia foram adequadas, passamos a assistir às aulas remotamente,

⁶ Histórico da pandemia de COVID-19. **Organização Pan-Americana da Saúde**, 2022. Disponível em: <[⁷ Linha do tempo do Coronavírus no Brasil. **Sanar**, 2020. Disponível em: <https://www.sanarmed.com/linha-do-tempo-do-coronavirus-no-brasil>. Acesso em: 18/08/2022.](https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19#:~:text=Em%2031%20de%20dezembro%20de,identificada%20antes%20em%20seres%20humanos>”. Acesso em: 08/08/2022.</p></div><div data-bbox=)

inclusive na “*Tópicos Especiais em Educação – Infância e Educação Social II*”. Durante as aulas discutimos e analisamos muitos textos que abordavam reflexões sobre a infância e a educação de crianças em seus diversos espaços na sociedade, inclusive a escolarização de crianças hospitalizadas, tema ainda pouco discutido no Brasil.

Na avaliação da disciplina, foi realizado um trabalho conjunto com crianças e com uma colega do doutorado. Mesmo em um contexto pandêmico e com todos os cuidados necessários, a disciplina me trouxe muitos questionamentos sobre a forma como a sociedade tem tratado as crianças em seus múltiplos contextos, sobretudo aquelas que realizam tratamento de saúde. Assim, foram redefinidos o tema da pesquisa e as preocupações com as crianças em diferentes conjunturas. Mediante as aprendizagens desta disciplina ocorreu meu encontro com o objeto da tese, que foi a investigação das infâncias das crianças hospitalizadas sob a ótica da perspectiva da Sociologia da Infância na Pedagogia Hospitalar, a partir das produções acadêmicas.

Para adentrar na temática da pesquisa e enriquecer nosso texto, ilustramos o desenho que faz parte da “*Carta da Criança Hospitalizada*”, de Portugal (União Europeia, 1988, p. 1), o qual preconiza os direitos das crianças em tratamento de saúde. Essas que durante muitos anos foram invisíveis para a sociedade, para a escola e em pesquisas sobre educação.

Figura 1: Crianças Hospitalizadas

Fonte: União Europeia, 1988, pg. 1. Disponível em: Disponível em <https://iacrianca.pt/wp-content/uploads/carta-crianca-hospitalizada-5-edicao.pdf>. Acesso em: 16/08/2022.

Na presença desse tema tão complexo e relevante sobre as múltiplas infâncias, delimitamos uma nova proposta de pesquisa. Assim, esta tese se preocupa com as infâncias das crianças em tratamento de saúde, a partir das produções acadêmicas nas contribuições da Sociologia da Infância.

Muitos estudos indicam que as crianças que participam de atividades educativas durante seu processo de internamento conservam o vínculo com a escola regular, uma vez que as Classes Hospitalares flexibilizam e realizam adaptações, mas sem perder de vista o currículo escolar da criança. A Educação no Hospital também se constitui como um importante agente de construção de conhecimentos e de aprendizagens, os quais possibilitam a expansão das relações sociais e culturais no âmbito hospitalar e auxiliam no processo de redução das angústias decorrentes da hospitalização.

Nesse sentido, a perspectiva da Sociologia da Infância é uma importante ferramenta para o desenvolvimento de atividades educacionais nesse espaço, pois o que já se sabe é que, em outras áreas e fases da educação, ela promove espaços de diálogos, de respeito e desenvolvimento, estimula o imaginário e propicia a interação e a construção de saberes. Assim, as práticas pautadas na perspectiva da Sociologia da Infância, aliadas à Educação no Hospital, tornam-

se instrumentos expressivos para que as crianças e seus familiares reforcem seus vínculos e para que consigam ter momentos que não se reduzam apenas a procedimentos e exames (muitos deles invasivos), que necessitam da manipulação de seus corpos, mesmo que contra a vontade da criança. Por isso a Sociologia da Infância valoriza as diferentes infâncias.

Diante do exposto, para a construção da pesquisa apresentamos alguns questionamentos a respeito do que dizem as pesquisas da área da Educação Hospitalar: como são construídas as narrativas das crianças em tratamento de saúde nas pesquisas? Quais as metodologias utilizadas nas pesquisas? Como o brincar e a educação para crianças em tratamento aparecem nas pesquisas?

Nesse sentido, essa tese se preocupa com as infâncias das crianças em tratamento de saúde. Como elas são estudadas? Quais as preocupações dos pesquisadores dessa área para dar visibilidade a essas crianças, suas vidas, infâncias, escolarização?

Diante dos questionamentos apresentados acima, essa tese procurou responder à seguinte problemática: Quais são os pressupostos da Sociologia da Infância nas produções acadêmicas sobre as infâncias das crianças em tratamento de saúde no Brasil?

O objetivo geral consistiu em investigar de que forma a Sociologia da Infância é retratada na produção acadêmica da Educação Hospitalar no Brasil. Esse objetivo geral se desdobrou em três específicos:

1- Descrever as características essenciais da Sociologia da Infância e da Educação Hospitalar;

2- Apresentar uma revisão de literatura, o mapeamento dos locais, tipos de pesquisa, formação dos pesquisadores e regiões que utilizam a metodologia da Sociologia da Infância nas pesquisas de Educação Hospitalar;

3- Identificar quais as categorias da Sociologia da Infância, como: brincar, narrativas infantis, protagonismo infantil e ressignificação do espaço pela criança hospitalizada, estão presentes nos estudos da Educação Hospitalar que adotam essa perspectiva teórica.

Para o desenvolvimento desta pesquisa foi elaborada uma revisão de literatura. A revisão de literatura é de grande valia no processo de investigação de uma pesquisa, e auxilia o pesquisador no processo de familiarização com

tudo o que já foi investigado sobre o objeto de pesquisa. Para Brizola e Fantin (2017, p. 24), a revisão de literatura ajuda:

[...] (a) delimitar o problema da pesquisa, (b) auxiliar na busca de novas linhas de investigação para o problema que o pesquisador pretende investigar, (c) evitar abordagens infrutíferas, ou seja, através da revisão da literatura o pesquisador pode procurar caminhos nunca percorridos, (d) identificar trabalhos já realizados, já escritos e partir para outra abordagem e (e) evitar que o pesquisador faça mais do mesmo, que diga o que já foi dito, tornando a sua pesquisa irrelevante.

As fases citadas acima se tornam mais acessíveis se o pesquisador trilhar algumas etapas que facilitarão a sistematização da revisão de literatura. Faz-se necessário analisar as publicações mais recentes, para identificar se a temática proposta já não está ultrapassada ou se possui relevância científica. Dessa forma, a revisão de literatura é fundamental para a realização de um trabalho de pesquisa, e as consultas para encontrar os textos de literatura são necessárias para:

[...] instigar dúvidas, verificar a posição de autores sobre uma questão, atualizar conhecimentos, reorientar o enunciado de um problema, ou ainda, encontrar novas metodologias que enriqueçam o projeto de pesquisa. Para reconhecer a unidade e a diversidade interpretativa existente no eixo temático em que se insere o problema em estudo, para ampliar, ramificar a análise interpretativa, bem como para compor as abstrações e sínteses que qualquer pesquisa requer colaborando para a coerência nas argumentações do pesquisador (Echer, 2001, p. 7).

Conforme Minayo (1993), o método conduz o pensamento e a prática desenvolvida na interpelação do real, pois a revisão de literatura deve ser substancial e reflexiva. Ante o exposto, nossa pesquisa trilhou alguns caminhos para seu desenvolvimento, a metodologia empregada na pesquisa foi uma revisão de literatura bibliográfica, e teve como objetivo investigar de que forma a Sociologia da Infância é retratada na produção acadêmica da Educação Hospitalar no Brasil. Para isso, realizamos uma busca na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), no portal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), na *Scientific Electronic*

Library Online (Scielo) e no Google Acadêmico. Contudo, o Google acadêmico nos viabilizou uma diversidade maior de trabalhos.

Os principais autores que fundamentaram a construção desse trabalho foram: Paula (2004), (2010); Paula e Gomes (2018); Menezes (2004); Santos (2008); Castro (2022), dentre outros, na área da Pedagogia Hospitalar. Corsaro (2011), Sarmiento (2004), (1997); Delgado e Muller (2005), no campo da Sociologia da Infância.

A abordagem empregada na pesquisa foi de cunho quantitativo-qualitativo. A realização das análises de dados foi pautada na Análise de Conteúdo de Bardin (1977, p. 42), que se caracteriza como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

Para a análise de conteúdo é realizado um estudo documental e de informações, baseado em um conjunto de técnicas, tencionando uma aproximação com os temas e os conceitos elementares contextualizados no texto, por meio do raciocínio lógico e da fundamentação, buscando alcançar sentido para o objeto analisado, e assim revelar aquilo que está oculto nas sentenças que foram relatadas.

Assim, a presente tese está estruturada da seguinte forma: na **Introdução** é apresentado um breve memorial da vida e do percurso acadêmico da pesquisadora, e as múltiplas Infâncias existentes. O brincar como uma das atividades preferidas da criança, um direito assegurado no Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (Brasil, 1990), o problema de pesquisa, os objetivos, o tipo de metodologia e uma breve descrição da análise dos dados.

Em seguida, a segunda seção, intitulada **Sociologia da Infância: Diferentes Contextos**, que aborda o avanço dos estudos sobre a Infância nos países da América Latina inseridos em um contexto social ambíguo, com um cenário político e econômico repleto de disparidades intrínsecas de cada país. Posteriormente, com base na perspectiva da Sociologia da Infância, discorre sobre o lugar que a criança ocupa na modernidade, sobretudo as crianças em

tratamento de saúde. Promove a compreensão da criança como protagonista social capaz de produzir e transformar culturas, mesmo que incorporadas no mundo adulto, bem como um breve relato das categorias: Brincar: um direito universal; Narrativas Infantis; e a Polissemia entre Protagonismo e Participação Infantil, todas fundamentais para a construção desta tese e presentes na Sociologia da Infância.

A terceira seção é **Educação Hospitalar: Uma Reflexão Sobre os Direitos das Crianças e dos Adolescentes**, que faz uma reflexão a respeito da infância acometida pela doença e seus inúmeros desafios. Também descreve as características essenciais da Sociologia da Infância e da Educação Hospitalar e a descrição dos conceitos: Classe Hospitalar; do Serviço de Atendimento e Escolarização Hospitalar (SAREH) do Paraná; e a Brinquedoteca hospitalar.

A quarta seção trata dos **Procedimentos Metodológicos**. Aqui foi descrito o caminho trilhado na pesquisa para realizar a revisão de literatura, a qual objetivou investigar de que forma a Sociologia da Infância é retratada na produção acadêmica da Educação Hospitalar no Brasil. As combinações dos descritores utilizadas para a busca foram: 1) Pedagogia Hospitalar *and* Sociologia da Infância; 2) Classe Hospitalar *and* Sociologia da Infância; 3) Brinquedoteca Hospitalar *and* Sociologia da Infância; 4) Educação Social e Saúde *and* Sociologia da Infância; 5) Atendimento Domiciliar Hospitalar *and* Sociologia da Infância; e 6) Projetos de Extensão Hospitalar *and* Sociologia da Infância. Por meio dessas combinações foi possível selecionar os trabalhos analisados no estudo. Os trabalhos analisados contemplaram o período de 2007 a 2022. Os procedimentos metodológicos empregados na pesquisa baseiam-se nos estudos de Montanha (2010), Bardin (1977), Minayo (1993), dentre outros.

A quinta seção foi nomeada como: **Os Pressupostos da Sociologia da Infância nas Produções Sobre a Educação Hospitalar**, e apresentou o mapeamento dos artigos, dissertações e tese selecionados para o desenvolvimento da pesquisa. As informações sobre os artigos foram descritas em quadros: com os nomes, local de formação dos autores e o ano das publicações, assim como os títulos dos trabalhos, as revistas em que foram publicadas e os locais. Posteriormente, identificamos as categorias que coadunam com a perspectiva da Sociologia da Infância, as descrevemos e organizamos um quadro indicando os trabalhos que contemplavam as

categorias. Em seguida foi realizado um mapeamento dos locais e tipos de pesquisa, formação dos pesquisadores, regiões que mais utilizam a perspectiva da Sociologia da Infância.

Na sexta e última seção, nas **Considerações finais**, tecemos algumas reflexões sobre as informações dos trabalhos analisados, as quais evidenciaram que as pesquisas com crianças contribuem para os estudos da Infância, pois abordam as crianças como atores e produtores de cultura, que narram, refletem e expõem suas experiências de vida, uma visão compatível com a perspectiva da Sociologia da Infância. Também evidenciamos algumas reflexões, como a importância de escutar e reconhecer as crianças como sujeitos de direitos, plenos com potencialidades e condições de refletir sobre as coisas que lhes ocorrem, evidenciando o seu protagonismo.

2. SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA: DIFERENTES CONTEXTOS DA INFÂNCIA

Nesta seção abordaremos a evolução dos estudos na área da infância nos países da América Latina, entremeada em um contexto societário desordenado, política e economicamente, refletindo diretamente sobre os estudos desenvolvidos sobre as concepções e as representações da infância. Assim como o extemporâneo aparecimento da criança no âmbito da Sociologia, uma vez que a criança ocupava uma condição de inferioridade na sociedade, ou seja, apenas como um período que precede a vida adulta, até serem inseridas precocemente na maior idade.

2.1 Crianças e infâncias na perspectiva da Sociologia da Infância

De acordo com Voltarelli e Nascimento (2019), o avanço dos estudos sobre a Infância nos países da América Latina se insere em um contexto social ambíguo, com um cenário político e econômico repleto de disparidades intrínsecas a cada país que os integra, demarcados por diferentes infraestruturas, em que as instituições e as pesquisas desenvolvidas são orientadas pelo campo científico vigente; tais determinações refletem diretamente no que se refere às traduções de livros e artigos.

A interferência com relação às produções reflete diretamente na compreensão das representações da infância, no estabelecimento de grupos de estudos e pesquisa, dentre outros fatores que incidem sobre o contexto das produções científicas.

Voltarelli e Nascimento (2019, p. 213), amparadas na pesquisa de Unda Lara (2009), descrevem que “na América Latina, em geral, estudos da infância e a produção de pesquisa se intensificaram a partir da década de 1980”, período marcado por um gradativo desequilíbrio social e político, sinalizado por inúmeros processos de desinstitucionalização, bem como o desmantelamento democrático que provieram de sucessivos movimentos sociais. Os estudos de Voltarelli e Nascimento (2019) também apontam que nessa década verifica-se uma intensa preocupação com direitos humanos, sobretudo no que se refere aos direitos das crianças.

No entanto, é em meados dos anos de 1990 que a esfera da infância se tornou perceptível de forma mais evidente, em consequência da promulgação da Convenção sobre os Direitos da Criança - CDC (Nações Unidas, 1989), conforme Voltarelli e Nascimento (2019), deliberada pela Assembleia Geral das Nações Unidas em 1989. Antes disso, os projetos destinados à infância, na verdade, quase não existiam, se assentavam somente ao redor de premissas/perspectivas societárias das crianças na esfera das políticas sociais, em benefício da condição de seu bem-estar.

A partir desse momento, a atenção com a vida e com as políticas direcionadas às crianças possibilita o crescimento da área de estudos, que já passa por um processo de evolução e de consolidação. Por consequência, ocorre um aumento considerável de publicações de mestrado e doutorado na América Latina, tendo como foco principal a infância.

Voltarelli e Nascimento (2019) evidenciam que o aviltamento deste campo de pesquisa exprime inúmeras particularidades, que constituem uma esfera multidisciplinar na tentativa de atender às inúmeras problemáticas existentes nas pesquisas, as quais necessitam de uma análise do objeto baseado nas diversas constituições teóricas e históricas, propiciando a integração de diversas disciplinas para incorporar as características da infância no corpo social.

De acordo com Corsaro (2011), as pesquisas elaboradas sobre as crianças são bem distintas daquelas realizadas nas últimas décadas, visto que nos deparamos com uma vasta produção de estudos na perspectiva da Sociologia da Infância. Outro ponto analisado pelo autor são as razões da invisibilidade e do tardio aparecimento da criança no campo sociológico, pois historicamente elas foram excluídas na Sociologia em razão de sua posição subordinada na sociedade e às construções teóricas a respeito da infância e da socialização.

Durante muito tempo, as infâncias foram entendidas como uma condição de “*vir-a-ser*”, como meninice que antecede a fase adulta, apenas como futuros integrantes e colaboradores da ordem social vigente, raramente percebidos como atores sociais providos de particularidades e de sentimentos pela vida, ou seja, compreendidas meramente como “[...] futuros cidadãos que ocupariam um lugar e trariam contribuições ao mundo adulto, as crianças não eram

consideradas indivíduos com interesses específicos ou produtoras de cultura.” (Dip; Tebet, 2019, p. 34).

Diante do exposto, verifica-se o recalçamento dos sentimentos das crianças diante de uma dinâmica de vida adultocêntrica, na qual elas estavam às margens da sociedade, visto que as crianças eram concebidas em suas particularidades de maneira homogênea.

Raramente as crianças são vistas de uma forma que contemple o que são - crianças com vidas em andamento, necessidades e desejos. Na verdade, na vida atual, as necessidades e os desejos das crianças são muitas vezes considerados como causa de preocupação por adultos, como problemas sociais ameaçadores que precisam ser resolvidos (Corsaro, 2011, p. 18).

A Sociologia da Infância promove a compreensão da criança como protagonista social capaz de produzir e transformar culturas, mesmo que incorporadas no mundo adulto. Segundo Corsaro (2011), a Sociologia da Infância aponta que as crianças, da mesma forma que os adultos, são membros ativos na construção social da infância e na elaboração elucidativa de sua cultura compartilhada. As mudanças provenientes dos processos de comunicação estabelecidos entre as crianças e os adultos transformam as particularidades das relações sociais culturais e interferem nas relações, nas construções, nas configurações de suas identidades, nos ensinamentos e na educação de suas convicções. Conforme Lobachinski (2018, p. 16),

[...] a sociedade industrial coleciona um abarrotamento de contradições desumanizadoras decorrentes do processo produtivo e, ao mesmo tempo em que é provedora de inúmeros recursos tecnológicos que facilitam a existência humana, encarrega-se da difusão de uma colossal disparidade. Essa conjuntura fornece os subsídios necessários para a constituição da nova sintomática da modernidade: a possível anulação da infância.

Desta forma, a disparidade social reforça para a existência de múltiplas infâncias, conforme demonstrado por muitos trabalhos, como o documentário dirigido por Liliana Sulzbach, no ano de 2000 – “*A invenção da infância*”, o qual apresenta o tema que evidencia que “ser criança não significa ter infância”. O

trabalho exprime a vasta diversidade e as desigualdades presentes dentro de um mesmo território, assim como as divergências existentes em várias esferas de inserções infantis, das famílias com alto poderio econômico até as famílias com vulnerabilidades sociais, que vivem abaixo da linha da pobreza.

Das crianças esgotadas física e emocionalmente em decorrência do excesso de atividades extracurriculares às crianças que trabalham para ajudar no sustento da casa; das crianças apresentadas no filme "*Muito além do peso*", produzido pelo Instituto Alana, no ano de 2012 e dirigido por Estela Renner, que denuncia a obesidade infantil e retrata crianças que, apesar da pouca idade, já apresentam doenças que em outros tempos eram restritas aos adultos, como depressão, diabetes e problemas cardiovasculares. Por outro lado, temos aquelas crianças que não têm o básico para sobreviver, altamente desnutridas e que não têm acesso a direitos básicos, como educação e tratamento médico. Essa desproporção gigantesca é um reflexo decorrente do desmedido desequilíbrio político, social e econômico vigente na sociedade industrial.

De acordo com Dornelles (2005), é preciso refletir acerca das "Infâncias que nos escapam", apresentadas diariamente em revistas, jornais, internet, dentre outros meios de comunicação, os quais noticiam várias fatalidades que envolvem pessoas de todas as idades, inclusive com múltiplas crianças, com as crianças violadas, as exploradas, as sobrecarregadas, as felizes, as melancólicas, as deprimidas, as que fantasiam, as hospitalizadas, as objetificadas, as aprisionadas, enfim, todas aquelas que têm suas infâncias arrebatadas e apagadas cotidianamente.

No trabalho intitulado "*As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª Modernidade*", Sarmiento (2004) apresenta o poema "*Lugar Comum*", de autoria de Maria Velho da Costa, no qual ela descreve a desolação de um "medidor de crianças", em decorrência do espaço preenchido pelas crianças na sociedade, pois para ele é extremamente desagradável ao ponto de desejar profundamente que as crianças desapareçam. Para Sarmiento (2004), é um alívio não nos apoiarmos em pensamentos como este, pois não temos o costume de enquadrar nossas crianças em formas, em caixas nas quais todas têm as mesmas formas e proporções, a mesma forma de pensar, vontades e predileções, em um lugar que todas têm que se adaptar e se ajustar impecavelmente às determinações impostas a elas, a ponto de serem esquecidas.

Pelo contrário, defendemos que a diferença radical da infância consiste precisamente em deslocar-se na norma axiológica e gnosiológica constituída pelos adultos, o que faz com que cada criança se insira na sociedade não como um ser estranho, mas como actor social portador de novidade que é inerente à sua pertença à geração que dá continuidade e faz renascer o mundo. As crianças, todas as crianças, transportam o peso da sociedade que os adultos lhes legam, mas fazendo-o com a leveza da renovação e o sentido de que tudo é de novo possível. É por isso que o lugar da infância é um *entre-lugar* (Sarmiento, 2004, p. 2).

Para Sarmiento (2004), o *entre-lugar* é o local entre dois estados, aquilo que é determinado pelos adultos e o que é reconstituído pelas crianças, entre dois tempos, o transcorrido e o porvir. Para o autor, a infância é uma determinação instituída pela modernidade; ainda que na história da humanidade sempre tenha havido crianças, nem sempre existiu infância dotada de princípios e particularidades, sequer como categoria social, eram somente seres biológicos à espera da vida adulta, isto é, a constituição da história da infância é resultante de “[...] um processo complexo de produção de representações sobre as crianças, de estruturação de seus quotidianos e mundos de vida e, especialmente de constituição de organizações sociais para as crianças” (Sarmiento, 2004, p. 3).

A consolidação da infância na modernidade se estabeleceu em consequência de muitos coeficientes, como:

[...] a luta pela equiparação de direitos das mulheres na sociedade, a reorganização nuclear das famílias, o surgimento de áreas de socialização compartilhadas, como por exemplo, a criação das instituições de ensino, a escola pública associada a produções de conhecimento acerca da infância e a solidificação da infância como categoria social. Assim como, a necessidade da sociedade industrial em formar adultos úteis, para mão de obra (Lobachinski, 2018, p. 19).

As modificações ocorridas no âmbito da sociedade moderna e suas novas consolidações transformaram também a organização de muitas famílias, pois aquelas que em outros tempos conferiam os cuidados de suas crianças a terceiros, agora assumem a responsabilidade pela educação de seus filhos, sobretudo famílias que desejavam galgar uma posição social mais elevada. Por conseguinte, essas transformações ocorridas internamente no ambiente familiar

desconstróem o estereótipo de família perfeita, daquela padronizada como ideal, concedendo uma configuração familiar, a monoparental.

Para Sarmiento (2004), essa renovação familiar sugere um novo entendimento sobre a família, ou seja, que ela seja analisada como uma instituição social, constituída, organizada e composta como tal, e não como um organismo inalterado diante das variações da sociedade. Em decorrência disso, existem diferentes situações familiares, aquelas nas quais os adultos passam a ficar mais tempo em casa em virtude da falta de emprego, aposentadoria, *home office*, dentre outros formatos de trabalho.

Em contrapartida, as crianças passam mais tempo fora de suas casas devido à rotina intensa de atividades extracurriculares, como escolas em tempo integral (quando as suas cidades oferecem essa forma de educação), contraturno, reforço escolar, balé, judô, futebol, inglês, dentre muitas outras atividades que preenchem o dia de muitas crianças. Há também as crianças que ficam nos hospitais, que realizam tratamento de saúde, que necessitam de acompanhamento constante dos seus familiares. Conforme Montanha e Brostolin (2020),

Viver dias da infância em um hospital possibilita sentir todos os sentimentos que fora dele talvez fosse necessária uma vida toda para senti-los. O contato com a doença, a possibilidade de morte, de coma, de alta, de cura, de gravidade da doença, de dor, da ausência dela, de alegrias, de tristeza, de amor, de solidariedade, de saudade, de espanto, de medo, de curiosidade, de vergonha, de surpresa, a angústia do barulho e do silêncio, são manifestações vividas em um só dia na Classe Hospitalar (Montanha e Brostolin, 2020, p. 1111).

De acordo com Sarmiento (2004), a modernidade também empreendeu um conjunto de métodos para regular as crianças - a *administração simbólica da infância*. A expressão revela a prescrição de normas, determinações, procedimentos e premissas nem sempre formalizadas, mas que ainda assim, sujeitam e “ajustam” a vida das crianças no âmbito social. Nesse caso, a sistematização do tempo das crianças representa um modo tácito de se conduzir a infância, uma vez que a demasiada rotatividade de atividades, tarefas, compromissos e ocupações as mantêm por um longo período fora de casa,

preenchendo, desse modo, o dia das crianças com inúmeras atividades, favorecendo e “aliviando” a rotina diária de seus responsáveis.

A administração da infância gerou muitas práticas previstas, como quais lugares as crianças devem ou não frequentar, o que elas podem comer (o que é considerado saudável), quais atividades elas podem praticar de forma coletiva, contudo, agarrado a essas premissas, evidenciou-se o acesso em muitas áreas que anteriormente eram destinadas aos adultos.

Em decorrência das ampliações ocorridas no âmbito educacional e da administração da infância resultante da reestruturação da organização familiar, surgiram novos modelos educativos com estruturas e organizações que corroboram para a solidificação da educação. Com base nisso, Sarmiento (2004) afirma que a infância passa a ser sistematizada de acordo com as regulamentações da Convenção dos Direitos da Criança em fomento com as regras de agências estrangeiras, como o Fundo das Nações Unidas para a Infância – UNICEF, Organização Internacional do Trabalho – OIT e Organização Mundial da Saúde – OMS, uma vez que estas expressam e personificam uma infância universal.

Embora essa nova estruturação da infância tenha apresentado uma característica de infância homogênea, problemas anteriores, inerentes à classe, como etnia, gênero e desigualdade, ainda se mantêm e legitimam a padronização desse processo.

Por conseguinte, a criança como protagonista social e detentora de direitos, aquela produtora de cultura, com seus princípios e suas normas, ainda é desconsiderada:

A consideração das crianças como actores sociais de pleno direito, e não como menores ou como componentes acessórios ou meios da sociedade dos adultos, implica o reconhecimento da capacidade de produção simbólica por parte das crianças e a constituição das suas representações e crenças em sistemas organizados, isto é, em culturas (Sarmiento, 1997, p. 6).

As crianças participam e estabelecem relações com os adultos, e cooperam ativamente com seus pares na construção social da cultura infantil, elas atribuem significado ao meio em que estão inseridas. Portanto, as crianças não são recipientes no qual nós despejamos nossas determinações e regras

adultas. É evidente e perceptível que as crianças desde muito cedo são capazes de expressar suas vontades, seus desinteresses e desconfortos frente a acontecimentos e/ou à presença de algumas pessoas. A manifestação ocorre por meio de sinais corporais, pela cautela diante de eventos que geram inquietação, palavras, ações que revelam o seu desconforto.

De acordo com Kishimoto (2010), precisamos desconsiderar o argumento de que a criança se utiliza somente da linguagem verbal para se comunicar, pois ela tem cem vocábulos, expressões e sentenças: ela gesticula, fala, desenha, imita, dentre muitas outras manifestações que compreendem a existência e a atuação das crianças no convívio social, ou seja, em todas as suas linguagens. Portanto, as crianças constituem/estabelecem, reelaboram e incorporam novos componentes estruturantes para a sociedade.

Para Corsaro (2011), elas são agentes sociais ativos e imaginativos, que constituem suas culturas infantis, com características particulares e inerentes, e ao, mesmo tempo, colaboram para a produção cultural da comunidade adulta, uma vez que os princípios pertencentes ao universo infantil se constituem a partir das relações e da convivência com outros grupos da mesma idade ou mais velhos, com outras crianças, familiares e adultos. Ou seja, as crianças instigam e são instigadas pelo ambiente aos quais pertencem.

Conforme Delgado e Müller (2005), as crianças desenvolvem atividades com base no ato de brincar, no imaginário, na criatividade e na leitura/compreensão da realidade com um sistema particular dos grupos infantis. Quando as crianças brincam, elas estabelecem relações entre si, interagem e definem posições dentro das brincadeiras e dos jogos. Deste modo, as crianças validam a perspectiva da Sociologia da Infância, em que se evidenciam atividades características, como a harmonização de certas concepções de determinados grupos dentro da sociedade, em particular das crianças, os quais não apresentam nenhum constituinte análogo com o grupo dos adultos, visto que há culturas infantis constituídas quase que exclusivamente por componentes das crianças e assinalados pela sua essência lúdica.

O conjunto dessas mudanças representa a conciliação e a integralização com estrutura organizacional moderna da infância e de suas normas que legitimam suas especificidades, sua diversidade e uma infância plural. Os recursos que as crianças utilizam para incorporar na convivência social são

frequentemente redirecionados de acordo com o desenrolar das mudanças no âmbito da sociedade, assim restabelecendo a administração simbólica da infância, ao conferir novas conjunturas de socialização para as crianças, bem distintas de outras épocas.

Para Corsaro (2011), a infância é um período socialmente constituído no qual as crianças vivem suas vidas, ou seja, é “uma forma estrutural”. A referência feita à infância como uma forma estrutural indica uma categoria ou um fragmento da sociedade, como classes de grupos de idade ou classes sociais, logo:

[...] as crianças são membros ou operadores de suas infâncias. Para as próprias crianças, a infância é um período temporário. Por outro lado, para a sociedade, a infância é uma forma estrutural permanente ou categoria que nunca desaparece, embora seus membros mudem continuamente e sua natureza e concepção variem historicamente. É um pouco difícil reconhecer a infância como uma forma estrutural porque tendemos a pensar nela como exclusivamente como um período em que as crianças são preparadas para o ingresso na sociedade. Mas as crianças já são uma parte da sociedade desde seu nascimento, assim como a infância é parte integrante da sociedade (Corsaro, 2011, p. 15-16).

Desta maneira, os estudos da Sociologia da Infância evidenciam que o ser social é constituído a partir das inúmeras relações estabelecidas com seus pares, ou seja, ao mesmo tempo que ele experimenta o meio social, é modificado por ele. Assim, quando concebemos a infância como uma categoria social que envolve a experiência de ser criança em diversos contextos no âmbito social, entendemos as crianças como “[...] agentes sociais, ativos e criativos, que produzem suas próprias e exclusivas culturas infantis, enquanto, simultaneamente, contribuem para a produção das sociedades adultas.” (Corsaro, 2011, p. 15).

Por conseguinte, a constituição social da infância se transforma de acordo com os períodos históricos e das divergências nas conjecturas sociais e culturais. Posto isso, verifica-se que não existe uma concepção de infância singular, mas múltiplas infâncias no mundo todo, que se distinguem em suas particularidades. Mesmo que possuam aspectos biológicos parecidos, de modo algum anula as diversidades culturais e sociais constituídas historicamente.

Portanto, a partir dos pressupostos que orientam as reflexões teóricas no que se refere às múltiplas infâncias e à compreensão de que as crianças instituem seu próprio sistema para desvendar o mundo, descreveremos a seguir algumas categorias importantes presentes na Sociologia da Infância, fundamentais para a construção desta tese.

2. 2 Brincar: um direito universal

O exercício do brincar está representado no 7º princípio da Declaração Universal dos Direitos da Criança, o qual discorre que “a criança deve desfrutar plenamente de jogos e brincadeiras os quais deverão estar dirigidos para educação; a sociedade e as autoridades públicas se esforçarão para promover o exercício deste direito.” (Declaração Universal dos Direitos das Crianças, 1959).

De acordo com Caires e Masetti (2015), o brincar assume a forma que a criança utiliza para expor seus temores, anseios e desilusões, expressando de modo figurativo suas fantasias, pretensões e vivências, pois acredita-se que,

Quando a criança brinca, ela se sente envolvida e comprometida com o que está fazendo, encontrando soluções possíveis e confortáveis para lidar com situações difíceis, ou seja, ela cria um mundo em que pode dominar, podendo assim usar os brinquedos para reviver alguma situação, podendo dar o desfecho que ache melhor, expondo suas emoções e conflitos (Favero *et al.*, 2007, p. 521).

Dessa forma, para a criança o brincar ultrapassa a atividade da ocupação, constitui-se como uma necessidade, é o seu ofício, é por intermédio do brincar que a criança desenvolve o seu emocional, o cognitivo, o social e o seu físico.

De acordo com Lopes e Paula (2012, p. 170), quando a criança brinca, ela expressa “[...] sua visão de si e do mundo no qual vive, reproduz e recria comportamentos e culturas”. No momento em que brinca, ela concentra sua atenção no lúdico e no mundo imaginário que a atividade do brincar lhe proporciona, inclusive nos momentos partilhados com seus colegas, transferindo, assim, sua atenção para coisas boas e prazerosas.

Para Santos e Ferreira (2013, pg. 11), no momento em que a criança brinca, ela é estimulada, pois desenvolve e aprimora sentidos substanciais como a “[...] memorização, a concentração, a motivação, a motricidade, a socialização, adquirindo confiança em si e nas suas possibilidades”.

Os estudos de Mello *et al.* (2021) indicam que, para reconhecer e enaltecer as construções culturais das crianças, é necessário observar com cautela e afetividade as linguagens utilizadas pelas crianças para se expressarem, em especial a corporal. Desta forma, “[...] até o não-brincar ou a recusa por determinada brincadeira, pode representar uma forma de expressão da criança em relação aos seus desejos e necessidades lúdicas” (Mello *et al.*, 2021, p. 104).

Portanto, mediante o contato e as conexões com as práticas lúdicas, ocorrem distintas manifestações de aprendizagem, as quais evidenciam os interesses, desejos e as necessidades das crianças a respeito de suas brincadeiras. Dessa forma, identificar e enaltecer tais expressões de aprendizagem são fundamentais para o desenvolvimento e a concretização de propostas pedagógicas que têm como objetivo a reiteração do brincar enquanto direito das crianças.

2. 3 Narrativas Infantis

A palavra “narrativa” deriva do Latim *narrare*, significa a ação de “contar, relatar, narrar”, ou seja, que foi dito “tornar conhecido”⁸. Existem inúmeros dicionários e trabalhos que explicam a atividade da narrativa, descrevem-na como ação, propósito ou intenção de narrar, descrever, relatar um fato, acontecimentos, fenômenos, situações reais ou imaginárias, fazendo o uso de palavras, a narração.

A definição ampla de narrativa é, para Squire (2014, p. 273), “[...] como ampla cadeia de signos com sentidos sociais, culturais e/ou históricos particulares, e não gerais”. Por conseguinte, tal designação evidencia que as narrativas envolvem um grupo de signos que se deslocam temporariamente, é o

⁸ Origem da palavra. **Narrativa**. Disponível em: <https://origemdapalavra.com.br/pergunta/etimologia-538/>. Acesso em: 26/04/2024.

movimento de um signo para outro, com uma significação social, histórica e cultural cognoscível.

De acordo com Cabral (2013), a narrativa é uma metodologia que vem crescendo em pesquisas na área educacional, construindo um campo significativo em abordagens qualitativas com características interpretativas. Consiste em um sistema transformador para as Ciências Humanas, devido à valorização das particularidades de cada um como objeto central nas pesquisas, uma vez que “o método narrativo pretende dar voz aos sujeitos da pesquisa, reconhecendo-os assim como atores e autores da sua história” (Cabral, 2013, p. 33).

Para Cabral (2013), a técnica narrativa se distancia da relação tradicional de entrevistas, conferindo ao entrevistado a função de construir o relato de sua história. No momento em que narra, o sujeito elabora uma atividade de reconstrução de si próprio, conferindo “voz” aos participantes da pesquisa.

O movimento do exercício da análise das narrativas é concebido como um instrumento crucial na construção de estudos que se dispõem a investigar as formas pelas quais os sujeitos atribuem sentido aos seus sentimentos, emoções e vivências, em especial nas pesquisas sobre crianças realizadas com as crianças.

Costa e Passeggi (2020) compreendem que a escuta às crianças requer a interpretação de tudo aquilo que foi dito por elas, entendendo que nesse processo ela empreende um tríplice esforço, “[...] primeiramente, o de dar sentido ao que lhe acontece, em seguida, o de se fazer compreender e, finalmente, o de se compreender a si mesma” (Costa; Passeggi, 2020, p. 3). Portanto, a constituição das narrativas tem o propósito de conceder significado e organização à experiência humana, dispondo de características essenciais para instituir vínculos entre elementos desiguais.

De acordo com Barbosa, Zandomínegue e Mello (2020, p. 2), as narrativas infantis representam as diversas formas pelas quais as crianças se expressam e se comunicam no mundo, com suas múltiplas linguagens, pensamentos, brincadeiras e formas de agir. Desse modo, ao mesmo tempo que as crianças brincam, elas demonstram uma facilidade e uma flexibilidade de criar e recriar seus mecanismos durante suas práticas brincantes, e assim as narrativas expressam aquilo que elas pensam e praticam.

Ainda para Barbosa, Zandomínegue e Mello (2020, p. 2), o relato das narrativas infantis advindas das práticas brincantes, oriundas do relacionamento instituído entre crianças, é o que estabelece a possibilidade de compreender a totalidade das construções culturais da infância. Usualmente, nas construções de pesquisas, são elaborados entrevistas e registros em diários de campo, é por meio desses procedimentos que os(as) pesquisadores(as) conseguem extrair informações que asseguram e evidenciam a interatividade das crianças, assim como identificam diversas linguagens corporais.

Diante do exposto, torna-se indispensável considerar e valorizar as narrativas infantis, em todos os espaços ocupados pelas crianças, sobretudo nos educativos, pois, para Coêlho e Souza (2019, p. 225),

[...] a valorização das narrativas infantis se apresenta como um relevante dispositivo para compreender a infância, em sua diversidade, e para se pensar em uma educação que possa concretizar os direitos das crianças, estabelecidos legalmente por documentos oficiais destinados às crianças [...]

Portanto, as narrativas infantis manifestam a relevância das expressões resultantes do brincar, intrínsecas à cultura infantil, para que as crianças interajam com seus pares e manifestem sua forma de existir e pertencer no mundo, levando em consideração o desenvolvimento de suas subjetividades e a realidade retratada em seu contexto social. Assim, nas narrativas infantis é possível verificar a exteriorização das crianças a respeito de suas aprendizagens, aquilo que elas experienciam nos diversos contextos, sobretudo nos espaços educativos.

2.4 A Polissemia entre Protagonismo e Participação Infantil

Com base nos estudos da perspectiva da Sociologia da Infância, Cabral e Dias (2019) sugerem a defesa da personificação de uma criança sociológica, que colabora e participa ativamente da sociedade, dinâmica, reflexiva e revolucionária, aquela que não se submete às limitações e às determinações do *status quo*, que reproduz novas formas de existir e pertencer na atualidade.

Pires e Branco (2007) apontam um estudo elaborado por Ferretti, Zibas & Tartuce (2004), no qual evidenciam a existência de vários estudos sobre o tema,

com inúmeras concepções a respeito do conceito de protagonismo e participação, exteriorizando uma natureza multívoca. Como trata-se de uma compreensão com distintas conceituações, sobrepostas a outros conceitos igualmente polissêmicos, como “[...] participação, responsabilidade social, identidade, autonomia e cidadania” (Pires; Branco, 2007, p. 312), as considerações a respeito da ambiguidade de sua aplicação tornam-se incoerentes.

Dessa forma, não existe uma diferenciação tangível entre protagonismo e participação nas bibliografias investigadas, indicando, por esse motivo, a ideia de que um autor é capaz de empregar reciprocamente os conceitos de protagonismo e participação no mesmo contexto, tal como existem situações em que é aplicado o mesmo significado aos dois termos. À parte as discussões quanto a aplicabilidade dos conceitos de protagonismo e participação, parecem existir algumas vantagens evidentes em relação à utilização desta última, pois:

A primeira se refere à facilidade do emprego do vocábulo por crianças, uma vez que, em uma primeira análise, a palavra participação é um termo de uso corrente na língua portuguesa. A segunda vantagem se refere a maior facilidade para explicar o que é participação (com o significado de protagonizar) para as crianças, no contexto de programas ou campanhas que visem promover o seu envolvimento nos processos decisórios para transformações sociais (Pires; Branco, 2007, p. 312).

Desta forma, os autores preconizam que o protagonismo requer uma organização colaborativa e de contribuição entre os adultos e as crianças, considerando as transformações criativas de natureza sociocultural que se pretende transcender.

Cabral e Dias (2019) concebem que a atividade da criança, sob a ótica da perspectiva da Sociologia da Infância, “[...] é crítica, criativa e inteligível, a imagem da criança **protagonista** é entendida aqui como resultado da (des/re)construção das imagens da criança pré-sociológica”, discutidas por Sarmiento (2007), organizada a um quadro interpretativo que considerou a infância como categoria social, resultante de um movimento reflexivo contemporâneo na esfera dos trabalhos da modernidade, presentes atualmente na conjuntura da comunidade científica no âmbito das Ciências Humanas e Sociais.

Conforme Cabral e Dias (2019), os princípios que fundamentam a criança como ator social, produtora, que renova e decifra o mundo segundo suas compreensões, significações e manifestações particulares/intrínsecas, claramente elabora naturalmente sua cultura na multiplicidade das ligações que institui no “entre lugar”, definido por Sarmiento (2004) como um lugar de interstício entre dois sistemas - aquele repetido pelos adultos e o estabelecido pelas crianças. Assim, consiste em um lugar que é socialmente constituído, mas relativamente existente e restaurado pela atuação comum das crianças, que contribui para a constituição das culturas infantis; em outras palavras, manifestam-se das múltiplas infâncias advindas da combinação de diversas culturas e contextos.

Segundo Sarmiento (2007), as ações exercidas pelas crianças representam o modo pelo qual elas resistem mediante sua atuação efetiva na sociedade, seja em lugares desconhecidos ou livres da interferência dos adultos. Por essa razão, a concepção de criança na qualidade de ator social. Para Cabral e Dias (2019), esse princípio constitui o mundo simbólico da epistemologia moderna da infância, e a ruptura com a interpretação “[...] analítica do adultocentrismo e o princípio da negatividade, e compreende as imagens sociais da infância a partir do próprio protagonismo infantil, expresso na socialização horizontal e nas relações de alteridade geracional.” (Cabral; Dias, 2019, p. 442).

As análises de Cabral e Dias (2019) foram dirigidas com o propósito de desvelar as culturas da infância, empenhando-se na identificação de indicativos do protagonismo infantil, ou seja, levou-se em consideração, principalmente, as concepções das teorias interpretativas das próprias crianças a respeito de suas histórias de vida, na tentativa de compreender suas concepções sobre o que significa ser criança, e ter infância.

Desta forma, a imagem da criança protagonista é descrita por Cabral e Dias (2019) como aquela que produz suas culturas e confere sentido e significância nas relações entre seus pares e os adultos, de modo dinâmico e criativo, aquela que se reconhece como criança e alcança seus direitos de infância. Portanto, a Sociologia da Infância reitera a compreensão de que as crianças interpretam seu mundo e sua forma de existir e de viver em suas inúmeras relações representativas, mutuamente determinadas, em uma

dinâmica constante de transformação. Conforme ocorre a incorporação e a interpretação daquilo que ela experimenta dos sistemas sociais, as crianças nos interrogam por meio de suas reorganizações, e nos instigam a compreender o universo infantil a partir do seu ponto de vista e não da forma que observamos e consideramos.

Da mesma forma, Abromowicz e Oliveira (2010, p. 39) atribuem à criança “[...] o papel de sujeito e protagonista da história, e dos processos de socialização. Ou seja, a criança é compreendida como sujeito social capaz de se atribuir significados, sentidos e cultura própria e inusitada”.

Portanto, apesar da conjuntura e das condições, as crianças desempenham seu protagonismo nas relações de diversidade construídas no decorrer da infância, e constituem de forma criativa suas formas particulares de resistência e confrontação às imposições culturais e sociais em que ela está inserida, configurando uma nova simbologia, a criança protagonista. Por isso, inferimos que o protagonismo infantil se torna evidente de inúmeras formas e em diferentes contextos, por esse motivo é fundamental considerar a criança como sujeito social e histórico, que dispõe de direitos, os quais são evidenciados por intermédio de sua compreensão do mundo e de sua cultura.

Por conseguinte, a fim de compreendermos o contexto educacional e lúdico das crianças em tratamento de saúde, a partir das pesquisas realizadas em ambientes hospitalares, apresentaremos algumas compreensões sobre os atendimentos pedagógicos domiciliares e as brinquedotecas hospitalares.

3. EDUCAÇÃO HOSPITALAR: UMA REFLEXÃO SOBRE OS DIREITOS DAS CRIANÇAS E DOS ADOLESCENTES

Para Rolim (2018), a reflexão a respeito da infância acometida pela doença é um percurso com inúmeros desafios, abarrotado de indagações sobre a criança, de seu amadurecimento e lugar de direito. Significa mergulhar em concepções culturais e sociais que compreendem a infância afetada pela doença, que estabeleçam e situem seus espaços, interpelando as escolas e os hospitais. Para abrilhantar a reflexão sobre organização e funcionamento das classes hospitalares, fizemos o uso da imagem retirada da “*Carta da Criança Hospitalizada*”, de Portugal (União Europeia, 1988, p. 14).

Figura 2: Cuidados prestados às crianças



Fonte: União Europeia, 1988, p. 14. Disponível em: Disponível em <https://iacrianca.pt/wp-content/uploads/carta-crianca-hospitalizada-5-edicao.pdf>. acesso em: 16/08/2022.

3.1 Classe Hospitalar

Existem vários tipos de atendimento para as crianças em tratamento de saúde, os quais descreveremos nesta seção. Desde a década de 1980, vários estudiosos têm procurado tornar os hospitais e instituições que atendem essas crianças espaços lúdicos e acolhedores.

No Brasil, de acordo com o documento “*Classe Hospitalar e Atendimento Pedagógico Domiciliar: estratégias e orientações*”, elaborado em 2002 pelo Ministério da Educação e Secretaria de Educação Especial (Brasil, 2002), a Classe Hospitalar é um ambiente projetado com a finalidade de favorecer o desenvolvimento e a constituição do conhecimento para crianças, jovens e adultos, no contexto da educação básica, considerando suas capacidades e necessidades especiais individuais.

É preciso considerar que o termo Classe Hospitalar é muito vago para exprimir a potencialidade deste espaço. Zaias (2010), em sua dissertação de mestrado, discutiu as lacunas desse conceito, dado que “[...] muitos pesquisadores consideram a expressão Classe Hospitalar insuficiente para atender as demandas que existem no contexto do hospital” (p. 14). Assim, a compreensão do termo “Classe Hospitalar” caracteriza essa categoria de ensino como um complemento das escolas regulares, e, dessa forma, contribui para a precarização da autonomia desse sistema.

De acordo com Zaias (2010), atualmente existem inúmeras nomenclaturas empregadas por vários pesquisadores da área, dentre os quais Matos (2008), que faz o uso do termo “escolarização hospitalar”; Fonseca (2008), que utiliza “escola hospitalar” e “atendimento pedagógico-educacional hospitalar”; Paula (2005) e Arosa e Shilke (2007), que aplicam em seus estudos o conceito “escola no hospital”, para indicar as atividades pedagógicas desenvolvidas no âmbito hospitalar.

Zaias (2010) sugere que a expressão “escola no hospital” é a mais adequada, pois ela compreende as exigências de uma organização tão complexa como as práticas pedagógicas elaboradas na esfera hospitalar, e não simplesmente os professores remanejados de suas instituições de origem. Dessa forma, é fundamental que as escolas nos hospitais disponham de um número considerável de profissionais para que sejam capazes de atender as diferentes esferas de conhecimento das crianças, em seus diversos níveis de ensino, assim como dispor de uma coordenação pedagógica com condições para intermediar o vínculo estabelecido entre as escolas regulares e as escolas nos hospitais.

Todavia, neste trabalho vamos utilizar o conceito de Classe Hospitalar porque é o utilizado pelo Ministério da Educação, mas afirmamos a necessidade

de revisão desse conceito. Nas Classes Hospitalares, de acordo com o documento Brasil (2002), são desenvolvidas as atividades pedagógicas e deve ter mobiliário adequado e uma bancada com pia, que atendam minimamente às exigências.

O documento indica: “instalações sanitárias próprias, completas, suficientes e adaptadas são altamente recomendáveis e espaço ao ar livre adequado para atividades físicas e ludo-pedagógicas” (Brasil, 2002, p. 16). Os atendimentos poderão acontecer no espaço próprio da Classe Hospitalar, na enfermaria, no leito ou no quarto de isolamento, sempre atendendo às restrições impostas em decorrência das condições clínicas e/ou tratamentos dos alunos/pacientes.

O alunado das Classes Hospitalares é aquele composto por educandos cuja condição clínica ou cujas exigências de cuidado em saúde interferem na permanência escolar ou nas condições de construção do conhecimento ou, ainda, que impedem a frequência escolar, temporária ou permanente (Brasil, 2002, p. 15).

Os atendimentos pedagógicos também podem ser solicitados por meio do ambulatório do hospital, o qual poderá ser estruturado com uma sala exclusiva para a Classe Hospitalar ou em espaços destinados ao atendimento educacional. As Classes Hospitalares devem sempre estar munidas e equipadas de recursos audiovisuais, como computadores, televisão e outros dispositivos tecnológicos que auxiliem durante a aula, e que devem ser sempre bem higienizados e limpos.

O uso desses recursos é fundamental, tanto para o planejamento e avaliação do trabalho pedagógico, quanto para a comunicação efetiva da Classe Hospitalar com a instituição de ensino de origem do educando ou com o sistema de ensino responsável por disponibilizar e assegurar o acesso escolar. De modo semelhante, a disponibilização de tais mecanismos oportuniza as mínimas condições ao educando, para que ele consiga manter contato com os professores e colegas de sua escola, caso seja necessário.

De acordo com Rocha (2012), as Classes Hospitalares resultam do reconhecimento sobre os direitos das crianças e adolescentes hospitalizados, que, mesmo internados, precisam ter assegurado o direito ao acesso à educação

escolar durante todo o período de permanência no hospital. A responsabilidade social face à criança e ao adolescente intensificou-se nos últimos tempos, sobretudo no que diz respeito à garantia dos direitos como cidadãos. Dessa forma, a Classe Hospitalar tem como finalidade:

[...] dar continuidade ao processo de desenvolvimento e ao processo de aprendizagem de alunos matriculados em escolas da Educação Básica, contribuindo para o seu retorno e reintegração ao grupo escolar; também objetiva desenvolver currículo flexibilizado com crianças, jovens e adultos não matriculados em sistema educacional local, facilitando seu posterior acesso à escola (Comin, 2009, p. 38).

No que diz respeito ao atendimento pedagógico domiciliar, alguns recursos e adaptações são essenciais para que o professor consiga realizar o atendimento pedagógico domiciliar. Dessa forma, devem ser realizadas adaptações “[...] na residência do educando e no ambiente de ensino quando do seu reingresso à unidade escolar de referência à qual está matriculado ou será matriculado.” (Brasil, 2002, p. 16).

Conforme o documento “*Classe Hospitalar e Atendimento Pedagógico Domiciliar: Estratégias e orientações*” (Brasil, 2002), as ferramentas utilizadas para o apoio didático-pedagógico e as adaptações, como a exclusão de barreiras físicas e estruturais, acesso ao currículo etc., propiciam a igualdade nas possibilidades de acesso ao conhecimento, bem como a permanência na escola. As descrições abaixo estão contidas no documento elaborado pelo Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, em 2002:

A **adaptação** do espaço domiciliar deve ser organizada em conjunto com os serviços de saúde e de assistência social e é crucial adequar os equipamentos e os mobiliários conforme a necessidade de cada educando. As camas, as cadeiras e as mesas devem ser ajustadas especificamente para cada um. Caso seja necessário o uso de cadeira de rodas, deve-se eliminar as barreiras físicas para viabilizar o fácil acesso a todos os ambientes no interior e fora da residência.

Quanto à **adaptação de recursos e instrumentos didático-pedagógicos**, o professor deve disponibilizar ao educando jogos e materiais para o suporte pedagógico; os recursos devem ser construídos de modo que

possam ser manuseados e transportados facilmente, os computadores devem ter teclados adaptados, *softwares* educativos, acesso à internet e vídeos educativos.

No que diz respeito à **adaptação do ambiente escolar**, deve-se eliminar as barreiras físicas com o intuito de facilitar o deslocamento do educando em todos os espaços da instituição escolar. O mobiliário, os instrumentos pedagógicos, a área e os utensílios alimentares e de cuidados pessoais também devem ser adequados às particularidades de cada educando em tratamento.

Quanto aos **aspectos pedagógicos**, a assistência pedagógica dar-se-á em consonância com os procedimentos de desenvolvimento e constituição do conhecimento compatível com a educação básica, aplicada em parceria com os órgãos de saúde, pois “[...] a oferta curricular ou didático-pedagógica deverá ser flexibilizada, de forma que contribua com a promoção de saúde e ao melhor retorno e/ou continuidade dos estudos pelos educandos envolvidos” (Brasil, 2002, p. 17).

No que se refere ao **processo de integração com a escola**, deve-se considerar alguns elementos na reintegração ao ambiente escolar do educando que está temporariamente impossibilitado de frequentar em decorrência de sua doença, como, por exemplo, o desenvolvimento da acessibilidade e da adaptabilidade, a relação contínua com a escola nesse período de tratamento (visita de professores e colegas, caso permitido), garantir e promover locais de acolhimento, escuta e diálogo com os familiares do educando, assim como a preparação e a compreensão dos professores e demais funcionários da instituição de ensino, para que a adaptação ao retorno seja gradativa.

Quanto ao **processo de integração com o sistema de saúde**, os impedimentos de locomoção, a imobilização parcial ou total, representam os principais problemas de saúde que requerem a educação em Classe Hospitalar ou atendimento pedagógico domiciliar, tal como os horários de gerenciamento de medicação, reações a determinados medicamentos, restrições alimentares, procedimentos e sentimentos de dores e mal-estar provenientes da patologia. As particularidades que demandam a educação por meio da Classe Hospitalar e/ou atendimento pedagógico domiciliar são aquelas que necessitam de repouso absoluto ou aquelas que carecem do uso contínuo de equipamentos de suporte à vida.

Diante das condições e restrições particulares, cabe ao sistema educacional e aos serviços de saúde disponibilizarem a assistência permanente ao professor, como também incluí-lo no grupo de saúde que coordena o projeto terapêutico individual; desse modo, devem ser assegurados ao professor “[...] os prontuários dos usuários das ações e serviços de saúde sob atendimento pedagógico, seja para obter informações, seja para prestá-las do ponto de vista de sua intervenção e avaliação educacional.” (Brasil, 2002, p. 18 - 19).

A **coordenação das Classes Hospitalares e do atendimento pedagógico domiciliar**, a caracterização e implementação dos processos de coordenação, avaliação e direção da educação devem acontecer sob a ótica do aperfeiçoamento da qualidade do processo pedagógico.

Diante do exposto, no que diz respeito ao direito das crianças e adolescentes em tratamento de saúde no Brasil, reiterando as particularidades da Pedagogia Hospitalar, como o trabalho desenvolvido nas Classes Hospitalares e no atendimento domiciliar no país, evidenciamos o Serviço de Atendimento à Rede de Escolarização Hospitalar – SAREH, que tem como finalidade a garantia dos direitos e das políticas públicas para o atendimento educacional no Estado do Paraná. Esse programa será apresentado a seguir, com as suas características.

3.2 SAREH

O Serviço de Atendimento à Rede de Escolarização Hospitalar – SAREH Paraná (2010), teve início formalmente em julho de 2005, com a criação de uma comissão regulamentada por intermédio da Resolução Secretarial n. 2.090/05, e contou com a participação de representantes dos departamentos de ensino da Superintendência da Educação (SUED) e de outras unidades da SEED/PR. O SAREH foi criado com o objetivo de viabilizar pesquisa para a formulação de uma proposta de trabalho com metodologia apropriada para atender às necessidades dos educandos hospitalizados no Estado do Paraná.

De acordo com o Caderno Temático Serviço de Atendimento à Rede De Escolarização Hospitalar - SAREH (2010), para que pudesse haver a elaboração das atividades da comissão foi necessário integrar técnicos de outros setores da

Secretaria, substituindo a Resolução mencionada pela publicação da Resolução Secretarial nº. 3.302/05.

A comissão constituída deu prosseguimento às atividades, e posteriormente dividiu-se em quatro grupos para que pudessem discutir os seguintes temas: 1) questões legais e de recursos humanos; 2) adaptação do currículo da Educação Básica; 3) espaço físico e materiais pedagógicos; 4) formação continuada dos profissionais. Diante do exposto, houve a discussão e proposição de atividades que possibilitassem a implantação do SAREH.

O SAREH conta com uma rede de áreas que trabalham em conjunto, com o propósito de desenvolver o atendimento educacional aos educandos que estão impossibilitados de frequentar a escola devido à sua condição de saúde, possibilitando a eles o seguimento em suas atividades escolares, e posteriormente sua reinserção no ambiente escolar, sem prejuízos.

Conforme Menezes (2004), embora a primeira Classe Hospitalar no Brasil remeta a 1950, o atendimento educacional no âmbito hospitalar é uma área que sempre recebeu pouca atenção. Portanto, houve a necessidade de se realizar uma investigação junto às secretarias estaduais e do Distrito Federal, com o objetivo de listar as políticas existentes para essa esfera. A SEED/PR enviou ofícios para as Secretarias de Educação dos 25 estados e do Distrito Federal, requerendo informações a respeito dos procedimentos relativos ao atendimento educacional hospitalar. Obteve o retorno de apenas treze. Do total de secretarias de Educação que responderam aos ofícios, apenas sete apontaram a realização de algum atendimento.

Conforme as informações descritas em Paraná (2010), após essa investigação ocorreu nos Núcleos Regionais de Educação do Paraná uma pesquisa para o levantamento sobre as prescrições para o atendimento aos educandos da Educação Básica, afastados para tratamento de saúde. Considerando que o ambiente do SAREH se constitui nas instituições de saúde, vislumbrou-se uma combinação com a Secretaria de Estado da Saúde do Paraná - SESA, para a sugestão das instituições que participariam do Serviço, conforme o interesse, número e período de internamento, características de internamento, recursos humanos e físicos.

Do mesmo modo, procurou-se estabelecer parcerias com a Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior do Paraná (SETI), devido à

necessidade do envolvimento das Pró-Reitorias de Graduação das Universidades Estaduais, acerca da possibilidade da oferta de estágio aos acadêmicos das licenciaturas, englobando Hospitais Universitários Estaduais que necessitassem da demanda.

Portanto, o processo democrático e integrador no direcionamento dos exercícios tiveram início a partir das conexões interinstitucionais com os primeiros debates a respeito dos princípios de cooperação de convênios e outros recursos da saúde pública, universidades e organizações não governamentais, propiciando “[...] a humanização, escolarização e atenção integral a crianças, adolescentes, jovens e adultos, internados ou sob outras formas de tratamento de saúde.” (Paraná, 2010, p. 18).

De acordo com as informações disponibilizadas no site de Programas e Projetos – SAREH, atualmente existem 19 Hospitais Conveniados com o programa: Associação Paranaense de Apoio à Criança com Neoplasia - APACN (Curitiba); Centro Hospitalar de Reabilitação Ana Carolina Moura Xavier (Curitiba); Clínica Médica HJ (União da Vitória); Comunidade terapêutica - Lar Dom Bosco (Campo Mourão); Comunidade Terapêutica Melhor Viver (Ponta Grossa); Comunidade Terapêutica Rosa Mística (Ponta Grossa); Hospital Cajuru (Curitiba); Hospital de Clínicas da UFPR (Curitiba); Hospital do Câncer (Londrina); Hospital do Câncer UOPECCAN (Cascavel); Hospital do Trabalhador (Curitiba); Hospital Erasto Gaertner (Curitiba); Hospital Infantil Doutor Waldemar Monastier (Campo Largo); Hospital Pequeno Príncipe (Curitiba); Hospital Regional do Litoral (Paranaguá); Hospital Universitário do Oeste do Paraná (Cascavel); Hospital Universitário Evangélico de Curitiba (Curitiba); Hospital Universitário Regional de Maringá (Maringá); Hospital Universitário Regional do Norte do Paraná (Londrina).

Os professores que atuam nessas instituições são selecionados por meio de editais, o último edital publicado foi o de n.º 85/2021 – GS/SEED, o qual estabelecia o processo de seleção de professores e professores pedagogos do quadro próprio do magistério para atuarem no serviço de atendimento à rede de escolarização hospitalar – SAREH. O edital tinha como objetivo suprir e substituir e integrar o cadastro reserva para professores e pedagogos no Serviço de Atendimento à Rede de Escolarização Hospitalar – SAREH, para o ano de 2022.

As vagas ofertadas no edital de n.º 85/2021 – GS/SEED, conforme o item 1.1, eram destinadas aos municípios de: Campo Largo, Campo Mourão, Cascavel, Curitiba, Londrina, Maringá, Paranaguá, Ponta Grossa e União da Vitória, jurisdicionados respectivamente aos Núcleos Regionais de Educação na Área Metropolitana Sul, Campo Mourão, Cascavel, Curitiba, Londrina, Maringá, Paranaguá, Ponta Grossa, União da Vitória e Apucarana.

Dessa forma, tais instituições, em consonância com o descrito na Lei nº 9.394, de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB, asseguram a educação básica, pública, gratuita e de qualidade, como direito elementar de todos os cidadãos, mediado pelo discurso e pelas atividades da legislação educacional no período de 2007 a 2010, da Secretaria Estadual de Educação do Paraná (SEED/PR), conforme Menezes (2018), reconhecendo oficialmente a mediação escolar hospitalar, por meio do SAREH, propiciando a continuidade da escolarização na Educação Básica para aqueles que dela necessitam, durante o internamento e/ou tratamento de saúde, atendendo-os de forma personalizada. Dessa forma, no que se refere aos espaços educativos no âmbito hospitalar, conforme Lopes e Paula (2013), a fim de amenizar e evitar os prejuízos emocionais causados pela hospitalização, utilizam-se atividades lúdicas como grandes aliadas dentro das instituições hospitalares do Brasil. Assim, as brinquedotecas passam a ser reconhecidas e caracterizadas como espaços educativos e lúdicos para as crianças em tratamento de saúde e serão descritas a seguir.

3.3 Brinquedoteca Hospitalar

O novo conceito de infância estabelecido pela modernidade carrega consigo uma nova forma de concebê-la em suas necessidades, cuidados, particularidades e especificidades. Para Kailer, Paula e Filho (2012), antes do reconhecimento do conceito de infância, quando a criança alcançava certa autonomia, ela passava a ser tratada como adulto, realizando tarefas correspondentes a homens e mulheres tanto na família quanto no trabalho, sem distinção alguma. Diante do exposto, a partir da luta de muitos estudiosos, delineou-se o período deste estágio da infância, viabilizando e ampliando os estudos nessa área. Desse modo, a “[...] criança passou a ter um destaque na

sociedade, as características da infância passaram a ser defendidas, construindo particularidades em suas atividades.” (Kailer; Paula; Filho, 2012, p. 1).

Por conseguinte, surge a preocupação de reorganizar um formato coerente de educação compatível com a infância, dado que até então acontecia no convívio do dia a dia com os adultos, e a partir daí passou a realizar-se na escola e com um acompanhamento próprio para a criança, incumbindo, dessa forma, a sociedade de garantir os direitos dessas crianças, enquanto sujeitos de direitos. Da mesma forma que os adultos, as necessidades físicas, cognitivas, psicológicas, emocionais e sociais das crianças passaram a ser consideradas e atendidas em todos os seus aspectos.

Ainda conforme Kailer, Paula e Filho (2012), um dos primeiros documentos dedicados a olhar para a infância foi a Declaração dos Direitos da Criança, promulgada pela ONU, tornando um dos seus principais preceitos o lazer da criança, fomentando a utilização de jogos e brincadeiras orientados para a educação, e assim, inserindo a sociedade e as autoridades públicas como asseguradoras desse direito. Posteriormente, o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (1990) e a Constituição Brasileira de 1988 realizam uma “[...] releitura dessa premissa concluindo que o lazer é um direito da criança, sendo um dever do Estado, da família e da sociedade.” (Kailer; Paula; Filho, 2012, p. 2).

Nessa conjuntura, surgem inúmeros ambientes que oportunizam o lazer, inclusive a brinquedoteca, a qual dispõe de uma compreensão de que a criança deve brincar livremente. Para Cunha (1993), a brinquedoteca é um ambiente lúdico em que a criança desfruta do brincar de forma livre, explora e vivencia uma diversidade de brincadeiras, brinquedos e possibilidades. Assim, ela deve ser um lugar agradável, confortável, divertido e com muitas cores, estimulante e cheio de descobertas, “[...] oferecendo a oportunidade da brincadeira de ‘faz-de-conta’, a dramatização, a solução de problemas, a socialização e demais atividades que envolvam o mundo infantil.” (Oliveira, 2013, p. 36).

Segundo Santos (2008), a brinquedoteca resgata o brincar, posto que é um direito de toda criança; além disso, oportuniza o fortalecimento de práticas recreativas, a experimentação de sentimentos e desenvolvimento corporal, estimula a imaginação, a capacidade criativa, a autoestima, o conhecimento de

si próprio, lugar no qual os sujeitos se relacionam, sensibilizam-se e engendram conhecimentos e habilidades.

De acordo com Kailer, Paula e Filho (2012), na brinquedoteca é permitido emprestar brinquedos, explorar jogos e brincadeiras em lugares nos quais antes não aconteciam por vários motivos. Da mesma forma, as autoras utilizam o termo ludoteca e/ou brinquedoteca para descrever um local em que são instituídos os jogos e as brincadeiras, e que propiciam o desenvolvimento de inúmeras atividades lúdicas e pedagógicas com a finalidade de promover o bem-estar da pessoa.

Nesse sentido, a brinquedoteca se caracteriza como um espaço que envolve a criança, promove a diversão e a imaginação, no qual situações divertidas e descontraídas são conservadas. Assim, o brincar:

[...] passa a obter uma dimensão simbólica da realidade, fazendo uso de instrumentos que imitam aqueles usados em nosso cotidiano em um contexto mais próximo ao mundo infantil. Nesse espaço é oportunizado o lazer a serviço da ludicidade que pode se fazer necessário em qualquer etapa de desenvolvimento” (Kailer; Paula; Filho, 2012, p. 2).

A brinquedoteca caracteriza-se, portanto, não somente por um espaço destinado às crianças, visto que a diversão e a animação são bem favoráveis em todas as fases da vida. Para Kailer, Paula e Filho (2012), a construção de uma brinquedoteca deve ser planejada de forma eficiente, com um ambiente bem estruturado, com suas finalidades e com o perfil de seus frequentadores, para que possa assegurar um espaço prazeroso para o seu público. Nesse caso, o brincar transforma-se em uma ação consciente e fundamental para o desenvolvimento integral do sujeito, ele é “[...] essencial ao desenvolvimento social, cultural, emocional do indivíduo, essa prática se torna inibidora de vários fatores de conflitos que atrapalham a criança e o adulto em suas práticas como o trabalho e a escola.” (Kailer; Paula; Filho, 2012, p. 2).

A brinquedoteca se constitui como um lugar que possibilita a brincadeira como uma forma de manifestar ideias, emoções, sensações e adversidades, ou seja, uma importante parceira das mais variadas instâncias sociais. Dessa forma, Kailer, Paula e Filho (2012) apontam que a atividade do brincar no ambiente da brinquedoteca presente tanto na escola como no hospital se apresenta como

instrumento de reabilitação física do sujeito; no ambiente hospitalar dispõe de uma organização diferenciada de outros setores da sociedade, composta de regras e horários, independente da faixa etária da pessoa hospitalizada.

Dessa maneira, surgiu a brinquedoteca hospitalar, com o propósito de suavizar o período de hospitalização e reduzir o impacto do tratamento. Para Oliveira (2013, p. 22),

[...] a brinquedoteca hospitalar pode ser considerada como uma rede resultante de múltiplas redes e que, por sua vez, possibilita a emergência de outras tantas. Se puxarmos um fio condutor, veremos que a brinquedoteca hospitalar faz parte de um movimento anterior de reconhecimento do brincar na vida e desenvolvimento infantil.

No Brasil, o procedimento de implementação das brinquedotecas hospitalares é bem recente e exigiu transformações estruturais no espaço físico e organizacional de um hospital.

De acordo com Paula (2007), a Lei de nº 11.104, de 21 de março de 2005 (Brasil, 2005), dispõe sobre a obrigatoriedade de instalação de brinquedotecas nas unidades de saúde que ofereçam atendimento pediátrico em regime de internação, tornando obrigatória a implementação de brinquedotecas nos hospitais brasileiros.

Desta forma, considerando o disposto na presente Lei, a Portaria nº 2.261, de 23 de novembro de 2005, aprova o Regulamento que estabelece as diretrizes de instalação e funcionamento das brinquedotecas nas unidades de saúde que ofereçam atendimento pediátrico em regime de internação.

Levando em consideração que toda criança hospitalizada tem direitos especiais, estabelecidos pelo Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA (Brasil, 1990), promulgado em 13 de julho de 1990, da Resolução nº 41, de 13 de outubro de 1995, do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (Brasil, 1995), e da Declaração dos Direitos da Criança e do Adolescente (Brasil, 1995), quais sejam, o direito das crianças serem acompanhadas por um responsável durante o período de internação, a usufruir de métodos recreativos, metodologias educativas para a saúde, acesso ao currículo escolar durante o período em que estiver hospitalizado, assim como o

direito a receberem todos os tratamentos disponíveis que viabilizem a sua recuperação e cura.

No entanto, mesmo diante de tais regulamentações, muitos hospitais ainda não possuem brinquedotecas devido aos obstáculos de sua implementação, potencialmente associadas à questão estrutural e à forma de trabalhar dos profissionais. Cada hospital se apresenta como um universo repleto de representações e significados para os sujeitos neles inseridos, tais significados estão diretamente atrelados à constituição social, histórica, política e econômica de cada um.

De acordo com Paula (2004), a complexidade é uma condição inerente às instituições hospitalares, pois eles também apresentam suas particularidades, exprimem sua potencialidade e constituem suas identidades. São compostos por múltiplos esquemas organizacionais, com profissionais e equipes permanentes, pesquisadores, os que realizam somente atendimentos de emergência, as maternidades, ou seja, existe uma vasta lista de atribuições e atividades desenvolvidas nessas instituições, que se fundem e se diferem, cada hospital exprimindo uma marca que determina seu contexto.

No Brasil, ainda conforme Paula (2004), a existência dos hospitais infantis é recente, as crianças eram internadas juntamente com os adultos, afastadas de seus familiares, e tinham que lutar por suas vidas, era o modo que a sociedade lhes “resguardava”. Para a autora, existem muitas normas e procedimentos no interior dos hospitais, cada instituição administra sua noção de cura, de infecção e de reabilitação, pois existem aqueles que “[...] colocam açúcar para cicatrizar feridas (com ótima resolução) [...] familiares de crianças internadas que levam animais nas suas visitas nos hospitais (zooterapia) assim como [...] enfermarias todas floridas e hospitais que não admitem pensar a respeito destas ações.” (Paula, 2004, p. 106).

Para Sousa (2013), a humanização hospitalar ampliou seu campo de debate no Brasil em 2001, com a criação do Programa Nacional de Humanização da Assistência Hospitalar. No entanto, concretizou-se somente em 2005, a partir da criação da Política Nacional de Humanização, compreendendo a humanização como política e não como mais um projeto, envolvendo todas as esferas de cuidados com a saúde. Em tal política, no contexto excruciante no atendimento de certos profissionais de saúde, motivados pelas dificuldades de

trabalho, aparece a urgência de transformar o Sistema de Saúde do Brasil – SUS.

Atualmente existem muitos desafios na área da Educação em Saúde, principalmente sobre humanização do atendimento. Os estudos da Sociologia da Infância na Educação Hospitalar contribuem para melhorar a vida das crianças que precisam ficar internadas ou realizar tratamento de saúde. Dessa forma, a seguir apresentaremos os caminhos trilhados para realizar a pesquisa, ou seja, os procedimentos metodológicos empregados na construção desta tese.

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Mergulhar no campo de pesquisa nos faz compreender que todo conhecimento é oportuno, seja ele científico ou resultante das experiências vividas pelas pessoas. Ser pesquisador é empenhar-se na busca constante do inaudito, da inovação, pois a pesquisa nos propicia problematizar e refletir sobre a realidade. Para Montanha (2020, p. 10), “[...] a pesquisa científica possibilita condições de evidenciar a legitimidade de questões da realidade social, algumas vezes pouco conhecidas pela sociedade”. O método de investigação nos fornece inúmeras possibilidades de comparar, compreender e defender posicionamentos, assumidos no percurso da pesquisa.

Desse modo, optamos por realizar uma abordagem quanti-qualitativa, devido à sua possibilidade de associar a pesquisa qualitativa e a pesquisa quantitativa, nos permitindo coletar mais informações, diferente de pesquisas realizadas de forma isolada, tencionando a uma análise mais satisfatória do objeto de estudo. Conforme Castro (2022, p. 61 - 62), existem autores que “[...] utilizam outras nomenclaturas, tais como ‘quanti-qualitativa’, ‘métodos mistos’ e ‘triangulação’ para descreverem a junção das duas abordagens na pesquisa”.

Para Gomes e Dias (2020), a triangulação se apresenta como uma técnica de diálogo entre as perspectivas qualitativas e quantitativas, com o intuito de compreender a totalidade do fenômeno estudado. Dessa forma, para a construção dessa tese escolhemos a triangulação de dados, por apresentar uma melhor opção diante da organização do trabalho, que trilhou a seguinte sequência:

Figura 3: Fluxograma da pesquisa



Fonte: Elaborado pela pesquisadora, em 2024.

Para Bardin (1977), a análise quantitativa fundamenta-se na regularidade com que certos elementos aparecem na mensagem, já a não quantitativa foca nos indicadores “não frequências”, sujeitos ao consentimento de implicações, como a presença (ou a ausência), podendo constituir indicadores tanto ou mais proveitosos do que frequência daqueles que aparecem.

As abordagens quantitativa e qualitativa não possuem a mesma área de atividade. A primeira obtém informações descritivas por meio de um tratamento estatístico, com uma observação controlada, e a segunda refere-se a um método mais intuitivo, no entanto, maleável e mais adaptável, com indicadores não previstos ou o progresso dos prognósticos, como afirma Bardin (1977). A análise qualitativa exprime determinadas particularidades, próprias especialmente na construção de deduções intrínsecas sobre um fenômeno ou uma variável de interferência, mas não de interferências gerais.

Bardin (1977, p. 95) assinala que a análise de conteúdo é organizada em três etapas: 1) a pré-análise; 2) a exploração do material; e 3) o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.

A pré-análise é a fase da organização do conteúdo que constitui a estruturação da pesquisa. Segundo Bardin (1977, p. 95), representa “[...] um período de intuições, mas, tem por objectivo tornar operacionais e sistematizar

as ideias iniciais, de maneira a conduzir a um esquema preciso do desenvolvimento das operações sucessivas, num plano de análise". Essa fase contempla três objetivos: "[...] a escolha dos documentos a serem submetidos à análise; a formulação das hipóteses e dos objetivos e a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final." (Bardin, 1977, p. 95).

Os fatores citados não seguem obrigatoriamente uma sequência cronológica progressiva; ainda que o material seja sistematizado, ele ainda será inalterado, com isso, necessita de um estudo detalhado. Bardin (1977, p. 96-100), propõe: a) *a leitura flutuante*: a primeira atividade consiste em estabelecer contato com os documentos a analisar e em conhecer o texto, deixando-se invadir por impressões e orientações; b) *A escolha dos documentos*; c) *A formulação das hipóteses e dos objetivos*; d) *A referência dos índices e a elaboração de indicadores*; e) *a preparação do material*.

A exploração do material corresponde à etapa que organiza de modo sistemático as decisões tomadas, seja ela o tratamento dos procedimentos ou das operações organizadas e efetuadas, essa "[...] fase consiste essencialmente de operações de codificação, desconto ou enumeração, em função de regras previamente formuladas." (Bardin, 1977, p. 101). Por último, temos o tratamento dos resultados obtidos e interpretação, nesse estágio os dados obtidos são apurados com a finalidade de se tornarem significativos e válidos.

Por conseguinte, as compreensões da perspectiva da Sociologia da Infância se constituem como um importante mecanismo no auxílio do desenvolvimento de pesquisas, atividades e no trabalho docente desenvolvido com as crianças e adolescentes em tratamento de saúde.

A metodologia adotada nesta pesquisa foi uma revisão de literatura. Para Luna (2011, p. 85), a "[...] revisão de literatura é uma peça importante no trabalho científico e pode, por ela mesma, constituir um trabalho de pesquisa". Conforme Laville e Dionne (1999), para o pesquisador, realizar uma revisão de literatura a respeito de um tema é analisar quaisquer trabalhos e/ou documentos que possam ser utilizados em sua pesquisa, ou seja, durante a busca objetiva, encontrar principalmente os estudos e as pesquisas pertinentes ao seu objeto de estudo.

De acordo com Gil (2002), a benesse do desenvolvimento da pesquisa bibliográfica consiste no fato de propiciar ao pesquisador a obtenção de uma

série de hipóteses, fatos ou eventos com maior abrangência. A revisão de literatura permite ao pesquisador explorar trabalhos desenvolvidos em vários lugares do país em busca de elementos para construir sua pesquisa.

Para Marconi e Lakatos (2016), nenhuma pesquisa bibliográfica se inicia do zero, ainda que exploratória, ou seja, parte de uma análise de conjuntura concreta inexplorada, de um determinado lugar, de um sujeito ou grupos; em determinado momento já devem ter produzido pesquisas análogas e/ou similares, ou então aproximações da investigação tencionada. A busca por fontes, de documentos ou bibliografias, se constitui como algo indispensável para que não ocorra a repetição de ideias e interesses no desenvolvimento de pesquisas.

A citação das principais conclusões a que outros autores chegaram permite salientar a contribuição da pesquisa realizada, demonstrar contradições, ou rearmar comportamentos e atitudes. Tanto a confirmação, em dada comunidade, de resultados obtidos em outra sociedade quanto a enumeração das discrepâncias são de grande importância (Marconi; Lakatos, 2016, p. 208).

De acordo com Marconi e Lakatos (2016), a pesquisa bibliográfica ou, então, de fontes secundárias, envolve toda a literatura já divulgada e publicada sobre a temática investigada e estudada, desde publicações independentes, documentos, jornais, revistas, artigos científicos impressos ou digitais, livros, teses e dissertações, dentre outros. Seu propósito é aproximar o pesquisador de todo o acervo já produzido, seja ele escrito, falado ou filmado sobre um tema em particular. Diante do exposto, essa pesquisa realizou uma revisão de literatura procurando investigar de que forma a Sociologia da Infância é retratada na produção acadêmica da Educação Hospitalar no Brasil no período de 2007 a 2022.

4.1 Caracterização da pesquisa: mapeamento das pesquisas realizadas de 2007-2022

Nesta seção, discorreremos sobre os procedimentos metodológicos que compõem a produção desta tese, trata-se de uma revisão de literatura e de

natureza qualitativa e quantitativa. Segundo Fonseca (2002), a pesquisa é uma atividade elementar da ciência, ela propicia a aproximação e a compreensão do fato a ser pesquisado. Para o autor, “a pesquisa é um processo permanentemente inacabado. Processa-se através de aproximações sucessivas da realidade, fornecendo-nos subsídios para uma intervenção no real” (Fonseca, 2002, p. 20). Inacabada porque uma pesquisa nunca se finda em seus objetivos, ela sempre nos fornece desafios e novas possibilidades; a partir de um trabalho, nascem inúmeros outros.

Para enriquecer nossa busca, empreendemos diferentes combinações para os descritores utilizados para identificar os trabalhos que tratavam sobre a perspectiva da Sociologia da Infância e com a Educação Hospitalar, as combinações utilizadas foram:

Figura 4: Conjunto de palavras descritoras

Classe Hospitalar and Sociologia da Infância
 Projetos de Extensão Hospital and Sociologia da Infância
 Classe Hospitalar and Sociologia da Infância
 Classe Hospitalar and Sociologia da Infância
 Educação Social e Saúde and Sociologia da Infância
 CLASSE HOSPITALAR AND SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA
 Projetos de Extensão Hospital and Sociologia da Infância
 CLASSE HOSPITALAR AND SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA
 Educação Social e Saúde and Sociologia da Infância
 Classe Hospitalar and Sociologia da Infância
 Projetos de Extensão Hospital and Sociologia da Infância
 Classe Hospitalar and Sociologia da Infância
 Educação Social e Saúde and Sociologia da Infância
 Projetos de Extensão Hospital and Sociologia da Infância
 Pedagogia Hospitalar and Sociologia da Infância
 EDUCAÇÃO SOCIAL E SAÚDE AND SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA
 Pedagogia Hospitalar and Sociologia da Infância
 Brinquedoteca Hospitalar and Sociologia da Infância
 Projetos de Extensão Hospital and Sociologia da Infância
 Projetos de Extensão Hospital and Sociologia da Infância
 Pedagogia Hospitalar and Sociologia da Infância
 Brinquedoteca Hospitalar and Sociologia da Infância
 Pedagogia Hospitalar and Sociologia da Infância
 Brinquedoteca Hospitalar and Sociologia da Infância
 EDUCAÇÃO SOCIAL E SAÚDE AND SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA
 Brinquedoteca Hospitalar and Sociologia da Infância
 Pedagogia Hospitalar and Sociologia da Infância
 Pedagogia Hospitalar and Sociologia da Infância
 Classe Hospitalar and Sociologia da Infância

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2024.

O levantamento dos trabalhos analisados foi realizado no site do Google Acadêmico, escolhido por fornecer uma vasta diversidade de fontes, como artigos, dissertações e teses, dentre outras literaturas. Além disso, ele já indica

em qual base de dados o trabalho selecionado está hospedado, o que possibilitou uma maior confiabilidade na seleção dos trabalhos elencados para a análise.

As diversas combinações empregadas durante a investigação nos apresentaram muitos trabalhos produzidos, assim priorizamos aqueles que eram compatíveis com os objetivos de nossa investigação, ou seja, para a seleção dos trabalhos elencamos alguns critérios: 1) Título relacionado ao objeto de estudo desta tese; 2) Autores da área da Sociologia da Infância; 3) A presença de um ou mais descritores de busca nas palavras-chave dos trabalhos pesquisados; 4) Categorias presentes na perspectiva da Sociologia da Infância, como brincar, narrativas infantis, protagonismo infantil, participação infantil e rerepresentação da cultura infantil. Os trabalhos analisados contemplaram o período de 2007 a 2022, a escolha do recorte temporal se justifica pelo aparecimento das primeiras pesquisas desenvolvidas utilizando concomitantemente os referenciais teóricos da Sociologia da Infância e Educação no Hospital, objetos de nossa investigação.

Para a busca e seleção dos trabalhos foram utilizados os descritores dispostos acima, o que resultou em um número expressivo de trabalhos na área da Sociologia da Infância e da Educação no Hospital. Para reduzir o número, foram analisados os títulos dos trabalhos, e posteriormente realizadas as leituras dos resumos e das palavras-chaves dos trabalhos. Em seguida, empregamos a busca das palavras brincar, narrativas infantis, protagonismo infantil, participação infantil, rerepresentação da cultura e ressignificação do espaço pela criança hospitalizada no corpo do texto.

Para identificar os autores da área da Sociologia da Infância utilizados nas pesquisas, verificamos as referências apresentadas nas pesquisas e quais obras desses teóricos foram utilizadas na construção dos textos. Após o levantamento desses dados, sistematizamos todas as informações em quadros. Os trabalhos que não continham nenhum desses critérios foram excluídos.

Para a elaboração dos quadros com os trabalhos encontrados na produção acadêmica sobre Sociologia da Infância na educação hospitalar, optamos por uma organização que apresenta os artigos, dissertações e teses, respectivamente. Dado que, no decorrer da investigação, mesmo empregando

múltiplos descritores, foram encontrados trabalhos com temáticas semelhantes, alguns se repetiram em mais de um descritor de pesquisa.

Dessa forma, durante nossa busca, priorizamos trabalhos com indicativos que demonstram a forma como é orientada a relação Sociologia da Infância com a produção acadêmica da Educação Hospitalar no Brasil. A seguir, apresentamos os quadros com os trabalhos investigados até o momento.

As pesquisas selecionadas durante a busca e que atendiam todos os critérios empregados foram organizadas em quadros, alinhadas por ano de publicação, nome e formação dos autores(as), título dos trabalhos e base de dados em que o trabalho está armazenado. Em seguida foi realizado um breve relato apresentando os objetivos, a metodologia e os resultados de cada pesquisa.

5. OS PRESSUPOSTOS DA SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA NAS PRODUÇÕES SOBRE A EDUCAÇÃO HOSPITALAR

A Educação Hospitalar é uma área que atende crianças, adolescentes, jovens e adultos. No caso das crianças que sofrem de doenças crônicas ou precisam ficar muito tempo internadas, ou recebem atendimento domiciliar, o referencial teórico da Sociologia da Infância se constitui como um importante recurso na construção de práticas educativas desenvolvidas pelos educadores no dia a dia com essas crianças hospitalizadas, assim como apontou os trabalhos selecionados e analisados durante a construção desta tese, uma vez que possibilita o exercício da escuta das crianças, o conhecimento das suas realidades, permitindo que elas digam como querem ser tratadas e conheçam os seus direitos. Dessa forma, a seguir apresentaremos um compilado dos artigos encontrados sobre a Sociologia da Infância na Educação Hospitalar. Iniciaremos pelos artigos.

5.1 Levantamento de artigos sobre Sociologia da Infância na Educação Hospitalar

No mapeamento dos artigos selecionados para a pesquisa foram utilizados os seguintes descritores: Pedagogia Hospitalar *and* Sociologia da Infância e Classe Hospitalar *and* Sociologia da Infância.

As informações sobre os artigos foram descritas no quadro 1, com os nomes, local de formação dos autores e o ano das publicações, assim como os títulos dos trabalhos, as revistas em que foram publicadas e os locais. Para a realização da busca dos artigos foi utilizado o *Google* acadêmico, no entanto, destacamos em qual plataforma o trabalho está hospedado. A seguir apresentamos as produções selecionadas para compor o *corpus* de análise dessa pesquisa.

Quadro 1: Artigos que abordam a Sociologia da Infância na Educação Hospitalar

Autor(es)/Formação/ Instituição	Título	Fonte	Plataforma
<p>1 Ano: 2007 Martha Cristina Nunes Moreira e Aline Duque de Macedo</p> <p>1. Graduada em Psicologia - Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ 2. Graduada em Psicologia - Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ</p>	<p>O Protagonismo da Criança no Cenário Hospitalar: um Ensaio sobre Estratégias de Sociabilidade</p>	<p>Saúde & Brincar – Programa de Atenção Integral à Criança Hospitalizada/ Rio de Janeiro – RJ</p>	<p>Scielo Brasil</p>
<p>2 Ano: 2012 Bruna Alves Lopes e Ercília Maria Angeli Teixeira de Paula</p> <p>1. Graduada em História - Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG/ 2. Graduada em Pedagogia - Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP</p>	<p>O Significado das Festas em uma Brinquedoteca Hospitalar: Promoção da Saúde, da Cultura e da Vivência da Infância Para Crianças Enfermas</p>	<p>Revista Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar – SBPH/Belo Horizonte - MG</p>	<p>academica.org</p>
<p>3 Ano: 2012 Maria da Conceição Passeggi e Simone Maria da Rocha</p> <p>1. Graduada em Letras - Universidade Federal do Ceará - UFC. 2. Graduada em Pedagogia - Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN</p>	<p>A pesquisa educacional com crianças: um estudo a partir de suas narrativas sobre o acolhimento em ambiente hospitalar</p>	<p>Revista Educação em Questão/ Universidade Federal do Rio Grande do Norte</p>	<p>redalyc.org</p>
<p>4 Ano: 2013</p>	<p>Contribuições para a fisioterapia a partir dos</p>	<p>Revista Brasileira de Educação</p>	<p>educa.fcc.org.br</p>

<p>Kadine Priscila Bender dos Santos e Valéria Silva Ferreira</p> <p>1. Graduada em Fisioterapia - Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI/SC/ 2. Graduada em Pedagogia - Universidade do Vale do Itajaí</p>	<p>pontos de vista das crianças</p>	<p>Especial/Santa Catarina - SC</p>	
<p>5 Ano: 2015 Susana Caires e Morgana Masetti</p> <p>1. Graduada em Psicologia - Universidade do Minho, Braga – Portugal/ 2. Graduada em Psicologia - Universidade Católica de São Paulo - PUC.</p>	<p>Uma pedagogia através do olhar do palhaço no contexto de saúde: subsídios para a humanização pediátrica</p>	<p>Revista de Ciências da Educação/ UNISAL, Americana - SP</p>	<p>scholar.archive.org</p>
<p>6 Ano: 2017 Barbara da Silveira Madeira de Castro, Martha Cristina Nunes Moreira e Ana Maria Szapiro:</p> <p>1. Graduada em Psicologia - Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ 2. Graduada em Psicologia - Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ 3. Graduada em Psicologia - Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ.</p>	<p>Crianças e adolescentes com condições crônicas falam sobre saúde</p>	<p>Revista Polis e Psique/Rio de Janeiro - RJ</p>	<p>ufrgs.br</p>

<p>7 Ano: 2018 Ercília Maria Angeli Teixeira Paula e Antenor Rita Gomes 1. Graduada em Pedagogia - Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP 2. Graduado em Letras Vernáculas - Universidade do Estado da Bahia - UNEB.</p>	<p>Imágenes de niños en tratamiento de salud en campañas publicitarias: el protagonismo infantil</p>	<p>Editorial UCA - <i>Hachetetepé Revista científica De Educación Y Comunicación</i></p>	<p><i>Revista científica de Educación y Comunicación</i></p>
<p>8 Ano: 2019 André da Silva Mello, Emmily Rodrigues Galvão, Luísa Helmer Trindade, Rodrigo Lema Del Rio Martins, Raquel Firmino Magalhães Barbosa e Giuliano Gomes de Assis Pimentel 1. Graduados em Educação Física/ Universidade Federal do Espírito Santo – UFES/ Colégio Pedro II/RJ/ Universidade Estadual de Maringá – UEM</p>	<p>Projeto Brincar é o Melhor Remédio: Relações Pedagógicas Centradas nas Produções Culturais das Crianças</p>	<p>Revista Guará/Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)</p>	<p>periodicos.ufes. br</p>
<p>9 Ano: 2020 1. Hildacy Soares da França Montanha: Graduação em Ciências Sociais – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS e Graduada em Pedagogia – Universidade Católica Dom Bosco/ 2. Marta Regina Brostolin: Graduação em Pedagogia/Universidade Católica Dom Bosco.</p>	<p>A Classe Hospitalar na voz de crianças a partir de suas vivências educacionais</p>	<p>Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica/Universi- dade Católica Dom Bosco (Particular)</p>	<p>uneb.br</p>
<p>10 Ano: 2020</p>			

<p>Enoque de Oliveira Carvalho, Luana Nunes Lima, Manuela Costa Melo, Lara Mabelle Milfont Boeckmann, Valéria Batista da Silva Graduados em Enfermagem/ Escola Superior de Ciências da Saúde. Brasília, DF, Brasil.</p>	<p>Experiência da Criança Sobre a Hospitalização: Abordagem Da Sociologia da Infância</p>	<p>Revista Cogitare Enfermagem/ Brasília, DF, Brasil.</p>	<p>pesquisa.bvsalu d.org e Portal de revistas de Enfermagem</p>
<p>11 Ano: 2020 Conceição Leal da Costa, Maria da Conceição Passeggi e Simone Maria da Rocha Licenciatura em Ensino de Física e Química/ Universidade de Évora, Portugal. 2. Graduada em Letras/ Professora doutora na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, Rio Grande do Norte e na Universidade Cidade de São Paulo, São Paulo 3. Graduada em Pedagogia/ Universidade Federal Rural do Semi-Árido, Caraúbas, Rio Grande do Norte.</p>	<p>Por uma escuta sensível de crianças com doenças crônicas</p>	<p>Revista Educação UFSM/Natal - RN</p>	<p>educa.fcc.org.br</p>
<p>12 Ano: 2020 André da Silva Mello, Luísa Helmer Trindade, Emmily Rodrigues Galvão e Giuliano Gomes de Assis Pimentel 1. Graduado em Educação Física/ Universidade Federal do Espírito Santo – UFES/ 2. Graduado em Educação Física/ Membro</p>	<p>O brincar e a criança em tratamento oncológico: relações para além da dimensão terapêutica</p>	<p>Licere – Revista Do Programa De Pós- Graduação Interdisciplinar Em Estudos Do Lazer – UFMG/ Belo Horizonte - MG</p>	<p>pesquisa.bvsalu d.org e periodicos.ufmg. br</p>

<p>do projeto de extensão "Brincar é o Melhor Remédio"/</p> <p>3. Graduado em Educação Física/ Membro do projeto de extensão "Brincar é o Melhor Remédio", uma parceria entre o (NAIF/UFES) e a Associação Capixaba Contra o Câncer Infantil/</p> <p>4. Graduado em Educação Física /Universidade Estadual de Maringá – UEM.</p>			
<p>13</p> <p>Ano: 2021</p> <p>Amanda Lins Tavares Souza</p> <p>1. Graduada em Pedagogia/ UNIASSELVI</p>	<p>O Papel do (a) Pedagogo (a) Hospitalar: um Ensino Humanizante no Hospital Oswaldo Cruz em Recife – Pernambuco</p>	<p>Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação/ São Paulo – SP</p>	<p>periodicorease.pro.br</p>
<p>14</p> <p>Ano: 2021</p> <p>Angelica Beatriz Justino e Elismara Zaias Kailer</p> <p>1. Graduada em Pedagogia/ Universidade Estadual de Maringá – UEM/</p> <p>2. Graduada em Pedagogia/ Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG</p>	<p>Narrativas de Crianças e Adolescentes com Câncer: Muitas Experiências Para Contar e Comunicar</p>	<p><i>Hachetetepé. Revista científica de educación y comunicación</i></p>	<p>redalyc.org</p>
<p>15</p> <p>Ano: 2021</p> <p>Joelma Fátima Castro e Ercília Maria Angeli Teixeira de Paula</p> <p>1. Graduada em Pedagogia - Universidade Estadual de Maringá - UEM/</p> <p>2. Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP.</p>	<p>Projeto de extensão com crianças e adolescentes em tratamento de câncer em tempo de pandemia</p>	<p><i>Brazilian Journal of Development</i></p>	<p>brazilianjournals.com.br</p>

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, em 2022.

No mapeamento dos artigos, conforme podemos observar no quadro 1, encontramos um total de 15 produções, a pesquisa da busca dos dados foi realizada no ano de 2022, o recorte temporal dos trabalhos selecionados contemplou o período de 2007 a 2022, que apresentavam algumas das categorias estabelecidas, como o brincar, narrativas infantis, protagonismo infantil, participação infantil e reapresentação da cultura. Em seguida, identificamos a existência dessas categorias, destacamos e, posteriormente, as compilamos, como é possível verificar nas descrições dos trabalhos analisados.

O título relacionado ao objeto de estudo desta tese, a presença de um ou mais descritores de busca nas palavras-chaves dos trabalhos pesquisados, também serviram como critério para a escolha desses trabalhos. A partir de agora descreveremos, em ordem cronológica de publicação, as características dos artigos e as relações com a Sociologia da Infância.

No artigo “*O protagonismo da criança no cenário hospitalar: um ensaio sobre estratégias de sociabilidade*”, Moreira e Macedo (2007) propuseram como objetivo trabalhar a doença crônica e suas marcas na infância, problematizando a vivência com a doença crônica na infância. No decurso do trabalho as autoras desconsideram concepções que definem a infância e a criança como “[...] um ser que desconhece o que se passa ao seu redor e que está submetido aos rituais de socialização e regras do mundo dos adultos.” (Moreira; Macedo, 2007, p. 646).

Para trabalhar o tema proposto, aplicou-se como recurso a experiência do brincar, na qualidade de recurso pedagógico e como mecanismo humanizador das relações cotidianas das crianças hospitalizadas em um hospital terciário, referência para a saúde da criança no Rio de Janeiro. Diante desses procedimentos metodológicos, verificamos que Moreira e Macedo (2007) utilizaram autores que coadunam com a perspectiva da Sociologia da Infância, pois compreendem as crianças como sujeito, como protagonista social, quando afirmam que no âmbito da Sociologia da Infância “[...] o ser social é construído por meio de múltiplas negociações com seus próximos, sendo assim um trabalho de um ator que experimenta o mundo social e nessa experimentação o transforma.” (Moreira; Macedo, 2007, p. 647-648).

Nesta perspectiva, a criança se destaca como ser ativo, um ator social que compartilha de trocas, que se relaciona e que confere sentido às ações das

quais participa na sociedade, não se limitando e submetendo-se às instituições socializadoras.

A metodologia empregada foi de cunho qualitativa bibliográfica e de campo, as autoras realizaram uma observação não participativa, em seguida analisaram os dados de forma qualitativa. Os pesquisadores sinalizaram espaços de socialização, e, posteriormente, com o objetivo de captar a concepção das crianças sobre a realidade vivida por elas sobre as doenças crônicas, decidiram ilustrar o trabalho com os desenhos realizados pelas crianças nos espaços lúdicos com base nas solicitações dos profissionais que atuam com o desenvolvimento de brincadeiras no interior do hospital.

De acordo com Moreira e Macedo (2007), em um dos estudos foi pedido a uma criança que ilustrasse a si mesma, e às outras crianças que estavam no espaço que desenhassem algo sobre o hospital, já que estavam na semana comemorativa do aniversário da instituição. Para os autores, mesmo que os desenhos produzidos tenham sido confeccionados a partir de um pedido, com um tema específico, a metodologia adotada no desenvolvimento da atividade foi livre, não houve a interferência ou influência de nenhum dos profissionais, incluindo os comentários e os títulos conferidos aos desenhos, que foram as crianças que indicaram.

Por conseguinte, revelam a concepção que as crianças têm a respeito do ambiente hospitalar e com relação a elas mesmas. Moreira e Macedo (2007) julgaram pertinente ilustrar sua pesquisa com os desenhos das crianças, para que pudessem fortalecer a postura ativa delas, assim como valorizar suas percepções acerca de seu estado de saúde e do ambiente do qual fazem parte, pois a reprodução da imagem de si mesma ou de outra criança, assim como do hospital, “[...] permite concretizar a doença/diferença manifestada no corpo, e o local de tratamento da mesma, que faz parte da vida regular destas crianças.” (Moreira; Macedo, 2007, p. 649).

Os resultados alcançados por Moreira e Macedo (2007) evidenciaram a importância e a necessidade de realização de pesquisas que considerem as crianças como sujeitos que se expressam e a potencialidade do brincar como instrumento humanizador. Desse modo, verificamos a autonomia das crianças, a capacidade de retratar a sua realidade por meio dos desenhos, pois mesmo que os profissionais tenham instruído a temática para as ilustrações, as crianças

expressaram o que é vivido por elas cotidianamente, aquilo que é tangível para elas.

Lopes e Paula (2012), em seu trabalho intitulado “*O significado das festas em uma brinquedoteca hospitalar: promoção da saúde, da cultura e da vivência da infância para crianças enfermas*”, analisaram os significados e as contribuições das celebrações de festas em uma brinquedoteca hospitalar.

O trabalho foi construído a partir dos resultados da pesquisa de uma Iniciação Científica, desenvolvida no Projeto de Extensão “Brilhar: Brinquedoteca, Literatura e Arte no Ambiente Hospitalar”, coordenado pela Prof.^a Dra. Ercília Maria Angeli Teixeira de Paula, do Departamento de Educação da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), com a participação de outros professores como supervisores, entre os anos de 2006 e 2010. As atividades do projeto aconteceram em duas brinquedotecas na cidade de Ponta Grossa, no interior do Paraná, em um hospital filantrópico e em um hospital público. As duas instituições atendiam crianças e adolescentes da cidade de Ponta Grossa e região. Em seus quatro anos de existência, o projeto atendeu em torno de mil crianças.

A metodologia utilizada baseou-se na etnopesquisa de Macedo (2000), com uma análise da realidade a partir de vários aspectos: interação dos pesquisadores com a comunidade pesquisada, observação de elementos estranhos e familiares na pesquisa de campo e descrição densa. Os autores realizaram uma breve revisão de literatura sobre festas e as análises dos relatórios dos estagiários que participaram da Festa da Páscoa de 2009, assim como entrevistas realizadas com funcionárias do hospital. Essas entrevistas aconteceram pessoalmente e por meio de formulário.

As atividades eram realizadas três vezes na semana pelas estagiárias que participavam do projeto. Para a coleta dos dados foi aplicada a “escuta sensível” da etnopesquisa, um recurso significativo para compreender a organização do ambiente. Para esclarecer o conceito da “escuta sensível”, os autores recorrem a Macedo (2000), que a descreve como um instrumento de pesquisa, é um avanço catalisador para vozes reprimidas/silenciadas historicamente no meio do processo científico.

A pesquisa teve como objetivo analisar as representações geradas em torno de uma das comemorações festivas realizadas, nesse caso uma festa de

Páscoa realizada em 2009 em uma das brinquedotecas e investigar as relações de inclusão e exclusão existentes naquela festa. Dessa forma, as autoras analisaram as crianças e seus comportamentos, para compreender “[...] os significados de elementos que caracterizam diferentes infâncias como as festas, as comemorações e os rituais que podem ser resgatados, ou mesmo apresentados para as crianças hospitalizadas.” (Lopes; Paula, 2012, p. 4). Esse trecho retirado do trabalho evidencia o uso da perspectiva da Sociologia da Infância, sobretudo ao empregar o conceito de diferentes infâncias.

Mais adiante, as autoras reiteram a perspectiva, quando citam uma obra de Vasconcellos e Sarmiento, o livro “Infância (In)Visível”, publicado no ano de 2007, no qual os autores discutem a respeito das múltiplas infâncias vividas por inúmeras crianças, como as que vivem em situação de vulnerabilidade social, inclusive aquelas que estão hospitalizadas. Assim como destacam a importância de reconhecer que as sociedades dependem das suas crianças e que o direito de viver plenamente a infância deve ser respeitado. Nesse contexto, é fundamental assegurar às crianças todos os seus direitos, incluindo o acesso ao brincar e à cultura.

Lopes e Paula (2012) apresentam relatos sobre momentos da festa analisada, nos quais o tédio, o desânimo e o silêncio foram substituídos pela animação, momentos de alegria e música, propiciando às crianças, desta forma, momentos de protagonismo para que elas pudessem se afirmar como sujeitos e atores das atividades desenvolvidas nas comemorações, renovando, desse modo, a compreensão de que crianças são crianças, que brincam mesmo em ambientes adversos.

Os resultados da pesquisa denotam que comemorar uma Páscoa dentro do hospital não é o mesmo que comemorá-la em casa, pois existem hospitais que não permitem a distribuição de ovos de chocolate para as crianças, por diversos fatores, sobretudo àquelas que têm restrição alimentar decorrente de sua doença, assim como a ausência dos familiares. No entanto, as autoras destacam que, mesmo com as limitações que o espaço hospitalar impõe às comemorações, estas não anulam os significados e a alegria da festa, apenas as (re)significam.

Da mesma forma, os dados indicaram que ao se elaborar uma festa dentro do âmbito hospitalar, principalmente aquelas que têm um forte apelo ao

consumo, é necessário ponderar sobre o sentido dessas atividades e a forma como elas são desenvolvidas. Contudo, assinalam a importância dessas atividades lúdicas e educativas, pois elas contribuem para a inclusão, para a união, para a promoção da saúde, da alegria e da cultura entre as pessoas.

Passeggi e Rocha (2012) desenvolveram o trabalho nomeado como “*A pesquisa educacional com crianças: um estudo a partir de suas narrativas sobre o acolhimento em ambiente hospitalar*”, a pesquisa foi produzida com crianças portadoras de doenças crônicas hospitalizadas no Centro de Onco-Hematologia Infantil (COHI), do Hospital Infantil Varela Santiago, em Natal, Rio Grande do Norte. O hospital acolhe crianças para tratamentos prolongados, o que faz com elas permaneçam muito tempo longe de seus familiares e da escola, assim, o COHI dispõe de uma infraestrutura que acolhe e comporta espaços para atuação de pedagogos, como, por exemplo, a brinquedoteca e uma Classe Hospitalar.

Dessa forma, as pesquisadoras adotaram uma postura de compreender e considerar as crianças como sujeitos de direitos, plenos de potencialidades e em condições de refletir sobre as coisas que lhes ocorrem, pois compreendem a “[...] importância de pesquisas que se disponham a investigar *com* crianças, com o propósito de ampliar nossa compreensão acerca das culturas infantis, legitimar seus saberes, seus modos de ser e de perceber.” (Passeggi; Rocha, 2012, p. 39).

Os sujeitos da pesquisa foram cinco crianças de 6 a 12 anos de idade, portadoras de patologias oncológicas ou hematológicas, internadas no COHI e em tratamento no Hospital Dia. O protocolo adotado na pesquisa foi o mesmo empregado em projetos em que os pesquisadores participaram. Segundo Passeggi e Rocha (2012, p. 42), as narrativas foram construídas a partir de respostas às curiosidades de um alienígena que almejava saber como era o ambiente hospitalar. O objetivo do personagem era de mediar a relação e reduzir possíveis constrangimentos durante a entrevista.

A seleção do brinquedo-personagem Alien, do filme *Toy Story* (Disney Pixar), ocorreu em virtude das características do extraterrestre que possibilitam a imaginação da criança, e também por se ajustar aos padrões de assepsia exigidos pelo Setor de Controle de Infecção Hospitalar.

Passeggi e Rocha (2012, p. 42 - 43) adotaram um padrão de pesquisa que compreende três momentos: a abertura, na qual apresentaram o

personagem *Alien*, originário de um planeta muito distante, entusiasmado para saber “o que é o hospital e para que ele serve, o que a gente faz nele...”, já que em seu planeta não existe hospital.

Posteriormente, iniciaram o diálogo com as crianças (algumas em seus leitos). O roteiro utilizado na entrevista foi previamente organizado, no entanto, durante o relato das crianças sobre o hospital, as pesquisadoras se atraíram pelas narrativas e deixaram que elas expusessem qual era seu maior sofrimento, o que elas mais gostavam, dentre outras coisas.

Para o encerramento, Passeggi e Rocha (2012) anunciavam que o *Alien* tinha que retornar com urgência para seu planeta, para relatar às crianças de lá tudo que havia descoberto sobre o hospital. Assim, solicitaram às crianças hospitalizadas para que enviassem uma mensagem para os pequenos moradores do planeta de *Alien*, e assim deixá-los livres para falar, escrever ou desenhar.

Conforme Passeggi e Rocha (2012), de todos os elementos que lhes chamaram a atenção, o maior foi a reincidência no relato de todas as crianças entrevistadas sobre as dificuldades em lidarem com a complexa dualidade de sentimentos, fato totalmente compreendido. Diante do exposto, o hospital se torna o lugar no qual eles vão em busca da cura, mas ao mesmo tempo é lugar no qual eles passam por muitas intervenções e procedimentos dolorosos.

Desse modo, a ambivalência de sentimentos e de percepção sobre o lugar hospital ganhou destaque na pesquisa, como pudemos verificar nas narrativas das crianças, em que descreveram o hospital como lugar legal; o quanto é cansativo tomar remédio a todo momento; lugar com várias pessoas que cuidam de crianças doentes; onde tomam remédios para passar a dor. As narrativas também revelaram o conhecimento que as crianças têm sobre a sua doença, como no caso de um menino que afirmou saber que estava lá porque tinha leucemia; em seguida, a descreveu como uma doença no sangue e que parecia ser muito grave (Passeggi; Rocha, 2012, p. 46-47).

As crianças entrevistadas também descreveram o lado ruim da hospitalização, afirmando que a primeira coisa que contariam às pessoas é que no hospital elas são “muito furadas”; que não é bom ficar no hospital; a dualidade de sentimentos de não gostar de sentir dor, mas ao mesmo tempo não gostar de tomar o remédio, assim como descrevem os momentos de choro.

No decorrer da pesquisa, as autoras apresentam muitas narrativas das crianças participantes da pesquisa, a riqueza dos relatos nos faz querer apresentá-las integralmente, no entanto, vamos nos conter e instigar a leitura do trabalho.

Os resultados alcançados na pesquisa de Passeggi e Rocha (2012) conduziram às seguintes reflexões: a importância de escutar e reconhecer as crianças como sujeitos plenos, com experiências para relatar. As reflexões das crianças auxiliam na compreensão do papel das práticas pedagógicas e culturais que modificam o ambiente hospitalar. As narrativas demonstram que o hospital é um ambiente que beneficia o diálogo entre Educação e Saúde, mas é o lugar no qual as crianças enfrentam incertezas e a ambiguidade de sentimentos, pois ao mesmo tempo que se caracteriza como um lugar bom porque irá curá-las, também é o lugar em que eles enfrentam muitas dores físicas, com procedimentos dolorosos e invasivos.

As autoras também relatam que a investigação contribuiu para o aprofundamento e evidenciou que a realização de pesquisa com crianças contribuiu para os estudos da infância no sentido de abordar as crianças como atores e produtores de cultura, pois elas narram, refletem e expõem suas experiências de vida.

Para Santos e Ferreira (2013), na pesquisa "*Contribuições para a fisioterapia a partir dos pontos de vista das crianças*", as autoras apresentaram como objetivo ouvir o que as crianças diziam sobre a fisioterapia. A pesquisa teve seus dados coletados entre os meses de agosto e novembro de 2011, em um hospital com um centro de fisioterapia do Estado de Santa Catarina. A pesquisa teve a participação de sete crianças com idades de seis e oito anos de idade, com o diagnóstico de doenças crônicas: Asma, afecções crônicas do trato respiratório, Distrofia Muscular, Mielomeningocele e Paralisia Cerebral. Todas realizavam fisioterapia contínua.

As crianças foram entrevistadas com questionamentos baseados na doença, nos tratamentos e sobre o brincar durante a fisioterapia. Os nomes atribuídos às crianças foram escolhidos por elas: Lula Molusco, Maria Cecília, Pucca, Bob Esponja, Isa TKM, Relâmpago e Russel. Para a entrevista, foi elaborado um roteiro com dezesseis perguntas que nortearam a coleta de dados.

Contudo, no decorrer do diálogo foram feitas outras perguntas associadas às respostas dadas pelas crianças à pergunta anterior.

As perguntas norteadoras seguiam quatro eixos: o significado da fisioterapia, os momentos na fisioterapia, atividades na fisioterapia e objetivos com a fisioterapia.

A primeira pergunta feita referia-se ao motivo pelo qual as crianças necessitavam de fisioterapia, as respostas dadas demonstraram que as crianças têm conhecimento sobre a sua doença e que elas se identificam com os três pontos mencionados acima pelas pesquisadoras. Algumas das crianças demonstraram conhecer suas doenças em sua complexidade, uma compreensão adquirida durante suas jornadas de internamento.

As narrativas apresentaram muitas outras questões, como comprometimento das crianças com a sua saúde e com a fisioterapia para que possam melhorar, o sofrimento que suas enfermidades lhes causam, assim como o otimismo e esperança com a possibilidade de melhora.

A pesquisa realizada por Santos e Ferreira (2013) também apresentou a infância como categoria social, pois desenvolveram o trabalho com as crianças e não sobre elas, amparando-se na perspectiva da Sociologia da Infância, como podemos evidenciar no seguinte trecho, no qual as autoras parafraseiam Sarmiento (2009, p. 9):

Os estudos da infância são, nas suas dimensões interdisciplinares, um campo de estudo em pleno progresso e desenvolvimento. A partir do olhar da sociologia, da história, da antropologia, da psicologia, etc., e tomado por foco a infância como categoria social do tipo geracional, têm se vindo a desenvolver trabalhos de pesquisa que procuram resgatar a infância como objeto de conhecimento, nas suas múltiplas articulações como as diversas esferas, categorias e estruturas da sociedade.

Com o presente estudo, Santos e Ferreira (2013) demonstraram a viabilidade de uma aproximação afetiva com a educação, por intermédio da Sociologia da Infância e da Saúde, com o intuito de humanizar a relação entre fisioterapeuta e a criança. A Sociologia da Infância compreende a criança como sujeito de direitos, “[...] aquela que é intergeracional, pois ela convive com os irmãos, pais e avós. Também são urbanas, pois vão às praças, às escolas;

caminham pelas cidades” (Santos; Ferreira, 2013, p. 212), representando direitos, economia e disparidade social, alguém que modifica o mundo.

Os resultados alcançados pela pesquisa identificaram que as crianças confrontam a doença e possuem otimismo e esperança de cura e de melhora, também relatam que desejam brincar mais, salientando a importância do planejamento do brincar terapêutico em clínicas e hospitais. Percebe-se a necessidade de os profissionais de fisioterapia explorarem mais o repertório lúdico com as crianças, o que ficou evidente no relato das crianças que não brincam durante a fisioterapia, pois é um lugar para fazer exercícios.

A fisioterapia aquática destacou-se pela maior proximidade com o lúdico, relatada com maior euforia pelas crianças, porque, segundo elas, é como brincadeira e não como exercício, é o momento de brincar.

Caires e Masetti (2015) apresentam, na pesquisa “*Uma pedagogia através do olhar do palhaço no contexto de saúde: subsídios para a humanização pediátrica*”, os princípios, os objetivos e as metodologias baseadas em uma proposta pedagógica desenvolvida pelos Doutores da Alegria, da Associação Brasileira de Palhaços de Hospital Profissionais, com estudantes e profissionais da saúde.

Neste contexto de formação, a pesquisa foi desenvolvida em conjunto com a Universidade do Minho – Portugal, onde buscou-se produzir oportunidades de vivência, discussões, análises e (inter)ações afetivas presentes em ambientes pediátricos. Nesse contexto pedagógico, as experiências foram tomadas como recursos formativos, o corpo e o afeto se constituem como recurso essencial para o aprendizado e a construção do conhecimento.

Podemos verificar a preocupação das autoras em apresentar uma concepção de infância que compreende a criança como sujeito, ao citar os direitos dos pequenos estabelecidos pela “*Carta Europeia dos Direitos da Criança Hospitalizada*”. Caires e Masetti (2015) também utilizaram os escritos de Sarmiento e Cerisara (2004) para descrever a importância da carta, uma vez que esta impulsionou muitas transformações no âmbito social e político, modificando as instituições de saúde e reafirmando os direitos das crianças hospitalizadas.

Caires e Masetti (2015) retrataram a importância do brincar no desenvolvimento e no bem-estar do paciente pediátrico, visto que é por meio da

brincadeira que a criança consegue manifestar suas inseguranças, inquietações e exprimir as representações das coisas imaginadas por ela.

Dessa forma, os Doutores da Alegria são capazes de realizar leituras dos acontecimentos cotidianos no âmbito hospitalar e intervir de forma lúdica; também desenvolvem atividades em vários espaços dos hospitais, nas brinquedotecas, Classes Hospitalares e quartos. Utilizam músicas, brincadeiras, pinturas e contação de histórias. O trabalho com palhaços é desenvolvido no Brasil desde 1994.

De acordo com Caires e Masetti (2015), o trabalho desenvolvido em conjunto com os Doutores da Alegria contribuiu para que os envolvidos buscassem uma maior aproximação com as crianças, assim como estabelecer uma melhor relação com os familiares das crianças, além do aumento da flexibilidade dos procedimentos e rotina hospitalar, a melhora da relação entre os profissionais, estimulando o companheirismo, até mesmo em momentos mais delicados e complexos.

Os resultados relatados pelas pesquisadoras descrevem que ao longo dos encontros as práticas com jogos, a conexão com os sentidos, o olhar, o ouvir, o tocar, criaram um lugar de construção de memórias e acontecimentos. Portanto, as questões principais do trabalho de Caires e Masetti (2015) foram: a experiência de quem aprende como o principal recurso de formação; o corpo e os afetos como lugares estruturantes do aprendizado e da construção de conhecimento; as perguntas como mais importantes do que as soluções; a ambiguidade, o erro e a confusão como elementos do processo de aprendizagem.

As autoras Castro, Moreira e Szapiro (2017) realizaram a pesquisa "*Crianças e adolescentes com condições crônicas falam sobre saúde*", com crianças e adolescentes com condições crônicas complexas internadas em um hospital de referência, localizado no município do Rio de Janeiro. O objetivo foi investigar os sentidos atribuídos pelas crianças e adolescentes à ideia de saúde, considerando-as como sujeitos das suas experiências.

Para isso, as pesquisadoras serviram-se de ferramentas lúdicas, como desenhos, jogos, brincadeiras e histórias para que as crianças pudessem ter seu protagonismo assegurado. A metodologia baseou-se na perspectiva etnográfica de Minayo (2012) e Tornquist (2007), a pesquisa foi realizada em duas

enfermarias do hospital, entre os meses de julho e outubro de 2015. Para o desenvolvimento da pesquisa, foi empreendida uma observação participativa, com distintas abordagens lúdicas, com a finalidade de possibilitar às crianças e aos adolescentes que se expressassem.

A observação participativa permitiu aos pesquisadores obter uma posição privilegiada ao se inserir na esfera da pesquisa e do ponto de vista dos participantes sobre o ambiente hospitalar. As pesquisadoras buscaram desenvolver um diálogo entre os elementos interpretativos com a perspectiva da Sociologia da Infância, os escritos de Canguilhem, a Antropologia da Criança e da Infância, dentre outros.

Participaram da pesquisa nove crianças e adolescentes, oito foram entrevistados e uma teve sua história relatada por meio das informações registradas no diário de campo. Foram disponibilizados para os participantes revistas para recorte, lápis, cola colorida e vários outros materiais, para que pudessem contar suas histórias de diferentes formas. As entrevistas foram realizadas nos leitos das enfermarias e os adultos puderam permanecer no local durante as entrevistas.

Todas as entrevistas começaram com a mesma pergunta: “O que você acha que é saúde para você?”. Embora, no início, todos os participantes demonstrassem hesitação, eles respondiam à pergunta com muito cuidado, em forma de texto ou de desenho. Alguns escolheram imagens de gravuras que retratavam a diversão, o que para eles é igual a saúde e a possibilidade do retorno para casa.

De acordo com Castro, Moreira e Szapiro (2017), tais afirmações indicam que as atividades de lazer e do brincar evidenciam as marcas de uma vida saudável. Outra criança retratou em seu desenho uma casa, uma árvore, um sol, nuvens e uma bandeira do Brasil. Quando indagada se havia compreendido o objetivo da atividade, ela respondeu que fez daquela forma porque havia pensado nos momentos em que brincava de casinha com seu irmão no quintal de sua casa.

Para Castro, Moreira e Szapiro (2017), com isso, a criança reiterou em seu desenho locais fora do ambiente hospitalar nos quais atividades costumeiras à infância são realizadas e associadas com o ser saudável. As pesquisadoras também relataram que uma adolescente de 15 anos, que passou por muitas

internações durante o período da realização da pesquisa, não resistiu e faleceu alguns meses depois da entrevista, em decorrência do seu quadro de Fibrose Cística.

Castro, Moreira e Szapiro (2017) indicam que o desenho da adolescente retratou um velho sentado no banco, segurando um cachorro que estava com a pata quebrada, com uma menina ao lado, pulando corda, e uma borboleta voando. Logo depois, descreveu que saúde para ela era ver as pessoas felizes e brincando.

Na primeira fase da pesquisa, uma menina de dez anos, portadora de Fibrose Cística, com um histórico de internações, não participou das entrevistas formais, pois havia falecido no mês de julho. Nesse período, a pesquisa estava na fase da observação participativa.

Nessa ocasião, a menina pediu para as pesquisadoras que lhes mostrassem imagens de bonecas com oxigênio portátil, semelhante ao que ela usava quando estava em sua casa. O resultado da busca apresentou imagens de bonecas mergulhadoras e astronautas, o que resultou na seguinte resposta: “eles não sabem de nada”, logo em seguida, sugerindo que montassem uma boneca com oxigênio portátil.

De acordo com Castro, Moreira e Szapiro (2017), os elementos cotidianos (fora do hospital) foram identificados em sete das nove histórias. Em alguns casos, a concepção de estar fora do hospital corresponde a estar saudável, e estar internado é o oposto de saúde.

Os resultados da pesquisa apresentaram histórias de crianças e adolescentes entrevistados, com idades entre oito e dezessete anos, com doenças crônicas, que estão em tratamento. As estratégias utilizadas foram desenhos, brincadeiras e histórias, os participantes trouxeram elementos pertinentes às suas experiências de vida.

No entanto, mesmo que os encontros para o desenvolvimento da pesquisa tenham ocorrido em um ambiente de internação, os participantes apresentaram muitos componentes que faziam parte do ambiente hospitalar, e sim, elementos que constituem uma marca cultural compatível com o que é ser criança ou adolescente em diversos contextos, como brincar, ir à escola, sair com os amigos e namorar.

Nesse contexto, a pesquisa buscou investigar e afirmar as crianças e os adolescentes como atores sociais plenos, como aqueles que constroem as suas próprias narrativas, e, para além de interpretá-los, as pesquisadoras buscaram ouvi-los. O desejo das autoras é que a pesquisa possa contribuir com futuros estudos sobre crianças e adolescentes com condições crônicas complexas, afirmando-as como sujeitos e protagonistas de suas vidas.

Paula e Gomes (2018) publicaram o artigo *“Imágenes de niños en tratamiento de salud en campañas publicitarias: el protagonismo infantil”*, na revista Hachetetepé: Revista científica De Educación Y Comunicación. O trabalho teve como objetivo apresentar campanhas publicitárias disponíveis na internet que contemplassem menores em tratamento de saúde no Brasil e na Espanha, assim como a contribuição dessas campanhas para a transformação do conceito de criança doente.

A metodologia da pesquisa foi pautada em uma revisão bibliográfica baseada na perspectiva da Sociologia da Infância, foram analisadas doze campanhas publicitárias veiculadas na internet sobre essas crianças. O período de recorte para a análise foi de 2013 a 2017. Os resultados da pesquisa possibilitaram observar que em vários países do mundo ainda é necessário realizar campanhas publicitárias para arrecadar fundos para o tratamento e atendimento de crianças em tratamento de saúde.

Dessa forma, os direitos abrangentes não são totalmente garantidos. As finalidades iniciais das campanhas visavam a angariação de fundos, ao mesmo tempo que outros valores fossem associados, como: relatórios sobre prevenção de doenças, cuidados com as crianças, solidariedade e modificação do conceito de crianças “pacientes” para crianças que são agentes do desenvolvimento do processo e protagonistas de suas histórias.

Mello, Galvão, Trindade, Martins, Barbosa e Pimentel (2019), na pesquisa *“O brincar e a criança em tratamento oncológico: relações para além da dimensão terapêutica”*, analisaram as ligações estabelecidas entre as crianças em tratamento oncológico com os jogos e as brincadeiras mediadas por um projeto de extensão universitária intitulado “Brincar é o Melhor Remédio”, elaborado em parceria com a Associação Capixaba Contra o Câncer Infantil - ACACCI e o Núcleo de Aprendizagens com as Infâncias e Seus Fazeres - NAIF, do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito

Santo - UFES. A metodologia utilizada foi um Estudo de Caso Etnográfico, tomando como ponto central o projeto: Brincar é o Melhor Remédio.

Para a construção da pesquisa, as autoras realizaram uma observação participativa, na qual sistematizaram um diário de campo com conteúdos levantados pelas crianças, produtos de rodas de conversa com os familiares. O período analisado na pesquisa é de março de 2017 a dezembro de 2018, totalizando 63 inserções no campo, com a participação de 88 crianças e seus familiares. Os resultados da pesquisa enfatizaram a importância das práticas cotidianas para a compreensão das lógicas empregadas pelas crianças em suas brincadeiras, que das relações dessas crianças com as atividades lúdicas surgem diferentes formas de aprender, segundo as autoras, retratando interesses, expectativas e necessidades das crianças em relação às suas práticas brincantes. Em relação às crianças com câncer, o terreno lúdico é um dos poucos que denotam possibilidades de escolhas para as crianças.

Montana e Brostolin (2020), em sua pesquisa denominada “*A Classe Hospitalar na voz de crianças a partir de suas vivências educacionais*”, analisam como as crianças da Classe Hospitalar vivenciam as suas experiências educacionais no período de internação. A metodologia baseou-se na Sociologia da Infância, em pesquisadores como Sarmiento (2013), Corsaro (2011), Soares (2005), (2015), entre outros, que contribuíram para a compreensão da importância de escutar as crianças.

Os procedimentos metodológicos foram pautados em uma abordagem qualitativa, com uma observação direta por se tratar de pesquisa com crianças e da necessidade de manter-se próximo aos sujeitos e ao contexto da investigação. Os pesquisadores ressaltam a importância dos cuidados e da ética ao se realizar pesquisas com crianças e de se respeitar suas múltiplas formas de expressão, sobretudo por estarem em um ambiente hospitalar no qual suas emoções e seus sentimentos, como o chorar, o sentir a dor, a saudade e o medo se intensificam; desse modo, torna-se imprescindível a confiança de relação entre a criança e o pesquisador, exigindo muita sensibilidade.

Durante a observação, foi realizada a coleta de dados e a entrevista semiestruturada e o desenho comentado, com a aplicação do recurso de um brinquedo-personagem. Pautado no trabalho de Rocha (2012), os bonecos escolhidos pelas crianças para identificar-se foram o Homem-Aranha, Capitão

América, Homem-Formiga e Mulher-Maravilha. A escolha dos bonecos se deu com objetivo de instigar a imaginação e a esperança nas crianças, pois os super-heróis passam o sentimento de poder, ou seja, cada um pode atribuir a habilidade de acordo com sua criatividade.

Os bonecos foram utilizados para uma contação de história, na qual os heróis estavam em uma missão para conhecer a rotina do hospital e necessitavam encontrar uma criança para ajudá-los. Dessa forma, a criança poderia criar um novo herói com os poderes que quisessem após a missão ser cumprida. O recurso permitiu aos pesquisadores trabalhar com o roteiro proposto para as entrevistas. Os mesmos destacam que o brinquedo-personagem foi escolhido respeitando os padrões de assepsia solicitados pela equipe da Classe Hospitalar, atendendo às determinações do Setor de Controle de Infecção Hospitalar.

A estrutura do texto foi organizada em três momentos: o primeiro apresenta um breve histórico da concepção de criança e infância e os direitos da criança a partir dos pressupostos da Sociologia da Infância, com os escritos de Sarmiento (2013) e Corsaro (2011).

O segundo momento aborda o contexto da Classe Hospitalar, mais especificamente as leis que amparam essa área e a dinâmica de seu funcionamento, trazem autores como Oliveira (2013), Ribeiro (2013), Geremias (2010), Barros (2011), Lima (2015) e Paula (2007). Os autores também utilizam o documento “Classe Hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: estratégias e orientações para sua implantação e implementação”, Brasil (2002). A terceira seção apresenta fragmentos das vivências educacionais narradas por duas crianças e as reflexões provocadas pela análise.

A metodologia adotada viabilizou o acesso às análises das narrativas das crianças sobre suas experiências educacionais na Classe Hospitalar. Os dados foram coletados entre abril e julho de 2019, com a participação de cinco crianças de idades entre cinco e doze anos, que frequentavam a Classe Hospitalar da Santa Casa de Misericórdia, na cidade de Campo Grande – MS.

Durante a pesquisa, as narrativas das crianças revelaram algumas situações sobre o processo de internamento, como o interesse das crianças em jogos de videogame e a falta dos animais de estimação; também houve um breve

relato de como os professores do hospital eram todos “bonzinhos” e os da escola regular eram “esquentados”.

Da mesma forma, a pesquisa expressou a representação de uma criança ativa, que adora desenhos, atividades em livrinhos e outras brincadeiras. Por meio dos relatos das crianças também foi possível verificar fatos sobre acidentes sofridos por elas, como uma menina que havia sofrido queimaduras.

Os resultados da pesquisa de Montana e Brostolin (2020) também identificaram na fala das crianças, por meio da entonação da voz, a legitimação do seu imaginário ao se sentir realmente a personagem que ela se propôs a fazer, pois quando as crianças desenhavam, elas representam graficamente especificidades de suas próprias concepções e interpretações.

Carvalho, Lima, Melo, Boeckmann e Silva (2020), no artigo “*Experiência da criança sobre a hospitalização: abordagem da Sociologia da Infância*”, apresentaram como objetivo conhecer a experiência da hospitalização na perspectiva da criança. No tópico “Método”, os autores descrevem o estudo como “[...] exploratório-descritivo, com abordagem na investigação qualitativa, utilizando a Sociologia da Infância como Referencial Teórico e a Técnica da Narrativa” (Carvalho *et al*, 2020, p. 3), que por sua vez enriquece a capacidade de “ouvir” as crianças. Na metodologia utilizada para a pesquisa podemos observar o trecho em que os autores citam Abramowicz⁹ (2020, p. 3), para afirmar que:

A Sociologia da Infância é um movimento das Ciências Sociais e Humanas que valoriza a criança como objeto central de suas pesquisas. No Brasil, esse movimento teve início no século XX, e contribuiu para a percepção das crianças como atores sociais, com estudos sobre a infância, não na perspectiva dos adultos, mas sim das próprias crianças.

O estudo foi elaborado entre março e julho de 2018, em unidade pediátrica de um hospital geral, vinculado à Secretaria de Estado de Saúde do Distrito Federal, pertencente à Coordenação da Regional Central de Saúde, o qual

⁹ Abramowicz A. **Sociologia da infância: traçando algumas linhas. Contemporânea.** [Internet]. 2018 [acesso em 05 jan 2020]; 8(2). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4322/2316-1329.064>.

atendia em média de 90 crianças no mês; destas, 16 crianças hospitalizadas participaram do estudo.

Para a realização da pesquisa, foram selecionados intencionalmente participantes que atendiam aos seguintes critérios: crianças internadas há mais de três dias, com idade entre quatro e 12 anos incompletos, dado que, de acordo com os autores, nessa idade as crianças têm a capacidade de elaborar correlações entre aquilo que experimentam e a sua realidade. Foram excluídas do estudo crianças com estado clínico instável e/ou grave.

Durante a pesquisa foi realizada uma entrevista individual e organizado um roteiro, no qual continha uma parte semiestruturada e outra não estruturada com questões abertas e subjetivas, e o uso de anotações do diário de campo. O primeiro considerou dados sócio-demográficos e psicossociais da criança, como idade, sexo, data da hospitalização, tempo de hospitalização, diagnóstico ou hipótese diagnóstica, escolaridade da criança, local de moradia. O segundo apresentou questões relacionadas às experiências da criança durante a sua hospitalização. As perguntas elaboradas foram: como você está se sentindo neste hospital? O que fica diferente na sua vida quando você está internada?

Em seguida, os relatos foram compilados e agrupados por características similares, em seguida os conteúdos foram analisados. Nesse processo, procurou-se valorizar a narrativa verbal das crianças. Para resguardar a identidade das crianças, os pesquisadores atribuíram nomes fictícios a elas, utilizando o nome de personagens infantis escolhidos pelas crianças. Os pesquisadores organizaram as narrativas das crianças em três categorias temáticas: momento da internação, dinâmica hospitalar e retorno à minha casa.

Os autores Carvalho *et al.* (2020) citaram algumas das narrativas infantis em seu trabalho, em que houve o relato que ao hospital foram levados pela mãe e que não sabiam qual era a sua doença, outra descreveu que imaginava que ficar internado era pior. O medo de morrer sem poder falar com a mãe também foi relatado pelas crianças. As narrativas das crianças indicaram que elas expressam seus sentimentos, pois uma disse que vai logo avisando quando está doendo a picada.

Os resultados alcançados evidenciaram três temas: o conhecimento das crianças acerca do entendimento da doença, o cotidiano da hospitalização, a

experiência com os procedimentos aos quais foram submetidas, e a valorização das atividades desenvolvidas na brinquedoteca.

Durante o desenvolvimento das entrevistas, os pesquisadores se depararam com um impasse, a escassa variância nas narrativas, resultando na saturação dos dados, desta forma, não necessitando da realização de outros momentos com os participantes.

Costa, Passeggi e Rocha (2020), em seu trabalho intitulado “*Por uma escuta sensível de crianças com doenças crônicas*”, destacaram como objetivo a importância de tomar em consideração a palavra de crianças com doenças crônicas, implicando escutar o que têm a dizer sobre as experiências vividas nas travessias entre a saúde e o adoecimento, a escola e o hospital. As autoras apresentam no trabalho as narrativas de cinco crianças, com idades entre seis e doze anos, em tratamento de doenças crônicas num hospital pediátrico de Natal – RN.

Para a realização da pesquisa, as autoras buscaram novas formas de escutar as crianças e de investigar com elas, assim, propuseram uma situação de faz de conta que lhes possibilitasse dialogar com elas em uma perspectiva de horizontalidade, contribuindo para a reflexão sobre o modo de conviver com uma doença crônica, respeitando as particularidades e a integridade de cada um.

O objetivo era que cada criança dialogasse da forma mais natural possível, sem constrangimentos, cumprindo as exigências e ética ao realizar pesquisas com crianças. O protocolo adotado foi a realização de rodas de conversa em que as interações incluíram um pequeno extraterrestre imaginário, o qual elas nomearam como *Alien*. O alienígena era de um planeta em que não existiam hospitais. Posto isso as crianças deveriam lhes contar como era o hospital, para que ele pudesse construir um igual em seu planeta. Conforme Costa, Passeggi e Rocha (2020, p. 11), o protocolo e as rodas de conversa pautaram-se em quatro características/particularidades da cultura da infância descritas por Sarmiento (2003): “[...] a interatividade, a ludicidade, a fantasia do real e a reiteração”.

A pesquisa fundamenta-se em autores que têm suas pesquisas voltadas para a preservação da centralidade das crianças, como, por exemplo, o trabalho pioneiro de Martine Lani-Bayle (2014), (2018), dentre outros, como Qvortrup (2011), (2014); Corsaro (2005); Cruz (2008); Delalande (2006); Rocha, Ferreira

(1994); Pino (2005) e Sarmiento (2008). Esses autores, de diferentes países, simbolizam a (r)evolução que vem construindo uma perspectiva que compreende a criança como sujeito – ator – agente social, capaz de construir as suas próprias narrativas, muito distinta daquelas concepções pelas quais as crianças eram representadas como seres invisíveis.

Conforme Costa, Passeggi e Rocha (2020), a criança hospitalizada vive uma complexa experiência quando adoece; para elas, ao mesmo tempo em que hospital é compreendido como um “lugar legal”, o lugar em que vão para serem curadas, também é o “lugar ruim”, no qual elas passam por vários procedimentos e intervenções dolorosas. Destacam que as crianças que estão no início do tratamento relatam mais as limitações e as transformações que a doença causa em seu dia a dia e em suas vidas.

Já as crianças que apresentam um histórico com longos períodos em tratamento revelam detalhes minuciosos pertinentes às suas patologias, empregam termos especializados e apontam variações em suas taxas de imunidade e sintomas, como por exemplo, dor, náuseas e desconfortos físicos e emocionais, decorrentes dos tratamentos, como pudemos constatar nas narrativas das crianças quando afirmam que estão no hospital porque estão doentes e têm que tomar remédios.

Face ao exposto, as autoras apresentam como parte de suas (in)conclusões, a agentividade da criança (termo empregado na pesquisa), a capacidade de acolher o próximo, a importância da Classe Hospitalar para o bem-estar das crianças. A importância das Classes Hospitalares e a capacidade das crianças em se tornarem “experts” ao conviverem com a doença, pois desde muito pequena a criança tem condições de analisar sua situação de saúde e aprender com a sua experiência e a de seus pares.

As pesquisadoras concluem realizando uma observação sobre suas próprias aprendizagens, relatando um dos maiores desafios enfrentados na pesquisa com crianças e não sobre as crianças: *“a dificuldade de interpretar suas interpretações sobre o adoecimento, a hospitalização ou as rupturas que parecem emergir em tais contextos”*.

Melo, Trindade, Galvão e Pimentel (2020), no artigo *“Projeto Brincar é o Melhor Remédio: Relações Pedagógicas Centradas nas Produções Culturais das Crianças”*, apresentam como objetivo discutir as possibilidades pedagógicas

que reconheçam e valorizem a autonomia e autoria das crianças em tratamento oncológico. Os procedimentos metodológicos adotados pelos pesquisadores basearam-se em um projeto que promoveu jogos e brincadeiras em uma instituição que assiste crianças com câncer e seus familiares, pois, amparando-se em Sarmiento (2002), as pesquisadoras ressaltam “[...] a importância das brincadeiras para as crianças no enfrentamento das adversidades, um meio pelo qual elas podem reconstruir realidades tão duras e avassaladoras” (Melo *et al.* 2020, p. 98).

A pesquisa é pautada na Sociologia da Infância e construída a partir do resultado das atividades realizadas no projeto Brincar é o Melhor Remédio, desenvolvido, desde março de 2017, em parceria entre o Núcleo de Aprendizagens com as Infâncias e seus Fazeres (NAIF), do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo e a Associação Capixaba Contra o Câncer Infantil (ACACCI).

A metodologia empregada na pesquisa é de uma pesquisa-ação colaborativa, e contou com a utilização de diário de campo e registros fotográficos como fontes. Foi realizada uma observação participativa e, posteriormente, sistematizada em um diário de campo, com relatos das crianças e dos familiares durante as rodas de conversa. O estudo ocorreu de março de 2017 a dezembro de 2018, totalizando 63 inserções no campo de pesquisa. A pesquisa contou com a participação de 88 crianças e seus familiares.

Para o desenvolvimento do trabalho, os pesquisadores fizeram alguns questionamentos: como reconhecer e valorizar o protagonismo e a autoria das crianças que estão em tratamento oncológico em relação ao seu direito de brincar? Como promover mediações pedagógicas que potencializam um brincar centrado nos seus interesses e necessidades? Para auxiliar na compreensão e na análise destas questões, os pesquisadores utilizaram autores que reconhecem e valorizam as produções culturais infantis.

Na escuta sensível das crianças, é fundamental estar sempre atento e receptivo, pois elas podem se manifestar por intermédio de múltiplas linguagens, em especial a corporal. Evidenciamos os aspectos da Sociologia da Infância no trecho em que os pesquisadores utilizam Corsaro (2009) para reiterar que:

[...] as crianças não recebem passivamente os bens culturais que lhes são ofertados, pois elas transformam e ressignificam esses bens, imprimindo neles as suas marcas pessoais. Para considerarmos a centralidade das crianças em suas relações com os jogos e as brincadeiras, torna-se necessário deslocar o foco de análise do emissor para o receptor, ou seja, para o que elas fazem com aquilo que recebem (Melo *et al.* 2020, p. 109 - 110).

No decorrer da pesquisa, os autores apresentaram alguns depoimentos dos participantes acerca das interações ocorridas entre as crianças pequenas, crianças mais velhas e adolescentes do projeto. Interações que possivelmente seriam mais difíceis de acontecer em outros contextos, devido à faixa etária dos envolvidos. No entanto, no PBMR, da mesma forma que os adolescentes, as crianças mais velhas estão “[...] abertos e acessíveis a interações com as crianças pequenas, mesmo que essas interações descaracterizem e alterem profundamente a dinâmica do jogo/brincadeira” (Melo *et al.*, 2020, p. 111).

Nesse caso, predomina o sentimento solidário com os mais novos, mediado pelas brincadeiras e pelos jogos, evidenciado no relato dos pesquisadores, em que descrevem que uma criança de 12 anos estava jogando xadrez com a estagiária; após iniciarem o jogo, uma criança de 4 anos se aproximou e pediu para brincar.

A partir desse momento, as regras e normativas tradicionais do jogo deixaram de existir, dando espaço para o manuseio aleatório de peças. A criança mais velha não expressou nenhuma reação negativa ao ter seu jogo interrompido em virtude das ações empreendidas pela criança mais nova, o que propiciou uma interação entre eles, e o mais importante, a participação de todos.

Durante as intervenções pedagógicas, os pesquisadores verificaram a necessidade de realizar atividades lúdicas que envolvessem os familiares das crianças e dos adolescentes em tratamento, dado que quando uma pessoa da família adoece, todos os outros adoecem juntos. A experiência de vivenciar o câncer causa uma sequência de sentimentos angustiantes e dolorosos na família toda, o que os pesquisadores denominaram como a "experiência do adoecer em família".

Dessa forma, os pais e familiares do projeto envolveram-se nas atividades, nos jogos e nas brincadeiras do projeto, os quais propiciaram momentos alegres e descontraídos, em que os familiares brincaram com seus

filhos, fortalecendo os laços afetivos e intensificando momentos agradáveis, mesmo ante a situações excruciantes.

Melo *et al.* (2020) relatam que, após o desenvolvimento das atividades, foi realizada uma roda de conversa com as mães, momento em elas tiveram a oportunidade de manifestar o pensamento sobre o PBMR; a dinâmica também permite que as atividades do projeto sejam avaliadas. Os relatos apontam que para as famílias são raros os momentos de descontração no momento em que estão enfrentando as doenças. Para elas, rir, brincar e se divertir são atividades que deveriam ocorrer mais vezes durante esse processo, mas que não acontecem devido à falta de tempo. Da mesma forma, os familiares relataram que as atividades desenvolvidas pelo projeto propiciam a união e a aproximação entre eles e seus filhos(as), pois desfrutam da companhia uns dos outros.

Os resultados apontados nos estudos de Melo, Trindade, Galvão e Pimentel (2020) enfatizam a importância das práticas cotidianas para a compreensão das lógicas empregadas pelas crianças em suas brincadeiras. É necessário um olhar atento e uma escuta sensível, constituídos por intermédio dos vínculos estabelecidos entre as crianças, adolescentes e seus pares. Os pesquisadores procuraram corroborar com a perspectiva que apresenta o brincar como direito da criança, no entanto, é importante considerar também o direito da criança de não querer brincar. Para as crianças em tratamento oncológico, a esfera do lúdico torna-se um dos poucos espaços nos quais elas têm escolha.

Justino e Kailer (2021), na pesquisa *“Narrativas de crianças e adolescentes com câncer: muitas experiências para contar e comunicar”*, expressam como objetivo a realização de uma análise da produção acadêmica do Brasil sobre as narrativas de crianças e adolescentes com câncer a respeito de suas experiências de adoecimento e hospitalização. Os objetivos específicos foram elaborar uma compreensão do cotidiano dessas crianças e adolescentes através de suas narrativas, fazer uma descrição de seus cotidianos e suas especificidades e verificar como pesquisadores dos estudos destas crianças no Brasil auxiliam na escuta e comunicação dessas pessoas. A metodologia utilizada foi uma revisão de literatura das produções acadêmicas acerca do tema no Brasil, e foram analisados sete artigos.

Com os resultados da pesquisa de Justino e Kailer (2021), concluem que existe uma necessidade de se asseverar atividades lúdicas no cotidiano das

crianças e adolescentes, pois elas auxiliam na comunicação de suas angústias, de suas dificuldades diárias e a expressar estratégias individuais e coletivas de superação. Da mesma forma, o que as autoras denominam como escuta qualificada, possibilita o acolhimento e a ressignificação na vida das pessoas.

Souza (2021), no trabalho “*O papel do (a) pedagogo (a) hospitalar: um ensino humanizante no hospital Oswaldo Cruz em Recife – Pernambuco*”, apresenta como problema a seguinte pergunta: Qual é o papel e a atuação pedagógica desenvolvida pelo (a) Pedagogo (a) no espaço Hospitalar? Em seguida aponta como objetivo analisar as práticas pedagógicas adotadas pelo Pedagogo Hospitalar visando a compreensão de sua metodologia, avaliação e didática de ensino tanto nos leitos hospitalares quanto na Classe Hospitalar do Hospital Universitário Oswaldo Cruz em Recife – PE, com a finalidade de compreender as dificuldades e conquistas adquiridas por este profissional em sua atuação.

A motivação para seleção do tema justifica-se em decorrência da superação pessoal da autora, durante o diagnóstico de um câncer de ovário. Em segundo, ao fato de ser uma esfera de atuação recente e inovadora, pouco pesquisada em virtude de ser restringida a apenas um hospital da região de Pernambuco.

A metodologia empregada na pesquisa foi de cunho qualitativa bibliográfica e de campo, na qual a autora realizou a técnica de observação não participativa, em seguida realizou uma entrevista com a pedagoga da instituição pesquisada, a fim de entender e investigar componentes relevantes sobre as práticas pedagógicas do Pedagogo Hospitalar. A pesquisa fundamentou-se em autores como Horkheimer e Adorno (1973), Minayo (2007), Assis (2009); Cunha (1998), Libâneo (2004); Paula (2010), dentre outros.

A pesquisa de campo aconteceu na Classe Hospitalar Semear, localizada no Centro de Oncohematologia Pediátrica, do Hospital Universitário Oswaldo Cruz, em Recife – PE. A profissional selecionada para participar da pesquisa foi a Pedagoga Hospitalar da Prefeitura do Recife, atuante na referida Classe Hospitalar. Souza (2021) justifica o fato de haver somente uma entrevistada, em virtude da carência de profissionais dentro das instituições hospitalares de Pernambuco. Os recursos para geração de dados seguiram as seguintes etapas:

Inicialmente, foi empregado como estratégia a observação não participativa, ou seja, ocorreu uma visita da pesquisadora para que ela pudesse conhecer o local de atuação da pedagoga no âmbito hospitalar e observar o trabalho desenvolvido nas Classes Hospitalares e na brinquedoteca.

Posteriormente, foi aplicada a técnica da entrevista em profundidade, de natureza semiestruturada e direcionada à Pedagoga do hospital. As perguntas realizadas foram caracterizadas como “fechadas e abertas”, assentadas em um roteiro que possibilitou ao entrevistado refletir sobre a temática, sem que o entrevistador supostamente determinasse as respostas ou condições. A autora gravou e transcreveu as respostas e, posteriormente, as organizou em forma de quadro.

Os resultados da pesquisa demonstraram a importância da prática pedagógica, bem como a necessidade de tal prática ser expandida aos demais hospitais públicos e privados, destacando a importância da afetividade nas ações pedagógicas com crianças e adolescentes em estado de internação hospitalar.

A investigação de Souza (2021) também destacou a importância da prática do(a) Pedagogo(a) Hospitalar no seu ambiente de trabalho, demonstrou o perfil da pedagoga, o perfil dos alunos atendidos e a metodologia utilizada e as adaptações desenvolvidas no seu trabalho. Da mesma forma, a pesquisa viabilizou a compreensão da eficácia do trabalho realizado nesse âmbito, pouco observado como espaço de ensino-aprendizagem que é o hospital. Tal como evidencia a relevância da finalidade de promover a continuidade do trabalho desenvolvido pela escola regular, expandindo e reforçando os vínculos emocionais e cognitivos do paciente.

Vale destacar que Souza (2021) descreve em seu trabalho a importância do lúdico no ambiente hospitalar, para as crianças que lá estão. A autora destaca a brinquedoteca como um ambiente lúdico e de socialização, onde ocorrem brincadeiras, um espaço encantador para as crianças.

Como resultado de sua pesquisa, a autora afirma que quando as crianças hospitalizadas têm acesso ao espaço da brinquedoteca do hospital, elas esquecem momentaneamente dos sofrimentos que sua doença lhes impõe, dos inúmeros procedimentos clínicos sofridos. Elas deixam a condição de sujeito

doente e passam a sorrir, a serem alegres, recuperam sua autoestima por meio dos sentimentos oportunizados pelo brincar.

Nos artigos selecionados durante a investigação foi possível observar que os pesquisadores desses trabalhos pertencem às áreas de Psicologia, História, Pedagogia, Licenciatura em Letras, Fisioterapia, Educação Física, Enfermagem, Física e Química. Com isso, verificamos que mesmo que os autores pertençam a diferentes áreas de formação, percebemos que as práticas desenvolvidas por eles estão amparadas na perspectiva da Sociologia da Infância, isso revela que as concepções das práticas educativas propostas pelos pesquisadores estão em sintonia, mesmo que transitem em diferentes áreas do conhecimento. Para duas áreas que são consideradas novas e em expansão, isso nos revela que já existem muitos trabalhos que associam as duas perspectivas teóricas que são objetos de estudo nesta tese.

Da mesma forma, verificou-se que nos artigos selecionados os pesquisadores utilizaram diversos recursos para a elaboração de suas pesquisas, como jogos, brincadeiras, desenhos, contação de histórias, bonecos-personagem para iniciar os diálogos, dentre outros. Durante a análise também foram investigados os autores utilizados nas produções acadêmicas elaboradas na área da Educação Hospitalar, amparadas na perspectiva da Sociologia da Infância, como podemos verificar na estruturação no quadro número 2:

Quadro 2: Autores da Sociologia da Infância presentes nas produções acadêmicas sobre as crianças em tratamento de saúde

Autor(es)/Ano	Título	Autores da Sociologia da Infância Utilizados das Pesquisas
Moreira e Macedo (2007)	O Protagonismo da Criança no Cenário Hospitalar: um Ensaio sobre Estratégias de Sociabilidade	Mayall (1998), Plaisance (2004), Montandon (2001), Sirota (2001), Mollo-Bouvier (2005), Delgado e Müller (2005).
Lopes e Paula (2012)	O Significado das Festas em uma Brinquedoteca Hospitalar: Promoção da Saúde, da Cultura	Vasconcellos e Sarmiento (2007), Fortuna (2007),

	e da Vivência da Infância Para Crianças Enfermas	Delgado (2010), Brandão (2011).
Passeggi e Rocha (2012)	A pesquisa educacional com crianças: um estudo a partir de suas narrativas sobre o acolhimento em ambiente hospitalar	Ferreira (2000), Sarmiento (2008), Dornelles e Fernandes (2012).
Santos e Ferreira (2013)	Contribuições para a fisioterapia a partir dos pontos de vista das crianças	Corsaro(2009), Sarmiento (2009), (2011), Abramowicz e Oliveira (2011).
Caires e Masetti (2015)	Uma pedagogia através do olhar do palhaço no contexto de saúde: subsídios para a humanização pediátrica	Sarmiento e Cerisara (2004).
Castro, Moreira e Szapiro (2017)	Crianças e adolescentes com condições crônicas falam sobre saúde	Mollo-Bouvier (2005), Corsaro (2011), Moreira (2015).
Paula e Gomes (2018)	Imágenes de niños en tratamiento de salud en campañas publicitarias: el protagonismo infantil	Delgado e Muller (2005), Sarmiento (2007), Vasconcellos e Sarmiento (2007), Corsaro (2009), Redin (2012).
Mello, Galvão, Trindade, Rodrigo Martins, Barbosa e Pimentel (2019)	Projeto Brincar é o Melhor Remédio: Relações Pedagógicas Centradas nas Produções Culturais das Crianças	Sarmiento (2002), Corsaro(2011), Finco & Oliveira (2011).
Montanha e Brostolin (2020)	A Classe Hospitalar na voz de crianças a partir de suas vivências educacionais	Belloni (2009), Corsaro (2011), Kuhlmann e Fernandes (2012) Abramowicz (2016), (2019); Sarmiento (2019)

Carvalho, Lima, Melo, Boeckmann, Silva (2020)	Experiência da Criança Sobre a Hospitalização: Abordagem Da Sociologia da Infância	Abramowicz (2018)
Costa, Passeggi Rocha (2020)	Por uma escuta sensível de crianças com doenças crônicas	Sarmiento (2003), (2008), Corsaro (2005), Costa e Sarmiento (2018), (2019)
Mello, Trindade, Galvão e Pimentel (2020)	O brincar e a criança em tratamento oncológico: relações para além da dimensão terapêutica	Sarmiento (2002), (2003), (2013); Corsaro (2009), Rosseti-Ferreira e Oliveira (2009)
Justino e Kailer (2021)	Narrativas de Crianças e Adolescentes com Câncer: Muitas Experiências Para Contar e Comunicar	Rocha (2012).
Souza (2021)	O Papel do (a) Pedagogo (a) Hospitalar: um Ensino Humanizante no Hospital Oswaldo Cruz em Recife – Pernambuco	Cunha (1998)

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2024.

Como podemos observar nas informações apresentadas no quadro número 2, alguns dos principais teóricos da perspectiva da Sociologia da Infância aparecem nas pesquisas selecionadas, alguns em mais de um trabalho analisado: Delgado e Müller (2005); Sarmiento e Cerisara (2004); Vasconcellos e Sarmiento (2007), (2008), Sarmiento (2002), (2003), (2008), (2009), (2011), (2013), (2019); Costa e Sarmiento (2018), (2019); Corsaro (2005), (2009), (2011); Delgado (2010); Abramowicz e Oliveira (2011); Abramowicz (2016), (2018), (2019).

Na sua maioria, partilham de uma compreensão da infância como categoria, constituída historicamente, uma vez que consideram as crianças como agentes sociais ativos, construtoras de suas culturas e colaboradoras na instituição das culturas dos adultos e como seres integrantes da sociedade. Visto

que a infância é uma etapa transitória, mas que nunca deixa de existir, ainda que seus elementos se modifiquem constantemente.

No quadro número 3, organizamos as dissertações encontradas, no entanto os descritores utilizados para a busca foram distintos dos trabalhos citados anteriormente. Para a busca das dissertações, foram utilizados os seguintes conjuntos de descritores: Brinquedoteca Hospitalar *and* Sociologia da Infância; Pedagogia Hospitalar *and* Sociologia da Infância e Classe Hospitalar *and* Sociologia da Infância.

5.2 Levantamento de Dissertações que abordam a Sociologia da Infância, Educação Hospitalar e Educação Social

No mapeamento das dissertações, encontramos no total 15 produções no site do *Google* acadêmico, esses trabalhos estavam hospedados em diferentes bancos de dados: Banco Digital de Teses e Dissertações (BDTD), Banco de Dissertações e Teses - UNIVALI; Banco de Dissertações e Teses - UNIT; Repositório Institucional - Dissertações e Teses do PPGE/UFMT; Repositório Institucional da Fiocruz - ARCA; Biblioteca Digital de Teses e Dissertações - UFMA; Banco de Dissertações e Teses - UEM; Repositório Institucional - UFScar; Banco de Dissertações Defendidas - UCDB. A combinação dos descritores aplicados na busca das dissertações foi: Educação social e saúde *and* Sociologia da Infância.

Os trabalhos selecionados apresentam algumas das categorias que coadunam com a perspectiva da Sociologia da Infância, como o brincar, narrativas infantis, protagonismo infantil, participação infantil e rerepresentação da cultura. Após a identificação das categorias, elas foram destacadas e evidenciadas no texto.

A busca também contemplou autores da área da Sociologia da Infância. No decorrer dos trabalhos foram selecionados aqueles que apresentavam fragmentos de citações dos estudiosos que coadunam com a perspectiva no corpo do texto e algumas das categorias analisadas. Com a investigação também foi possível verificar que os pesquisadores desses trabalhos pertencem às áreas de Enfermagem, Pedagogia, Fisioterapia, Psicologia, Graduada em Ciências Sociais, Comunicação Social e Pedagogia.

Para o desenvolvimento da pesquisa, os autores empregaram muitos recursos para ajudá-los nas coletas dos dados, como rodas de conversa, entrevistas, brincadeiras, personagens infantis, jogos, desenhos, contação de histórias, bonecos-personagem para iniciar os diálogos, dentre outros.

Os descritores nos auxiliaram no processo de busca desses trabalhos: 1) *Pedagogia Hospitalar and Sociologia da Infância*; 2) *Classe Hospitalar and Sociologia da Infância*; 3) *Educação Social e Saúde and Sociologia da Infância*.

Quadro 3: Dissertações que abordam a Sociologia da Infância, Educação Hospitalar e Educação Social.

Autor(es)	Título	Programa de Pós-Graduação	Plataforma
<p>1 (2007) Luciana Fernanda Lucena Mendes Monteiro - Graduada em Enfermagem</p>	<p>Vivendo e Aprendendo no Ambiente Hospitalar: percepções de crianças sobre a doença</p>	<p>Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências da Saúde. Departamento de Enfermagem. Programa de Pós Graduação em Enfermagem/ Natal - RN</p>	<p>Biblioteca Digital de teses e Dissertações - BDTD</p>
<p>2 (2010) Fabiana de Oliveira Goldmann - Graduação em Pedagogia.</p>	<p>Saberes para Atuação Docente Hospitalar: um estudo com pedagogas que atuam em hospitais de Santa Catarina</p>	<p>Dissertação (Mestrado em Educação). Programa De Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Itajaí – PPGED.</p>	<p>Banco de Dissertações e Teses - UNIVALI</p>
<p>3 (2012) Simone Maria da Rocha - Graduada em Pedagogia</p>	<p>Narrativas Infantis: o que nos contam as crianças de suas experiências no hospital e na classe hospitalar</p>	<p>Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Rio Grande do Norte – Natal – RN</p>	<p>Biblioteca Digital de teses e Dissertações - BDTD</p>
<p>4 (2012)</p>	<p>Pedagogia Hospitalar: atividades lúdico-educativas no</p>	<p>Dissertação (Mestrado em Educação)</p>	<p>Banco de Dissertações e Teses - UNIT</p>

Adriana Rocha Fontes - Graduação em Pedagogia	processo de humanização do Hospital Regional Amparo de Maria – Estância (SE)	Universidade Tiradentes/ Aracaju – SE	
5 (2013) Mona Lisa Rezende Carrijo - Graduação em Enfermagem	O Hospital Daqui E O Hospital De Lá: fronteiras simbólicas do lugar, segundo significações de crianças hospitalizadas	Dissertação (MESTRADO) Universidade Federal de Mato Grosso – Cuiabá – MT	Repositório Institucional - Dissertações e Teses do PPGE/UFMT
6 (2013) Myrian Soares de Moraes - Graduada em Pedagogia	Brincando E Sendo Feliz: a pedagogia hospitalar como proposta humanizadora no tratamento de crianças hospitalizadas	Dissertação (Mestrado) Programa de Pós- Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe – São Cristóvão	Biblioteca Digital de teses e Dissertações - BDTD
7 (2014) Ligia Maria Rocha Rodrigues - Graduação em Fisioterapia	“Contribuições do brincar para a ampliação do cuidado com as crianças internadas: o caso do Instituto Fernandes Figueira No Rio De Janeiro”	Dissertação (Mestrado) – Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Rio de Janeiro – RJ.	Repositório Institucional da Fiocruz - ARCA
8 (2016) Rafaella Maria de Varella Domingues - Graduação em Psicologia	Era uma vez...histórias de crianças (con)vivendo com a recidiva do câncer e seus ensinamentos sobre o cuidado	Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós- Graduação em Psicologia/Natal – RN	Biblioteca Digital de teses e Dissertações - BDTD
9 (2016) Karina Cristina Rabelo Simões - Graduação em Pedagogia	Vozes À Infância Silenciada: impactos da hospitalização e/ou atendimento ambulatorial hemodialítico ao processo de escolarização de crianças com	Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós- graduação em Educação, Universidade Federal do Maranhão – São Luís	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações - UFMA

	insuficiência renal crônica.		
10 Lucas Tagliari Da Silva (2018) Graduação em Educação Física	As concepções de infância e escola de crianças com talassemia: desafios para a educação	Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro De Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Teoria e Prática Da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação – Maringá – PR	Banco de Dissertações e Teses - UEM
11 (2018) Senadaht Barbosa Baracho Rodrigues - Graduação em Pedagogia	Entre a classe hospitalar e a escola regular: o que nos contam crianças com doenças crônicas	Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-graduação em Educação – PPGED, Universidade Federal do Rio Grande do Norte/ Natal – RN	Biblioteca Digital de teses e Dissertações - BDTD
12 (2018) Ana Maria Lino - Graduada em Pedagogia	Olhares e narrativas de crianças hospitalizadas sobre a vida escolar	Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal De São Carlos – São Carlos – SP	Repositório Institucional - UFScar
13 (2020) Wesley Dos Santos Borges - Licenciatura Plena em Artes Cênicas	As contribuições da prática de teatro de mamulengo e da educação social em saúde para crianças e adolescentes com câncer	Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro De Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Teoria e Prática Da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação - Maringá – PR	Banco de Dissertações e Teses - UEM
14 (2020)	Classe Hospitalar: o que dizem as crianças sobre suas	Dissertação (Mestrado) Universidade	Banco de Dissertações Defendidas - UCDB

Hildacy Soares De França Montanha - Graduada em Ciências Sociais e Pedagogia	experiências educacionais no período de internação	Católica Dom Bosco – UCDB/Campo Grande – MS	
15 (2021) Silvia Mara Da Silva - Graduação em Pedagogia	A Pedagogia da correspondência e narrativas de crianças e adolescentes com câncer sobre o direito à educação	Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro De Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Teoria e Prática Da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação – Maringá – PR.	Banco de Dissertações e Teses - UEM

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, em 2022.

A seguir, abordaremos as informações que correspondem às dissertações da Sociologia da Infância, Educação Hospitalar e Educação Social, descreveremos seus objetivos, a metodologia utilizada pelos pesquisadores e os resultados das pesquisas.

Em sua dissertação de mestrado, intitulada como “*Vivendo e aprendendo no ambiente hospitalar: percepções de crianças sobre a doença*”, a pesquisadora Monteiro (2007) realizou um estudo descritivo sobre a percepção das crianças sobre sua doença e hospitalização, identificando as maiores dificuldades durante o tratamento. Durante a pesquisa foram realizadas entrevistas com 13 crianças, entre sete e doze anos, do Hospital de Pediatria Professor Heriberto Bezerra, situado na cidade de Natal, Rio Grande do Norte, especializado em atendimento pediátrico. A instituição faz parte da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN.

De acordo com Monteiro (2007), o hospital dispõe de uma brinquedoteca, a sala utilizada para a recreação, com mesas e cadeiras, material para pintura, desenho, brinquedos e quebra-cabeças, e coordenada por uma recreadora e uma assistente social. A autora ressalta que a instituição foi escolhida para a coleta de dados por ser um hospital-escola, pertencente à UFRN, e por possuir uma infraestrutura para o desenvolvimento da pesquisa.

A pesquisadora utilizou como critério de escolha crianças com mais de três dias de internação, e com condições físicas e emocionais para dialogar. No período de realização da pesquisa empírica não havia nenhuma criança com sete anos de idade que se encaixasse nos critérios de inclusão. Dessa forma, as enfermeiras indicaram quais crianças, dentro da faixa etária, estavam aptas a participar da pesquisa, caso quisessem e seus pais autorizassem.

Durante a pesquisa, houve uma preocupação com o horário, com a disponibilidade e qualquer evento que pudesse comprometer o bem-estar das crianças, sempre as respeitando, sem forçá-las para obter as respostas, ouvindo-as atentamente, respeitando o ritmo, deixando-as confortáveis e confiantes ao se expressar e informar as respostas.

O trabalho desenvolvido foi de natureza qualitativa, amparando-se em estudos de autores como: Cabral (1998); Piaget, Vygotsky e Wallon na abordagem do desenvolvimento infantil; Pinto et al. (2005), Collet (2004), Chiattonne (2003), Silva (2002), Lima et al. (1999), que tratam acerca da criança hospitalizada, assim como Delgado e Muller (2005). Os procedimentos metodológicos adotados foram entrevistas e observações participativas, e outras ferramentas que auxiliaram na construção da pesquisa, como, por exemplo, técnicas de colagem, recortes, modelagem, dramatização, dentre outras.

Para Monteiro (2007, p. 56), por se tratar de pesquisa com crianças, a metodologia adotada foi crucial para conduzir uma abordagem fundamentada na criatividade e na sensibilidade. O diário de campo foi organizado nas seguintes etapas: **1.** Escolher o espaço da investigação (um hospital público); **2.** Conversar com a direção médica, com o corpo técnico e a enfermeira responsável pelo setor; **3.** Investigar com a enfermeira o melhor dia e horário para realização das entrevistas com as crianças; **4.** Coletar as informações na sala de recreação.

Para a geração de dados foram utilizados os seguintes instrumentos: diário de campo, roteiro para entrevistas, as quais foram realizadas e gravadas com a permissão prévia das crianças de seus familiares; cabe ressaltar que aconteceram de acordo com a disponibilidade dos participantes. De acordo com Monteiro (2007, p. 59), a entrevista se configura como um importante recurso para a obtenção de respostas desejadas para a finalidade da pesquisa, pois se “[...] bem conduzida leva o entrevistador a captar toda a riqueza da fala dos

entrevistados". Por meio da linguagem a criança vai compreendendo o mundo e interagindo com ele".

Os dados levantados nas entrevistas foram armazenados em gravador e em um diário de campo. Todos os gestos, as indecisões, as reações, a recusa, os risos e as dificuldades dos entrevistados foram registrados, assim a autora justifica a relevância do diário do campo em trabalhos com crianças, uma vez que esses recursos conseguem captar com riqueza de detalhes tudo o que é expressado pelas crianças.

Com base na análise do material coletado durante as entrevistas, Monteiro (2007) definiu algumas categorias, entre elas: 'Ficar doente não é divertido', e suas subcategorias - 'a chegada da doença e a vida ficou diferente'. Posteriormente, apresentou os relatos das crianças para indicar o que a chegada da doença representou em suas vidas, nos quais evidenciaram as idas e voltas para hospital, as partes do corpo em que sentiam dores e outros sintomas ocasionados pela doença, assim como o fato de algumas crianças já terem nascido com a doença.

Os resultados da pesquisa apontam que as crianças possuem alguma compreensão de sua doença. Podemos verificar em suas narrativas descritas no corpo do texto, elas visualizam seus pais como porta-vozes sobre sua condição de saúde e entendem que necessitam estar no ambiente hospitalar, no entanto, existem dificuldades identificadas durante o tratamento, como a carência de atividades recreativas no ambiente hospitalar à noite e, nos finais de semana, a falta dos familiares.

A pesquisa também concluiu que as crianças aceitam ser submetidas aos procedimentos médicos quando os profissionais do hospital explicam de que forma irão realizá-los, tal conduta transmite à criança um sentimento de confiança e de segurança, reduz a ansiedade e possibilita uma melhor aceitação da doença e da permanência no hospital.

A pesquisadora Goldmann (2010) elaborou a dissertação "*Saberes para atuação docente hospitalar: um estudo com pedagogas que atuam em hospitais de Santa Catarina*", na qual ela analisa os saberes constituídos e utilizados por pedagogas que atuam em hospitais de Santa Catarina, as formas de atuação e os desafios enfrentados por essas profissionais, realizando uma avaliação sobre a contribuição do curso de Pedagogia na formação das professoras que atuam

em contexto hospitalar. A pesquisa realizada é qualitativa, bibliográfica, e para a coleta dos dados foram elaboradas entrevistas semiestruturadas e observação.

A pesquisa contou com a participação de treze pedagogas, atuantes no atendimento pedagógico hospitalar, em hospitais distribuídos por onze cidades de Santa Catarina, em doze unidades de saúde distribuídas por onze cidades catarinenses. Para a obtenção dos dados da pesquisa, primeiramente a autora realizou uma busca para localizar os hospitais infantis do Estado catarinense para identificá-los. Para isso, ela utilizou o sistema de busca *Google* e as palavras-chave em português: hospital+infantil.

No término das buscas, Goldmann (2010) identificou doze hospitais que oferecem atendimento pedagógico hospitalar, em onze municípios de seis regiões de Santa Catarina: Norte – Joinville (três hospitais); Oeste – Joaçaba, Concórdia, Chapecó e Xanxerê; Vale do Itajaí – Blumenau e Rio do Sul; Sul – Tubarão; Grande Florianópolis – Florianópolis e Planalto Serrano – Curitiba e Ituporanga.

Os critérios adotados pela pesquisadora para selecionar as participantes do estudo foram: formação em Pedagogia, a atuação no trabalho pedagógico em ambiente hospitalar e o consentimento delas em participar do estudo. Goldmann (2010) obteve um grupo de treze pedagogas, identificadas com nomes fictícios e escolhidas pela pesquisadora com o intuito de homenagear algumas crianças que marcaram e significaram a sua trajetória docente.

Os encontros com as pedagogas participantes ocorreram entre quinze e vinte e sete de maio, com quatro entrevistas, dez e vinte e oito de agosto, com nove entrevistas, que foram gravadas e, posteriormente, transcritas. A pesquisadora relata que a maioria das entrevistas aconteceram em agosto de 2009, e que no período houve um surto de gripe A, o que prejudicou a possibilidade de realizar uma observação nos espaços físicos das instituições destinados aos atendimentos pedagógicos.

O estudo fundamentou-se nos escritos teóricos sobre a infância, como Sarmiento e Gouvêa (2008), Pfromm Neto (2002) e Machado (2003). Para fundamentar a questão da criança hospitalizada, a pesquisadora recorreu a autores como Almeida (2006), Chiattoni (2003), Fontes (2005); Silva, Tonetto e Gomes (2006), Vasconcelos (2009), Ceccim e Carvalho (1997), dentre outros teóricos importantes da área.

Podemos evidenciar no capítulo 2, intitulado *A Infância: da Indiferença à Proteção*, no qual Goldmann (2010) aborda a situação da criança hospitalizada, questões da humanização no atendimento hospitalar e a escuta pediátrica, temas relacionados à proteção e aos direitos das crianças. Para isso ela utiliza o Estatuto da Criança e do adolescente - ECA (1990) e autores como Sarmiento e Gouvêa (2008), Almeida (2006), dentre outros, que coadunam com a perspectiva da Sociologia da Infância, esta que questiona concepções tradicionalistas da infância, em que as crianças eram “[...] representadas prioritariamente como homúnculos, seres humanos miniaturizados que só valia a pena estudar e cuidar pela sua incompletude e imperfeição” (Sarmiento; Gouvêa, 2008, p. 18 *Apud* Goldmann, 2010, p. 17), e recomenda uma concepção na qual a criança é portadora de direitos e sujeito construtor cultural.

Os resultados destacados na pesquisa indicam várias adversidades, cabe destacar aqui algumas, como a deficiência da formação inicial das pedagogas no que diz respeito ao atendimento pedagógico hospitalar, assim como um espaço físico inapropriado e a falta de diálogo entre o hospital e a escola.

Desse modo, o estudo de Goldmann (2010) destaca que a principal finalidade da Pedagogia Hospitalar é propiciar o retorno dos sujeitos hospitalizados à sua escola de origem, sem que eles tenham qualquer prejuízo em seu processo de ensino e aprendizagem. Para isso, deve existir uma variedade de estratégias metodológicas na prática pedagógica desse ambiente, com estabelecimento de vínculos e cooperações entre pedagogo hospitalar, escola e familiares, a fim de garantir os direitos das crianças hospitalizadas.

A pesquisadora Rocha (2012) desenvolveu a dissertação *“Narrativas infantis: o que nos contam as crianças de suas experiências no hospital e na classe hospitalar”*, que teve como foco as narrativas de crianças hospitalizadas com doenças crônicas. Seu trabalho objetivou compreender, a partir da visão das crianças em tratamento de saúde, as contribuições da classe hospitalar em seu processo de inclusão escolar. A autora utilizou uma abordagem qualitativa de cunho etnográfico, fundamentada na metodologia de pesquisa (auto) biográfica em educação e nas teorias da escolarização hospitalar.

A metodologia abordada na pesquisa foi de cunho qualitativo e etnográfico, e fundamentada no método (auto) biográfico em educação e nas teorias da escolarização hospitalar. A pesquisa aconteceu entre os meses de

agosto de 2010 a fevereiro de 2011, e contou com a participação de cinco crianças em tratamento no Centro de Onco-Hematologia Infantil, do Hospital Infantil Varela Santiago, em Natal-RN, local em que ocorreram as primeiras atividades educacionais da pesquisadora como professora da classe hospitalar. Para a seleção dos participantes da pesquisa, Rocha (2012) utilizou os seguintes critérios: idade entre 6 e 12 anos; tipo de patologia: oncológica ou hematológica; em internação no COHI ou em tratamento no Hospital Dia; acompanhadas na classe hospitalar.

Rocha (2012) relata que a história da instituição teve início em 1963, com o auxílio da sociedade e do governo do Rio Grande do Norte. Nessa ocasião foi inaugurada sua primeira ala hospitalar, que, mais tarde, tornou-se o Hospital Geral, de caráter filantrópico, destinado a atender crianças de zero a quatro anos de idade, provindas das classes populares de todo o estado e de estados vizinhos, como Paraíba, Pernambuco e Ceará.

O hospital tornou-se precursor no tratamento de doenças onco-hematológicas e referência em cirurgias neurológicas. No presente, Rocha (2012) descreve que a instituição dispõe de capacidade para atender com 110 leitos, subdivididos em várias especialidades médicas, como tratamentos oncológicos e doenças infectocontagiosas. Sua estrutura também compreende seis salas para consultas agendadas, distribuídas em três pavilhões, quais sejam: o Pavilhão I - Silvino Lamartine, que atende crianças de 0 a 2 anos, para tratamentos de doenças gerais, o Pavilhão II - Pedro Câmara, para atender crianças de 3 a 14 anos, e o Pavilhão denominado como Esperança, para crianças com doenças infectocontagiosas.

O estudo de Rocha (2012) foi desenvolvido no COHI, o espaço foi escolhido devido às atividades de atendimento pedagógico-educacional desenvolvidas no mesmo, e por ser um ambiente no qual as crianças permanecem por um longo período devido aos seus tratamentos de saúde, sem frequentar a escola regular. O setor é dividido em seis quartos (totalizando 16 leitos), um deles destinado a isolamento. Tem sala para médicos e equipe de enfermagem, descanso médico, posto de enfermagem, psicologia, serviço social, pedagogia e a classe hospitalar.

Conforme Rocha (2012), após quase 60 anos de registro de atendimento pedagógico educacional no Hospital Bom Jesus, o Município de Natal, capital do

estado do Rio Grande do Norte, em 2009, inaugurou o Hospital Infantil Varela Santiago/HIVS, com a primeira classe hospitalar do estado - legalmente reconhecida, no Centro de Onco-hematologia Infantil – COHI.

Podemos evidenciar as narrativas das crianças hospitalizadas no trabalho de Rocha (2012), no item 3.4.1, intitulado *Colaboradores da pesquisa: fragmentos de suas trajetórias de vida*. Os nomes designados para identificar as crianças da pesquisa foram fictícios, com a finalidade de preservar a identidade dos participantes.

O primeiro procedimento utilizado por Rocha (2012) para as entrevistas narrativas foi contatar os professores que atuavam na classe hospitalar do COHI, com intuito de investigar qual a melhor forma de realizar a inserção na rotina das crianças, causando o menor impacto possível em sua rotina. Em seguida, foram realizadas as observações, o contato para esclarecer a forma como seria realizada a pesquisa, e perguntado às crianças se queriam participar da pesquisa. Todas aceitaram.

No momento em que realizou a entrevista com a primeira criança, a pesquisadora percebeu que seria necessário utilizar um “brinquedo-personagem” para que pudesse possibilitar o distanciamento da situação vivida por eles e para auxiliar na construção da narrativa. O personagem escolhido foi o extraterrestre *Alien*, do filme *Toy Story (Disney Pixar)*, por se tratar de um ser de outro mundo que desconhece o ambiente hospitalar, e, desta forma, estimular o imaginário da criança. O protocolo adotado por Rocha (2012, p. 84) para dar início à entrevista foi a utilização do personagem extraterrestre *Alien*. De acordo com Rocha (2012), o viajante recém-chegado de outro planeta estava ansioso para saber como é o funcionamento de um hospital, por qual razão as pessoas vão até lá e qual é a visão que as crianças têm do hospital.

Para descrever o que as crianças revelaram a partir das narrativas construídas, a pesquisadora relata que, das cinco crianças participantes, duas não realizaram o desenho, pois estavam cansadas e com dor. Para Rocha (2012), as crianças são um misto de vários sentimentos, com formas diferenciadas de compreender e experienciar as doenças e o processo de hospitalização. Abaixo, apresentamos os desenhos elaborados pelas crianças:

Rocha (2012) conclui seu trabalho descrevendo que a inclusão pela classe hospitalar assegura o direito à educação e possibilita a constituição de

sistemas de enfrentamento à doença e à hospitalização. Desta forma, as narrativas das crianças legitimam a continuidade da escolarização por meio da classe hospitalar, favorecem a socialização das crianças com seus pares, com os adultos e fortalecem o emocional, o social e o cognitivo. As narrativas das crianças também validam o hospital como um espaço de cura e de cuidados, que minimizam as dores físicas, mesmo que para isso tenham que submeter-se a procedimentos dolorosos.

Na dissertação “*Pedagogia hospitalar: atividades lúdico-educativas no processo de humanização do Hospital Regional Amparo de Maria – Estância (SE)*”, a pesquisadora Fontes (2012) investigou a proposta de humanização hospitalar realizada por meio de projetos de intervenção lúdico-educativos do pedagogo, na área da saúde, realizada no Hospital Regional Amparo de Maria - HRAM, localizado na cidade de Estância – Sergipe.

A pesquisadora desenvolveu sua investigação com profissionais da saúde que atuaram diretamente na Ala Pediátrica do Hospital. Para isso, ela estabeleceu um marco temporal para a pesquisa, de 2005 a 2010, nos quais foram implementados os projetos de humanização com atividades lúdico-educativas. A metodologia empregada na pesquisa é de cunho qualitativo, com estudo de caso, utilizando como fonte principal os documentos do hospital.

Dessa forma, Fontes (2012) conclui em sua pesquisa que a intervenção pedagógica no hospital viabiliza o desenvolvimento de práticas lúdico-educativas e auxilia no processo de humanização no ambiente hospitalar, na maioria das vezes imerso em dor e sofrimento decorrentes das condições clínicas dos pacientes.

A pesquisadora Carrijo (2013) elaborou a dissertação denominada como “*O hospital daqui e o hospital de lá: fronteiras simbólicas do lugar, segundo significações de crianças hospitalizadas*”, com o intuito de compreender a experiência do ser e do estar no hospital, segundo crianças hospitalizadas. Os critérios estabelecidos para a escolha dos participantes da pesquisa foram crianças de sete a treze anos, autorizadas pelos responsáveis e com desejo em participar.

A metodologia investida na pesquisa é um estudo etnográfico, com observação e entrevista semiestruturada (com duração de 40 minutos), bem como o registro iconográfico. O estudo foi realizado no ano de 2011, na

enfermaria e na brinquedoteca do hospital. Os resultados da pesquisa apresentaram a descrição e as análises das entrevistas, as quais relatam como é a percepção do hospital na visão das crianças. Para elas, a brinquedoteca se constituiu como um lugar de todos, em que adultos e crianças procuravam para se distrair e relaxar, deste modo, definida como um espaço de socialização para todos.

A dissertação *“Brincando e sendo feliz: a pedagogia hospitalar como proposta humanizadora no tratamento de crianças hospitalizadas”*, redigida por Moraes (2013), reflete sobre a perspectiva da humanização hospitalar no enfoque da legislação e suas interfaces com o trabalho pedagógico.

O trabalho também analisou a prática pedagógica sob o olhar da perspectiva da humanização hospitalar e discutiu perspectivas teóricas sobre a criança hospitalizada, pautada na teoria da Sociologia da Infância. Podemos verificar no trecho em que Moraes (2013, p. 68) cita indiretamente Sarmiento (2002) para afirmar que:

A criança é conhecida como um sujeito ativo de seu desenvolvimento [...] que a partir de cada olhar para com a criança mediado pelo contexto sociocultural, será fomentada uma aprendizagem pela vida que a circunda, uma vez que a criança é um sujeito ativo de seu desenvolvimento. Situação conceituada pela Sociologia da Infância como categoria social.

Moraes (2013) também utiliza o conceito de infância como categoria social, discutido por Corsaro (2011, p. 15), no qual ele descreve que “as crianças são agentes sociais, ativos e criativos, que produzem suas próprias e exclusivas culturas infantis, enquanto, simultaneamente, contribuem para a produção das sociedades adultas”.

A autora classificou a pesquisa como qualitativa e bibliográfica, documental e com a aplicação de entrevistas. Moraes (2013) também realizou a discussão de documentos como a Política Nacional de Humanização, o Programa Nacional de Humanização da Assistência Hospitalar e as leis que viabilizam o atendimento destinado à criança hospitalizada como sujeito de potencialidades sociais.

Conforme Moraes (2013), sua pesquisa investigou o trabalho pedagógico desenvolvido no Hospital de Urgências de Sergipe, Governador João Alves Filho

– HUSE, e no Hospital Universitário da Universidade Federal de Sergipe – HU. Para a coleta de dados, a pesquisadora realizou entrevistas semiestruturadas, e em seguida identificou o perfil dos trabalhos elaborados nas duas instituições hospitalares.

A pesquisadora identificou que no planejamento pedagógico prevaleciam atividades com intuito de estimular e favorecer o enfrentamento da doença, como jogos e brincadeiras com caixas de medicamentos, seringas, luvas, estetoscópio. Assim, por meio do uso desses instrumentos, constatou-se a atenuação do medo. Para Moraes (2013, p. 59), o brincar é um mecanismo que preserva “[...] a saúde emocional da criança hospitalizada. Nesse aspecto, é possível perceber que a brincadeira incorpora a autoconfiança infantil pela expressão daquilo que traz como temática no momento em que brinca”.

Os resultados apresentados por Moraes (2013), em sua pesquisa, identificaram respaldo legal para a atuação do pedagogo no âmbito hospitalar. Para a pesquisadora, a humanização apresentada no trabalho do pedagogo hospitalar, sobretudo por ser baseado no lúdico, é transmitida para o trabalho da equipe de saúde. A Sociologia da Infância propiciou um entendimento sobre a criança não apenas como sujeito em desenvolvimento, mas como um ser ativo, com potencialidades, ativo e criativo, ou seja, apontou a criança como agente social.

Portanto, de acordo com Moraes (2013, p. 159), “[...] mesmo hospitalizada, a criança não deixa de ser criança”, por esta razão, a compreensão da criança como sujeito com potencialidades que possui a capacidade de interpretar o mundo, em conformidade com a sua visão.

A pesquisadora Rodrigues (2014), em sua dissertação “*Contribuições do Brincar para a ampliação do cuidado com as crianças internadas: o caso do Instituto Fernandes Figueira no Rio de Janeiro*”, foi realizada nos meses de maio, junho e julho de 2014, com uma frequência de três vezes por semana. Com o estudo a autora pretendeu compreender a importância do brincar como mecanismo promotor de saúde para as crianças internadas, como o brincar auxilia no bem-estar das crianças internadas e a autonomia e participação durante a hospitalização. A pesquisa foi caracterizada como uma abordagem qualitativa, com uma entrevista semiestruturada com 9 profissionais e 9 acompanhantes, e com a observação participativa.

A geração de dados ocorreu durante três meses, por meio da observação da elaboração de atividades com as crianças internadas no Programa Saúde e Brincar, no Hospital Instituto Fernandes Figueira/RJ. Os resultados alcançados com a pesquisa delinearão-se a partir de três perspectivas diferentes: o pesquisador, os profissionais e os acompanhantes, os quais apontaram que o brincar, como recurso terapêutico, possibilita à criança uma postura mais ativa, a autonomia e o fortalecimento das relações ocorridas no âmbito hospitalar.

Domingues (2016), em sua dissertação *“Era uma vez...histórias de crianças (con)vivendo com a recidiva do câncer e seus ensinamentos sobre o cuidado”*, busca a compreensão de como as crianças (con)vivem com o tratamento oncológico em recidiva e o significado atribuído pela criança à hospitalização e à doença. A pesquisa foi realizada com cinco crianças hospitalizadas, meninos e meninas de sete a dez anos, se caracteriza como qualitativa e foi realizada em um hospital pediátrico de referência na área de oncologia, em Natal – RN.

Como procedimentos metodológicos foram realizadas a geração de dados por meio de diário de campo, entrevistas narrativas mediadas por desenhos e bonecos. Os resultados da pesquisa revelaram que as brincadeiras são utilizadas como recurso para afastar a tristeza, e que a afetividade entre os cuidadores, os familiares e os profissionais promovem a esperança em dias melhores para os pacientes oncológicos.

A pesquisa de dissertação *“Vozes à infância silenciada: impactos da hospitalização e/ou atendimento ambulatorial hemodialítico ao processo de escolarização de crianças com insuficiência renal crônica”*, produzida por Simões (2016), analisou os impactos da hospitalização e/ou atendimento ambulatorial hemodialítico ao processo de escolarização de crianças com insuficiência renal crônica, através das narrativas infantis. A autora utiliza vários estudiosos da área da Sociologia da Infância para a construção de seu trabalho, como Sarmiento (2006); Dornelles (2008); Kramer (2012); Vasconcellos (2013), dentre outros. Destacamos a citação do texto, na qual descreve que:

A infância enquanto categoria social é considerada como fase de desenvolvimento e condição social da criança, com características próprias, transformadas contextualmente, porém

com direitos sociais iguais. (Sarmiento; Kramer; Vasconcellos; 2006, *Apud* Simões, 2016, p. 37).

A metodologia empregada na pesquisa foi documental, de campo, quanti-qualitativa, com estudo de caso. Os recursos utilizados para a geração de dados foram realizados através de entrevistas semiestruturadas, com recursos lúdicos e com quatro crianças hospitalizadas e seis em atendimento ambulatorial hemodialítico, que recebiam atendimento nas duas Unidades do Hospital Universitário Presidente Dutra, da Universidade Federal do Maranhão.

Para o desenvolvimento da pesquisa foram realizadas observações e conversas com a equipe de profissionais de saúde e de assistência social, o que se tornou essencial para a seleção dos participantes da pesquisa. Simões (2016) realizou as entrevistas com as crianças em dois ambientes: nos leitos ocupados por elas, nas enfermarias pediátricas, durante o processo de hemodiálise para as que estavam em atendimento ambulatorial hemodialítico.

As entrevistas iniciaram-se com uma contação de história, chamada “Os irmãos colecionadores de histórias”. A autora utilizou três formas de materiais: pintura e desenho para uso das crianças, confecção de material ludo-pedagógico (história interativa e caixa dos desejos) e de uso pessoal do pesquisador.

Para a compreensão do olhar das crianças sobre o período de internamento, Simões (2016) realizou algumas perguntas, a primeira foi: **“Você sabe por que está aqui?”**. As respostas para essa primeira pergunta foram organizadas em uma tabela, contemplando as seguintes categorias: **convicção de estar doente e não compreender os motivos**.

Para Simões (2016), mesmo que as falas das crianças demonstrassem desconforto ao falar sobre o contexto hospitalar, elas justificavam sua permanência no hospital a partir de suas experiências, articulando suas vivências, como, por exemplo, por meio dos atendimentos ambulatoriais hemodialíticos, essenciais para sua sobrevivência.

Os resultados da pesquisa apontaram que os impactos no processo escolar aparecem logo no início da doença, isto é, pelos sintomas da insuficiência renal crônica. As crianças pesquisadas inseriram-se em três grupos contextuais: crianças hospitalizadas (40%), crianças em atendimento ambulatorial hemodialítico (60%) e crianças hospitalizadas e em atendimento

ambulatorial hemodialítico (10%). Conforme Simões (2016), o brincar e a aprendizagem revelaram-se muito importantes nos processos da existência da criança hospitalizada, em virtude das oportunidades de expressão e ressignificação do lugar ocupado.

Silva (2018), em sua dissertação “*As Concepções de Infância e Escola de Crianças com Talassemia: Desafios para a Educação*”, apresentou seu objeto de estudo explicando o que é a Talassemia, uma doença hematopatológica, pouco conhecida pela sociedade e no âmbito escolar. Em seguida, relatou a existência de dois tipos de Talassemia: a Alfa-Talassemia e a Beta-Talassemia, ambos os tipos com variações e severidade, que podem ser qualificados por graus leve a severo.

A pesquisa teve como objetivo geral elaborar uma compreensão das concepções das crianças Talassêmicas que realizam tratamento no Hemocentro Regional de Maringá, sobre suas infâncias e a escola. Os objetivos específicos foram: realizar uma revisão de literatura sobre as dificuldades de crianças com doenças crônicas e crianças com Talassemia; investigar a socialização de informações em relação ao reconhecimento do direito à educação e saúde das crianças Talassêmicas por meio de documentos oficiais e das políticas públicas e realizar uma análise sobre os desafios e possibilidades que as crianças Talassêmicas apresentam sobre suas infâncias e a escola.

Quanto aos procedimentos metodológicos aplicados na pesquisa: inicialmente foram realizadas a coleta de dados, entrevistas semiestruturadas e o diário de campo. Posteriormente, foram realizadas rodas de conversa com as crianças Talassêmicas que frequentam o Hemocentro Regional da cidade de Maringá. O pesquisador selecionou três crianças para participarem da pesquisa, com diferentes formas clínicas da Talassemia.

A pesquisa desenvolvida foi de cunho qualitativo, com estudo de caso a partir da perspectiva da Sociologia da Infância, com Sarmiento (2005), (2008) e Corsaro (2011). O estudo também utilizou outros autores: na área da Educação Social em Saúde, de Paula (2015). Para a análise dos dados pautou-se nos estudos de Bardin (2016). Para a compreensão das especificidades das doenças crônicas as referências foram Nonose (2009) e Moreira, Gomes e Sá (2014). Com relação às particularidades da Talassemia foram utilizados os estudos de Naoum (1999), Cançado (1999) e Dotto e Silva (2005).

Os resultados da pesquisa apontaram que as crianças com Talassemia apresentam diferentes desafios a serem vencidos. Na escola, elas relataram as dificuldades de aprendizagem em algumas disciplinas, porém são incluídas nas aulas de Educação Física. Conforme Silva (2018), constatou-se que os professores precisam conhecer melhor a doença, para que consigam orientar e auxiliar seus alunos. No que diz respeito às crianças, elas querem ser vislumbradas e tratadas como qualquer outra criança, com direito a brincar em seus múltiplos espaços. A pesquisa evidencia a necessidade de um aprofundamento de estudo a respeito das relações entre saúde e educação das crianças com Talassemia.

A pesquisadora Rodrigues (2018) desenvolveu o trabalho de dissertação “*Entre a Classe Hospitalar e a escola regular: o que nos contam crianças com doenças crônicas*”, no qual ela procurou investigar, por meio das narrativas autobiográficas de crianças em tratamento de doenças crônicas, seus modos de perceber os processos de entrada e retorno à escola regular. A pesquisa foi baseada na experiência de retorno para escola de crianças em tratamento de doenças crônicas. A metodologia da pesquisa adotou os princípios epistemológicos da (auto) biografia em educação, nos estudos da infância, na Psicologia cultural, em uma perspectiva narrativista.

A pesquisa contou com participação de três mães e três crianças, com cinco e seis anos de idade, que obtiveram acompanhamento pedagógico na Classe Hospitalar. A pesquisa aconteceu entre os anos de 2014 e 2017. Os resultados da pesquisa concluíram que as narrativas das crianças contribuem para a afirmação da Classe Hospitalar como um importante aliado no acesso à escolarização e à continuidade dos estudos das crianças hospitalizadas, e também revelam a necessidade da expansão do diálogo entre a Classe Hospitalar e a escola regular.

A pesquisa de Lino (2018), intitulada “*Olhares e narrativas de crianças hospitalizadas sobre a vida escolar*”, objetivou analisar e compreender o que as crianças contam sobre as práticas escolares, as atitudes e suas vivências ao estarem em atendimento na Classe Hospitalar. A proposta de pesquisa baseou-se em um convite às crianças para que compartilhassem com o estudo seus saberes e suas vivências da infância durante o internamento hospitalar. A

pesquisa foi realizada no Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo (HCFMRP-USP).

A pesquisa aconteceu na classe hospitalar da instituição, os participantes da pesquisa foram cinco crianças hospitalizadas, com idades entre oito e 12 anos, frequentadores da classe hospitalar no HCFMRP – USP; os mesmos dispunham de condições de saúde para participarem da pesquisa, sobretudo na realização dos jogos. Lino (2018) destaca que não houve restrição com relação à participação de nenhuma criança. A pesquisadora coletou os dados por meio de entrevistas realizadas com um roteiro, a partir de uma perspectiva semiestruturada, no formato de questões, temas geradores com jogos, em que realizavam as narrativas sobre suas vidas, de forma lúdica e espontânea. Os jogos utilizados foram: Pinote, Pula Macaco, Tapa Certo, Puxa Puxa Batatinha e Cai não Cai.

Dessa forma, as narrativas das crianças, a complexidade que permeia a saúde e educação, justificaram a elaboração da pesquisa pautada em três eixos teóricos: o reconhecimento da competência e dos direitos da criança; a modalidade de ensino na Classe Hospitalar para crianças em tratamento de saúde e os processos de aprendizagem na infância, incluindo a ludicidade.

Os principais autores que fundamentaram a pesquisa foram Bazílio e Kramer (2011), Matos e Mugiatti (2011), Fonseca (2008), Ceccim e Carvalho (1997), Morin (2006), Vigotski (1991; 1998; 2009). A pesquisa também contempla a perspectiva da Sociologia da Infância, a autora cita Corsaro (2011), no trecho em que descreve reconhecer “[...] a importância da atividade coletiva e conjunta da infância, o modo ‘como as crianças negociam, compartilham e criam cultura com adultos e entre si.’” (Corsaro, 2011, p. 31).

A metodologia utilizada na pesquisa foi de cunho qualitativo, com base nas narrativas das crianças hospitalizadas. Foram utilizados três jogos para a construção das narrativas.

No decorrer da pesquisa Lino (2018) apresenta algumas narrativas infantis, dentre elas, a concepção que as crianças têm da escola, que lá é um lugar para aprender, é divertida, e o lugar em que elas brincam com seus colegas, mas também a importância da escola, pois é nela que aprendem a ler e a escrever.

Lino (2018) demonstra em sua pesquisa, por meio das narrativas infantis, que a classe hospitalar é considerada como legal, divertida e alegre, como lugar que propicia a aprendizagem, e por esse motivo elas sentem satisfação em realizar atividades escolares no período de tratamento de saúde. Por meio das narrativas, as crianças expressam palavras, gestos, olhares e lugares, ou seja, exprimem informações dos contextos nos quais estão inseridas. De acordo com Lino (2018), a análise dos dados coletados identifica que, ao elaborarem suas narrativas, as crianças se constituem como sujeitos e indicam possibilidades para a transformação da escola.

Em seu trabalho de dissertação *“As contribuições da prática de teatro de mamulengo e da educação social em saúde para crianças e adolescentes com câncer”*, Borges (2020) propôs como objetivo principal analisar e discutir o protagonismo infanto-juvenil advindo da prática do Teatro de Mamulengo e da Educação Social em Saúde para crianças e adolescentes em tratamento de câncer e seus familiares.

O objetivo central da pesquisa desdobrou-se em outros que estabeleceram o corpo da pesquisa, Borges (2020) investigou as atividades cênicas e educacionais desenvolvidas com crianças e adolescentes em uma Casa de Apoio para pessoas com câncer. Por meio do Teatro de Mamulengo, foi oportunizado um debate com as crianças e adolescentes em tratamento de saúde e seus familiares, com estratégias que possibilitassem a exteriorização de suas inquietações em relação à vida e encontrassem mecanismos para lidar com essas angústias.

A metodologia adotada na pesquisa foi baseada em jogos teatrais de Spolin (2010), foram realizadas oficinas com jogos teatrais a cada quinze dias, nos meses de maio a junho de 2019, em uma organização não governamental que atende pessoas em tratamento de câncer na cidade de Maringá - PR. O estudo contou com a participação de sete crianças e adolescentes, seus familiares e a pedagoga responsável pela instituição. Os instrumentos empregados na pesquisa foram: observações, anotações em um diário de campo do pesquisador e das crianças, entrevistas com os familiares e a pedagoga, filmagens e fotografias.

Os dados do estudo foram analisados a partir dos estudos de Jovehelovitch e Bauer (2002), fazendo o uso das palavras-chave das narrativas

das crianças constituídas durante o Teatro de Mamulengo. A pergunta norteadora da pesquisa foi: Quais as contribuições do Teatro de Mamulengo para a construção do protagonismo de crianças e adolescentes em tratamento de saúde e de seus familiares por meio da improvisação com os bonecos? O trabalho fez parte dos estudos desenvolvidos pelo Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Social da Universidade Estadual de Maringá.

Os resultados da pesquisa indicaram que as práticas do Teatro de Mamulengo e da Educação Social em Saúde, elaboradas com as crianças e adolescentes, oportunizaram a discussão e a resignificação, de forma lúdica e educativa, dos desconfortos e preocupações vividos diariamente. Da mesma forma, propiciaram aos participantes um momento para que se posicionassem e resolvessem os problemas apresentados durante as cenas de forma criativa, e, com isso, manifestassem o protagonismo infantojuvenil nas práticas mediadas pelo Teatro de Mamulengo e Educação Social em Saúde.

A pesquisadora Montanha (2020) elaborou a dissertação denominada “*Classe Hospitalar: o que dizem as crianças sobre suas experiências educacionais no período de internação*”, com o objetivo de analisar como as crianças da Classe Hospitalar vivenciam as suas experiências educacionais no período de internação. A autora também realizou uma compreensão de como a Sociologia da Infância desenvolve os conceitos sobre criança e infância. A pesquisa utilizou uma abordagem qualitativa, amparando-se nos autores da Sociologia da Infância: Corsaro (2011), Sarmiento (2007), (2013), (2015) e (2018); Soares (2005) e Tomás (2007), (2012), (2014); Ceccim (1997); Fonseca (1999), (2018), Paula (2007), (2018). O estudo aconteceu na Classe Hospitalar da Santa Casa de Misericórdia, em Campo Grande – MS, e contou com a participação de cinco crianças de cinco a doze anos.

Para a geração de dados foi realizada uma observação direta, entrevista semiestruturada, desenho comentado e gravação em áudio. Os resultados demonstraram que as relações estabelecidas com os pares, adultos e crianças, permitiram construir um cenário à parte dentro desse grande universo de tensão que é o hospital.

Silva (2021), em sua dissertação de mestrado intitulada “*A Pedagogia da Correspondência e Narrativas de Crianças e Adolescentes com Câncer Sobre o Direito à Educação*”, tinha como propósito realizar a escuta sensível e análise

das narrativas de crianças e adolescentes com câncer, manifestadas por meio de cartas pedagógicas e narrativas sobre o direito à educação e aos acompanhamentos educacionais que recebem no período em que ficam hospitalizadas ou em sua casa, durante o tratamento.

O objetivo central originou outras metas/intenções para o desenvolvimento da pesquisa: a) descrever o que é o câncer e apresentar as implicações sociais, emocionais e educacionais na vida de crianças e adolescentes que realizam o tratamento; b) elaborar uma revisão de literatura sobre direitos à educação no ambiente hospitalar e domiciliar; c) discutir a Educação Social em Saúde no atendimento educacional para crianças e adolescentes com câncer; e d) demonstrar o uso de cartas pedagógicas e narrativas como recurso de pesquisa qualitativa com crianças e adolescentes em tratamento de saúde.

A metodologia adotada na pesquisa foi de cunho qualitativo, com uma abordagem etnográfica, com a utilização de técnicas de Grupo Focal e rodas de conversa. Para o desenvolvimento da pesquisa foram realizados um encontro presencial e cinco encontros via *Google Meet*. A pesquisa contou com a participação de quatro crianças e adolescentes de dez a dezoito anos de idade, todos em tratamento de câncer e cadastrados na Rede Feminina de Combate ao Câncer, localizada no município de Maringá - PR.

Os resultados da pesquisa apresentaram vários dados importantes como: por meio da escuta sensível e da análise das narrativas dos participantes foi possível identificar que, mesmo que exista uma política nacional brasileira voltada para o atendimento escolar hospitalar e domiciliar, as crianças e adolescentes que integraram o estudo não reconheceram integralmente a efetivação dos seus direitos à educação durante o período em que realizaram o tratamento.

Houve reflexões sobre a necessidade das instituições privadas de ensino no município de Maringá assumirem propostas educacionais, com o intuito de garantir que não haja ruptura no processo de escolarização de crianças e adolescentes que estejam em tratamento de câncer. As narrativas também apontaram a necessidade de hospitais particulares do município construírem e implementarem espaços lúdicos internos e externos, que possibilitem o atendimento educacional de crianças e adolescentes em tratamento.

Outro ponto levantado no estudo foi a necessidade de flexibilização curricular das escolas públicas, para que as crianças e adolescentes sejam de fato atendidas em suas necessidades e demandas de aprendizagem. A preocupação com relação à outras crianças e adolescentes residentes na cidade de Maringá, diagnosticadas com câncer, é que recebam tratamento pelo Sistema Único de Saúde - SUS e que consigam realizar seus tratamentos dentro da cidade, para que não precisem se deslocar para outros municípios, evitando o afastamento familiar e a separação com seu espaço de vivência. Silva (2021) conclui seu estudo relatando que a carta escrita em conjunto pelos participantes da pesquisa declarou-se como um forte estímulo de aprendizado e de fala no espaço social, político e educacional.

As dissertações analisadas evidenciaram que os pesquisadores possuem formação na área de Enfermagem, Pedagogia, Fisioterapia, Psicologia, Educação Física, Licenciatura Plena em Artes Cênicas e Ciências Sociais. A maioria das pesquisas sustentadas na perspectiva da Sociologia da Infância adotam procedimentos metodológicos que contemplam observação participativa, como brincadeiras, jogos, teatros, bonecos-personagens, dentre outros métodos que auxiliam na construção das narrativas dos participantes que enriquecem os dados da pesquisa, como podemos verificar nos trabalhos analisados.

A seguir, no quadro número 4, apresentaremos a sistematização dos teóricos da Sociologia da Infância que foram identificados nas dissertações produzidas na área da Educação Hospitalar.

Quadro 4: Autores da Sociologia da Infância presentes nas dissertações produzidas sobre as crianças em tratamento de saúde.

Autor(es)/Ano	Título	Autores da Sociologia da Infância Utilizados Nas Pesquisas
<p style="text-align: center;">1 (2007) Luciana Fernanda Lucena Mendes Monteiro</p>	<p style="text-align: center;">Vivendo e Aprendendo no Ambiente Hospitalar: percepções de crianças sobre a doença</p>	<p style="text-align: center;">Delgado e Muller (2005).</p>

<p style="text-align: center;">2 (2010)</p> <p>Fabiana de Oliveira Goldmann</p>	<p>Sabres para Atuação Docente Hospitalar: um estudo com pedagogas que atuam em hospitais de Santa Catarina</p>	<p>Sarmento e Gouvea (2008)</p>
<p style="text-align: center;">3 (2012)</p> <p>Simone Maria da Rocha</p>	<p>Narrativas Infantis: o que nos contam as crianças de suas experiências no hospital e na classe hospitalar</p>	<p>Sarmento e Gouvea (2008)</p>
<p style="text-align: center;">4 (2012)</p> <p>Adriana Rocha Fontes</p>	<p>Pedagogia Hospitalar: atividades lúdico-educativas no processo de humanização do Hospital Regional Amparo de Maria – Estância (SE)</p>	<p>Sarmento (2005); Fontes (2007); Dornelles (2008); Sarmento (2008); Sarmento e Gouvea (2008); Gouvea (2008); Muller e Carvalho (2009).</p>
<p style="text-align: center;">5 (2013)</p> <p>Mona Lisa Rezende Carrijo</p>	<p>O Hospital Daqui E O Hospital De Lá: fronteiras simbólicas do lugar, segundo significações de crianças hospitalizadas</p>	<p>Corsaro (2011); Vasconcellos e Sarmento (2007).</p>
<p style="text-align: center;">6 (2013)</p> <p>Myrian Soares de Moraes</p>	<p>Brincando E Sendo Feliz: a pedagogia hospitalar como proposta humanizadora no tratamento de crianças hospitalizadas</p>	<p>Sarmento (2002); Sarmento (2005); Vasconcellos e Sarmento (2007); Barbosa (2009); Corsaro (2009); Corsaro (2009); Pedrosa (2009); Rossetti-Ferreira e Oliveira (2009); Sarmento (2012);</p>
<p style="text-align: center;">7 (2014)</p> <p>Ligia Maria Rocha Rodrigues</p>	<p>“Contribuições do brincar para a ampliação do cuidado com as crianças internadas: o caso do Instituto Fernandes Figueira No Rio De Janeiro”</p>	<p>Corsaro (1997); Montandon (2002); Sirota (2002); Dias (2012)</p>
<p style="text-align: center;">8 (2016)</p> <p>Rafaella Maria de Varella Domingues</p>	<p>Era uma vez...histórias de crianças (con)vivendo com a recidiva do câncer e seus ensinamentos sobre o cuidado</p>	<p>Arroyo (2008); Corsaro (2011).</p>
<p style="text-align: center;">9 (2016)</p> <p>Karina Cristina Rabelo Simões</p>	<p>Vozes À Infância Silenciada: impactos da hospitalização e/ou atendimento ambulatorial hemodialítico ao processo de escolarização de crianças com insuficiência renal crônica</p>	<p>Abramowich e Oliveira (2010); Sarmento (2005), (2005); Vasconcellos e Sarmento (2007).</p>

10 (2018) Lucas Tagliari da Silva	As concepções de infância e escola de crianças com talassemia: desafios para a educação	Sarmiento (2004), (2005), (2008); Corsaro (2009), (2011); Moruzi (2011); Müller <i>et al.</i> (2007); Santos (2014).
11 (2018) Senadaht Barbosa Baracho Rodrigues de Oliveira	Entre a classe hospitalar e a escola regular: o que nos contam crianças com doenças crônicas	Corsaro (2005); Delgado e Müller (2005); Sarmiento (2007).
12 (2018) Ana Maria Lino	Olhares e narrativas de crianças hospitalizadas sobre a vida escolar	Brougère (2017); Corsaro (2011).
13 (2020) Wesley Dos Santos Borges	As contribuições da prática de teatro de mamulengo e da educação social em saúde para crianças e adolescentes com câncer	Corsaro (2006); Sarmiento (2008); Corsaro (2009).
14 (2020) Hildacy Soares De França Montanha	Classe Hospitalar: o que dizem as crianças sobre suas experiências educacionais no período de internação	Sarmiento e Pinto (1997); Sarmiento (2002), (2005), (2013), (2018); Belloni (2009); Abramowich e Oliveira (2010); Mauss (2010); Corsaro (2011); Abramowich (2016); Kuhlmann e Fernandes (2012).
15 (2021) Silvia Mara Da Silva	A Pedagogia da correspondência e narrativas de crianças e adolescentes com câncer sobre o direito à educação	Corsaro (2011); Sarmiento (2005), (2018).

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

As informações organizadas no quadro número 4 indicam que os principais autores da área da Sociologia da Infância empregados na construção das dissertações foram: Sarmiento e Pinto (1997); Delgado e Muller (2005); Müller *et al.* (2007); Vasconcellos e Sarmiento (2007); Sarmiento e Gouvea (2008); Arroyo (2008); Belloni (2009); Barbosa (2009); Sarmiento (2002), (2004), (2005), (2008), (2012), (2013), (2018); Corsaro (2009), (2011); Pedrosa (2009); Rossetti-Ferreira e Oliveira (2009); Abramowich e Oliveira (2010); Corsaro (1997), (2009), (2011); Moruzi (2011); Kuhlmann e Fernandes (2012); Santos (2014); Sarmiento (2002), (2005), (2013), (2018); Mauss (2010); Abramowich (2016); Brougère (2017).

No geral, as pesquisas adotaram recursos metodológicos como entrevistas, rodas de conversa, brincadeiras, jogos e outros recursos lúdicos que ajudaram os pesquisadores na construção dos resultados das investigações. Por meio dos resultados, muitas crianças expressaram suas concepções a respeito do processo de internamento e sobre o seu entendimento quanto à sua condição médica.

A seguir, apresentaremos o quadro número 5, com a organização das teses que abordam a Sociologia da Infância na Educação Hospitalar. Os autores são formados em Comunicação Social, Pedagogia e Psicologia.

5.3 Levantamento de Teses

Quadro 5: Teses que abordam a Sociologia da Infância na Educação Hospitalar.

Autor(es)	Título	Programa de Pós-graduação	Plataforma
<p>(2018) Sirlândia Reis de Oliveira Teixeira - Graduada em Psicologia - Universidade de Guarulhos e Pedagogia - Faculdade de Itapeverica da Serra</p>	<p>Brinquedoteca Hospitalar na Cidade de São Paulo: Exigências Legais e a Realidade</p>	<p>Tese (doutorado) Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Paulo- São Paulo – SP</p>	<p>Catálogo da USP</p>
<p>(2021) Anderson dos Santos Machado - Graduado em Comunicação Social - Universidade Federal de Santa Maria - UFSM</p>	<p>A criança doente e a experiência com a má notícia</p>	<p>Tese (Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Escola de Comunicação, Artes e Design – Famecos, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - Porto Alegre - RS</p>	<p>Biblioteca Digital de Teses e Dissertações - PUCRS</p>

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, em 2022.

Abaixo, apresentaremos, em ordem cronológica de publicação, os elementos pertencentes às teses na perspectiva da Sociologia da Infância e

Pedagogia Hospitalar, onde serão caracterizados seus objetivos, sua metodologia e seus resultados de pesquisa.

Em sua tese "*Brinquedoteca hospitalar na cidade de São Paulo: exigências legais e a realidade*", a pesquisadora Teixeira (2018) discutiu o tema brinquedoteca hospitalar, como um recurso para a humanização da assistência à saúde nos hospitais pediátricos que atendem crianças em regime de internação. Sua pesquisa teve como objetivo verificar a situação da brinquedoteca hospitalar na cidade de São Paulo, antes e após a Lei n. 11.104/2005, a qual obriga a sua instalação.

A metodologia empregada na pesquisa foi qualitativa, com a revisão integrativa da literatura. Foram analisados os dados de 324 trabalhos publicados no Brasil e 43 no exterior, no período de 1994 a 2014. Foi realizada uma pesquisa de campo, com a aplicação de questionário para 11 profissionais atuantes em brinquedotecas na cidade de São Paulo. Os resultados da pesquisa mostraram que a maior parte das pesquisas nacionais e internacionais voltadas para o brincar na saúde estão concentradas na área da Enfermagem, e também se verificou a necessidade de formação dos profissionais para atuarem nas brinquedotecas hospitalares paulistas e de reconhecimento destes espaços como parte inerente ao tratamento das crianças hospitalizadas.

Machado (2021) defendeu a tese intitulada como "*A criança doente e a experiência com a má notícia*", com o intuito de compreender como a criança doente experimenta a má notícia em saúde. As premissas utilizadas na pesquisa são pautadas na Sociologia da Infância, com uma metodologia qualitativa, com a realização de atividades remotas, por teleconferência, decorrente do distanciamento social pela Pandemia de Covid-19.

O autor empregou duas fases em sua metodologia: Entrevistas Individuais em Profundidade com os familiares, para identificar o perfil da criança participante e sua trajetória de cuidado; e Grupo Focal com as crianças. Nesse contexto, buscou-se reconstituir a experiência da criança nesse cenário comunicacional. Os resultados da pesquisa demonstraram que a experiência da criança com a má notícia revela uma dinâmica complexa que abrange vários contextos de interação, que envolvem a família e os profissionais de saúde. Os relatos dos participantes evidenciaram a preferência de um diálogo que acolha

a dor da criança e ofereça confiança sobre as escolhas que estão sendo feitas para atenuar o sofrimento.

Em seguida, no quadro número 6, apresentaremos os autores da Sociologia da Infância encontrados nos trabalhos sobre as crianças em tratamento de saúde no Brasil.

Quadro 6: Autores da Sociologia da Infância presentes nas teses produzidas sobre as crianças em tratamento de saúde.

Autor(es)	Título	Autores da Sociologia da Infância utilizados nas pesquisas
(2018) Sirlândia Reis de Oliveira Teixeira	Brinquedoteca Hospitalar na Cidade de São Paulo: Exigências Legais e a Realidade	Corsaro (2003); Sarmiento (2003) (2004), (2007).
(2021) Anderson dos Santos Machado	A criança doente e a experiência com a má notícia	Qvortrup (1994); Pinto (1997); Pinto e Sarmiento (1997); Sirota (2001), (2011); Quinteiro (2002); Sarmiento (2003), (2009); Müller (2006); Prout (2010); Corsaro (2011).

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

As teses apontadas no quadro número 6 apresentaram os seguintes autores da Sociologia da Infância: Qvortrup (1994); Pinto (1997); Pinto e Sarmiento (1997); Sirota (2001), (2011); Quinteiro (2002); Sarmiento (2003) (2004), (2007), (2009); Müller (2006); Prout (2010); Corsaro (2003), (2011).

A seguir, apresentamos a análise das categorias da Sociologia da Infância encontradas nos trabalhos publicados no período de 2007 a 2022. Após realizarmos a leitura dos resumos dos trabalhos e buscar as palavras-chave que possuíam os descritores, construímos as seguintes categorias: Brincar, Narrativas Infantis, Protagonismo e Participação Infantil.

5.4 O que nos contam as produções acadêmicas sobre as crianças em tratamento de saúde no Brasil, a partir das categorias da Sociologia da Infância

As produções acadêmicas sobre as crianças em tratamento de saúde que abordam a perspectiva da Sociologia da Infância, selecionadas para este estudo e sistematizadas no quadro número 7, revelam a importância da construção de práticas que priorizam o brincar, as narrativas, o protagonismo e a participação das crianças hospitalizadas como recurso na construção de suas relações, tornando, assim, o processo mais humanizado.

Quadro 7: Sistematização das categorias presentes nos trabalhos analisados.

CATEGORIAS	AUTORES	NÚMERO DE TRABALHOS
1. BRINCAR	Monteiro (2007); Moreira e Macedo (2007); Goldmann (2010); Fontes (2012); Rocha (2012); Lopes e Paula (2012); Carrijo (2013); Santos (2013); Moraes (2013); Santos e Ferreira (2013); Cares e Masetti (2015); Rodrigues (2014); Domingues (2016); Simões (2016); Lino (2018); Castro, Moreira e Szapiro (2017); Paula e Gomes (2018); Silva (2018); Teixeira (2018); Mello, Galvão, Trindade, Martins, Barbosa e Pimentel (2019); Montana e Brostolin (2020); Mello, Galvão, Gomes e Pimentel (2020); Borges (2020); Souza (2021); Silva (2021).	9 Artigos 14 Dissertações 1 Teses
2. NARRATIVAS INFANTIS	Monteiro (2007); Moreira e Macedo (2007); Goldmann (2010), Rocha (2012); Passeggi e Rocha (2012), Santos e Ferreira (2013); Carrijo (2013); Moraes (2013); Rodrigues (2016); Domingues (2016); Castro, Moreira e Szapiro (2017); Paula e Gomes (2018); Lino (2018); Montana e Brostolin (2020); Borges (2020); Carvalho, Lima, Melo, Boeckmann, Silva (2021); Costa, Passeggi, Rocha (2020); Castro e Paula (2021), Justino e Kailer (2021); Soares e Montanha (2020); Machado (2021).	12 Artigos 11 Dissertações 1 Teses

3. PROTAGONISMO INFANTIL	Monteiro (2007); Moreira e Macedo (2007); Lopes e Paula (2012); Rocha (2012); Passeggi e Rocha (2012); Carrijo (2013); Moraes (2013); Cares e Masetti (2015); Castro, Moreira e Szapiro (2017), Paula e Gomes (2018); Silva (2018); Santos (2018); Lino (2018); Mello, Galvão, Trindade, Martins, Barbosa e Pimentel (2019); Melo, Trindade, Galvão e Pimentel (2020), Silva (2020); Carvalho, Lima, Melo, Boeckmann, Silva (2021); Justino e Kailer (2021).	11 Artigos 9 Dissertações 0 Teses
4. PARTICIPAÇÃO INFANTIL	Moreira e Macedo (2007), Lopes e Paula (2012), Rocha (2012); Castro, Moreira e Szapiro (2017); Passeggi e Rocha (2012); Carrijo (2013); Moraes (2013); Rorigues (2014); Domingues (2016); Simões (2016); Castro, Moreira e Szapiro (2018); Silva (2018); Santos (2018); Lino (2018); Paula e Gomes (2018); Costa, Passeggi, Rocha (2020); Melo, Trindade, Galvão e Pimentel (2020); Montanha (2020); Borges (2020); Souza (2021); Silva (2021); Machado (2021).	9 Artigos 12 Dissertações 1 Teses
5. REAPRESENTAÇÃO DA CULTURA	Moreira e Macedo (2007); Castro, Moreira e Szapiro (2017); Montana e Brostolin (2020).	3 Artigos 0 Dissertações 0 Teses

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, em 2024.

O mapeamento dos trabalhos resultou no total de 15 artigos, 15 dissertações e 2 teses que retratavam a Sociologia da Infância e a Educação Hospitalar no Brasil em suas produções acadêmicas. No geral, a categoria **brincar** apareceu em 9 artigos, 14 dissertações e 1 tese. A categoria **narrativa infantil** ficou evidente em 12 artigos, 11 dissertações e 1 tese. A categoria **protagonismo infantil** foi identificada em 11 artigos e 9 dissertações. A categoria **participação infantil** foi verificada em 9 artigos, 12 dissertações e 1 tese, seguida da categoria **reapresentação da cultura**, que foi encontrada somente em 3 artigos dentre os selecionados para a análise.

Dentre todos os trabalhos selecionados, as pesquisas Monteiro (2007); Moreira e Macedo (2007); Goldmann (2010); Fontes (2012); Rocha (2012); Lopes e Paula (2012); Carrijo (2013); Santos (2013); Moraes (2013); Santos e Ferreira (2013); Cares e Masetti (2015); Rodrigues (2014); Domingues (2016);

Simões (2016); Lino (2018); Castro, Moreira e Szapiro (2017); Paula e Gomes (2018); Silva (2018); Teixeira (2018); Mello, Galvão, Trindade, Martins, Barbosa e Pimentel (2019); Montana e Brostolin (2020); Mello, Galvão, Gomes e Pimentel (2020); Borges (2020); Souza (2021) e Silva (2021) indicaram a categoria **brincar**.

As pesquisas Monteiro (2007); Moreira e Macedo (2007); Goldmann (2010), Rocha (2012); Passeggi e Rocha (2012), Santos e Ferreira (2013); Carrijo (2013); Moraes (2013); Rodrigues (2016); Domingues (2016); Castro, Moreira e Szapiro (2017); Paula e Gomes (2018); Lino (2018); Montana e Brostolin (2020); Borges (2020); Carvalho, Lima, Melo, Boeckmann, Silva (2021); Costa, Passeggi, Rocha (2020); Castro e Paula (2021), Justino e Kailer (2021); Soares e Montanha (2020) e Machado (2021) revelaram a categoria **narrativas infantis**.

Os trabalhos de Moreira e Macedo (2007), Lopes e Paula (2012), Rocha (2012); Castro, Moreira e Szapiro (2017); Passeggi e Rocha (2012); Carrijo (2013); Moraes (2013); Rorigues (2014); Domingues (2016); Simões (2016); Castro, Moreira e Szapiro (2018); Silva (2018); Santos (2018); Lino (2018); Paula e Gomes (2018); Costa, Passeggi, Rocha (2020); Melo, Trindade, Galvão e Pimentel (2020); Montanha (2020); Borges (2020); Souza (2021); Silva (2021) e Machado (2021) evidenciaram o **protagonismo infantil**.

A seguir, temos a categoria participação infantil, nas produções de Moreira e Macedo (2007), Lopes e Paula (2012), Rocha (2012); Castro, Moreira e Szapiro (2017); Passeggi e Rocha (2012); Carrijo (2013); Moraes (2013); Rorigues (2014); Domingues (2016); Simões (2016); Castro, Moreira e Szapiro (2018); Silva (2018); Santos (2018); Lino (2018); Paula e Gomes (2018); Costa, Passeggi, Rocha (2020); Melo, Trindade, Galvão e Pimentel (2020); Montanha (2020); Borges (2020); Souza (2021); Silva (2021); Machado (2021). Na sequência, vem a **categoria reapresentação da cultura**, identificada nos trabalhos Moreira e Macedo (2007); Castro, Moreira e Szapiro (2017); Montana e Brostolin (2020).

Cabe destacar que algumas das categorias aparecem em mais de um dos trabalhos analisados, como podemos verificar no quadro número 8.

Quadro 8: Trabalhos com mais de uma categoria da Sociologia da Infância.

BRINCAR	NARRATIVAS INFANTIS	PROTAGONISMO INFANTIL	PARTICIPAÇÃO INFANTIL	REAPRESENTAÇÃO DA CULTURA
Cares e Masetti (2015)	Carijo (2013)	Cares e Masetti (2015)	Passeggi e Rocha (2012)	Castro, Moreira e Szapiro (2017)
Carijo (2013)	Goldmann (2010)	Carijo (2013)	Carijo (2013)	Montana e Brostolin (2020)
Goldmann (2010)	Lino (2018)	Passeggi e Rocha (2012)	Costa, Passeggi, Rocha (2020)	Moreira e Macedo (2007)
Lino (2018)	Paula e Gomes (2018)	Lino (2018)	Lino (2018)	
Mello, Galvão, Trindade, Martins, Barbosa e Pimentel (2019)	Borges (2020)	Mello, Galvão, Trindade, Martins, Barbosa e Pimentel (2019)	Souza (2021)	
Moraes (2013)	Castro, Moreira e Szapiro (2017)	Moraes (2013)	Moraes (2013)	
Paula e Gomes (2018)	Domingues (2016)	Paula e Gomes (2018)	Paula e Gomes (2018)	
Borges (2020)	Monteiro (2007)	Lopes e Paula (2012)	Borges (2020)	
Castro, Moreira e Szapiro (2017)	Moreira e Macedo (2007)	Castro, Moreira e Szapiro (2017)	Castro, Moreira e Szapiro (2017)	
Domingues (2016)	Rocha (2012)	Santos (2013)	Domingues (2016)	
Lopes e Paula (2012)	Rodrigues (2014)	Silva (2018)	Lopes e Paula (2012)	

Montana e Brostolin (2020)	Santos e Ferreira (2013)	Monteiro (2007)	Moreira e Macedo (2007)	
Monteiro (2007)	Carvalho, Lima, Melo, Boeckmann, Silva (2021)	Moreira e Macedo (2007)	Rocha (2012)	
Moreira e Macedo (2007)	Costa, Passeggi, Rocha (2020)	Rocha (2012)	Rodrigues (2014)	
Rocha (2012)		Carvalho, Lima, Melo, Boeckmann, Silva (2021)	Santos (2013)	
Rodrigues (2014)			Silva (2018)	
Santos (2013)			Silva (2021)	
Santos e Ferreira (2013)			Simões (2016)	
Silva (2018)			Souza (2021)	
Silva (2021)				
Simões (2016)				
Souza (2021)				
TOTAL: 22	TOTAL: 14	TOTAL: 15	TOTAL: 19	TOTAL: 3

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, em 2024.

As pesquisas dispostas no quadro número 8 apresentam mais de uma categoria correspondente, uma vez que elas se correlacionam entre si, pois as compreensões sobre a criança ativa e que participa da sociedade, e os pressupostos da perspectiva da Sociologia da Infância, lhes permite elaborar

novas maneiras de sentir, pensar, entender e vivenciar experiências no meio em que estão inseridas.

Diante disso, as categorias encontradas nos trabalhos nos indicam quão importante é o desenvolvimento de práticas educativas que consideram as crianças como sujeitos, ativos e portadores de suas próprias histórias, como seres que partilham e que constroem relações. Assim, as atividades pautadas na perspectiva da Sociologia da Infância são orientadas no ato do brincar, o que possibilita às crianças narrarem suas histórias, participarem do processo como sujeitos, e, com isso, desenvolverem e estimularem sua criatividade.

O processo de fomentar o imaginário da criança contribui para ela consiga compreender o que acontece em sua vida. Nesse caso, as crianças hospitalizadas passam a entender o processo do internamento como necessário. Mesmo que não seja algo agradável, é importante para que eles se recuperem e retomem o quanto antes a sua vida fora do ambiente hospitalar.

No decorrer do mapeamento e da análise das produções da Sociologia da Infância na Educação Hospitalar, foi possível observar que os pesquisadores desses trabalhos pertencem às áreas de Artes, Ciências Sociais, Psicologia, História, Pedagogia, Licenciatura em Letras, Fisioterapia, Educação Física, Enfermagem, Física e Química.

A análise também revelou que a maior parte das produções acadêmicas estão concentradas na região Sul do país: Lopes e Paula (2012), Santos e Ferreira (2013), Silva (2018), Santos (2018), Borges (2020), Castro e Paula (2021), Justino e Kailer (2021) e Silva (2021). A segunda região com maior número de produções acadêmicas é o Nordeste, com Monteiro (2007), Rocha (2012), Passeggi e Rocha (2012), Simões (2016), Domingues (2016), Rodrigues (2018) e Costa, Passeggi, Rocha (2020).

Na região Sudeste, encontram-se as produções de Moreira e Macedo (2007), Castro, Moreira e Szapiro (2017), Lino (2018), Trindade, Galvão e Pimentel (2020), Melo, Trindade, Galvão e Pimentel (2020). Logo após, temos as produções de Carrijo (2013) e Montana, Carvalho, Lima, Melo, Boeckmann, Silva (2020) e Brostolin (2020), na região Centro-Oeste do Brasil.

É importante destacar que a quantidade de trabalhos encontrados por região é justificada devido ao local de pertencimento, residência e grupos de estudos dos pesquisadores(as) da área. Como pudemos verificar na cidade de

Maringá, que possui uma pesquisadora pioneira na área da Educação Hospitalar e da Sociologia da Infância.

Os pesquisadores utilizaram diversos recursos para a elaboração de suas pesquisas, como observações, anotações em um diário de campo do pesquisador e das crianças, entrevistas com os familiares, filmagens e fotografias, assim como teatro, jogos, brincadeiras, desenhos, contação de histórias e o uso de bonecos-personagem para a construção das narrativas infantis. Também foram utilizados espaços como a brinquedoteca e uma Classe Hospitalar para a realização de algumas atividades. Cabe destacar a importância do desenvolvimento de atividades lúdicas e educativas nesses ambientes, pois elas contribuem para a inclusão, para a união, para a promoção da saúde, da alegria e da cultura entre as pessoas, bem como estimulam a imaginação da criança.

Desta forma, verificamos que essas metodologias empregadas nas pesquisas coadunam com os pressupostos da Sociologia da Infância, pois consideram a criança como sujeito no processo da construção de seus trabalhos, ao exprimirem em suas narrativas suas visões de mundo, e também ao considerarem a criança como participante ativa da sociedade, que pensa e exprime suas angústias, medos e sentimentos.

Os trabalhos analisados também denotam que as pesquisas com crianças contribuíram para os estudos da infância, pois abordam as crianças como atores e produtores de cultura, que narram, refletem e expõem suas experiências de vida, compatíveis com a perspectiva da Sociologia da Infância. Evidenciaram algumas reflexões, como a importância de escutar e reconhecer as crianças como sujeitos de direitos, plenos com potencialidades e condições de refletir sobre as coisas que lhes ocorrem, evidenciando o seu protagonismo.

As narrativas das crianças auxiliam na compreensão do papel das práticas pedagógicas e culturais que transformam o ambiente escolar hospitalar, e demonstram que o hospital é um ambiente que beneficia o diálogo entre Educação e Saúde, mas também é um lugar no qual as crianças enfrentam incertezas e a ambiguidade de sentimentos, pois ao mesmo tempo que se caracteriza como um lugar bom porque irá curá-los, também é o lugar no qual elas enfrentam muitas dores físicas, com procedimentos dolorosos e invasivos.

As pesquisas apontam que as narrativas das crianças denotam que elas possuem alguma compreensão sobre sua doença, e também legitimam a importância da continuidade da escolarização por meio da classe hospitalar, uma vez que favorece a socialização das crianças com seus pares e com os adultos, e fortalece o emocional, o social e o cognitivo.

Portanto, as narrativas das crianças também validam o hospital como um espaço de cura e de cuidados, que minimizam as dores físicas, mesmo que para isso tenham que submeter-se a procedimentos dolorosos. Bem como aquelas crianças que apresentam um histórico com longos períodos em tratamento demonstraram ter conhecimento com detalhes minuciosos pertinentes às suas patologias, pois empregam termos especializados.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer da nossa pesquisa, procuramos responder alguns questionamentos sobre o que dizem as pesquisas da área da Educação Hospitalar. Como as crianças em tratamento de saúde narram sobre suas dores e angústias? O que elas dizem sobre suas doenças? O que elas propõem para modificar o hospital e as escolas nos hospitais? Como ocorre a escuta das crianças? Quais as metodologias utilizadas nas pesquisas? Como o brincar e a educação para crianças em tratamento aparecem nas pesquisas? De que forma são conduzidos os diálogos entre os adultos e as crianças nas pesquisas?

Diante dos questionamentos e da leitura dos trabalhos elencados para a construção desta tese, foi possível identificar nos trabalhos analisados que, por meio da construção das narrativas das crianças, os pesquisadores conseguiram observar que as crianças expressavam seus sentimentos e suas angústias ao relatarem que tinham medo de ficar longe de suas mães, de suas casas e de seus animais de estimação. Da mesma forma, relatavam com detalhes as suas condições de saúde e demonstravam ter entendimento sobre sua doença, inclusive algumas delas utilizavam termos médicos e complexos para explicar a sua patologia, assim como sabiam qual era o nome de seu problema de saúde.

No que diz respeito ao relato das crianças sobre as suas patologias, as pesquisas indicaram que muitas tinham entendimento sobre suas doenças, explicando as pesquisadoras exatamente qual era o seu diagnóstico, descrevendo sobre os lugares em que tiveram câncer ou então relacionando a valorização da saúde com o brincar. Devido à sua condição de fragilidade, elas não conseguiam correr, pular e subir em árvores. Portanto, o brincar adaptado nos hospitais melhorava as suas condições de vida e infâncias.

A respeito da forma como ocorria a escuta das crianças nos trabalhos analisados, identificamos que em sua maioria os pesquisadores utilizaram diversas técnicas, como entrevistas semiestruturadas, bonecos-personagens para iniciar o diálogo com as crianças, rodas de conversas, teatros, desenhos e brincadeiras nas quais as crianças iam exprimindo as suas narrativas. As metodologias mais utilizadas nas pesquisas selecionadas foram de cunho

qualitativa bibliográfica, etnopesquisa, etnográfica, pesquisa-ação, documental e quanti-qualitativa.

Com relação ao brincar, foi possível verificar que as pesquisas analisadas apontaram que os relatos das crianças associavam o ato de brincar à diversão, e que as brincadeiras nos hospitais eram acontecimentos que faziam com que elas se sentissem melhores quando eram ofertadas nesses locais. Portanto, a perspectiva da Sociologia da Infância possibilitou o desenvolvimento de práticas que transformaram a concepção das crianças sobre o brincar no ambiente hospitalar, pois as metodologias adotadas nas pesquisas demonstraram que o brincar para diferentes crianças no hospital possibilitou a participação ativa delas, tanto nas brincadeiras em si quanto nos seus processos de recuperação.

Em relação à concepção de educação para crianças em tratamento de saúde, verificamos que os dados das pesquisas indicaram que as crianças relataram que já haviam tido professores e aulas no hospital de suas cidades, e que os professores davam atividades para serem realizadas dentro do local. As visões expressadas pelas crianças em suas narrativas é de que os professores da escola do hospital eram todos 'bonzinhos', e que a quantidade de crianças atendidas nas classes hospitalares era menor das atendidas na escola regular.

Quanto à forma como eram conduzidos os diálogos entre os adultos e as crianças, as pesquisas revelaram que a maioria dos pesquisadores empregaram técnicas de observação participativa, na qual se inseriram no universo infantil, com rodas de conversas, entrevistas com perguntas semiestruturadas, bonecos com personagens. Desenhos e brincadeiras também foram empregados como técnica de construção de diálogo entre os adultos e as crianças no decorrer do desenvolvimento das pesquisas. Esses recursos foram essenciais para os pesquisadores adentrarem no universo infantil e realizarem pesquisas com as crianças, para a construção das narrativas e da participação das crianças evidenciadas nas pesquisas.

Para a construção desta tese também foram estabelecidos alguns objetivos. O objetivo geral consistiu em investigar de que forma a Sociologia da Infância é retratada na produção acadêmica da Educação Hospitalar no Brasil. Esse objetivo geral se desdobrou em três específicos: descrever as características essenciais da Sociologia da Infância e da Educação Hospitalar; apresentar uma revisão de literatura, o mapeamento dos locais, tipos de

pesquisa, formação dos pesquisadores e regiões que utilizam a metodologia Sociologia da Infância nas pesquisas de Educação Hospitalar; identificar quais as categorias da Sociologia da Infância, como: brincar, narrativas infantis, protagonismo infantil, participação infantil, reapresentação da cultura e ressignificação do espaço pela criança hospitalizada, estavam presentes nos estudos da Educação Hospitalar que adotaram essa perspectiva teórica.

Dos objetivos propostos em nossa pesquisa, conseguimos descrever as características essenciais da Sociologia da Infância e da Educação Hospitalar. A Sociologia da Infância fundamentou a compreensão a respeito do espaço que a criança ocupa na modernidade, possibilitou compreender a criança como protagonista no hospital e sua participação ativa nas atividades. Também demonstrou que as crianças são capazes de produzir e transformar culturas, mesmo que incorporadas no mundo adulto. No que se refere à Educação Hospitalar, foi possível realizar uma reflexão sobre a infância acometida pela doença e seus inúmeros desafios, assim como a caracterização de sistemas importantíssimos para a área da Educação Hospitalar, como a Classe Hospitalar; o Serviço de Atendimento e Escolarização Hospitalar (SAREH) do Paraná e a Brinquedoteca hospitalar.

No levantamento dos dados da pesquisa foi realizada uma revisão de literatura, posteriormente o mapeamento dos locais, dos tipos de pesquisa, da formação dos pesquisadores e das regiões que utilizam a Sociologia da Infância nas pesquisas da área da Educação Hospitalar. Para isso, realizamos a busca no site do Google Acadêmico. Foram utilizados alguns descritores para que a busca pudesse nos fornecer uma variedade de trabalhos que atendessem aos critérios estabelecidos e que demonstrassem a relevância para nossa análise. Foram selecionadas 32 pesquisas.

Na sequência, sistematizamos os trabalhos encontrados e selecionados em quadros organizados por tipo de pesquisa, artigos, dissertações e teses, priorizamos a descrição dos nomes dos pesquisadores e formação, títulos dos trabalhos, local e banco de dados. Das 32 pesquisas selecionadas, conseguimos 15 artigos, 15 dissertações e 2 teses. A análise também revelou que a maior parte das produções acadêmicas estão concentradas na região Sul do país, em sua maioria na cidade de Maringá. A segunda região com maior número de produções acadêmicas é o Nordeste, com um número maior de produções

concentradas em Natal, seguida pelas regiões Sudeste e Centro-Oeste do Brasil. Os autores dessas pesquisas pertencem às áreas de Artes, Ciências Sociais, Psicologia, História, Pedagogia, Licenciatura em Letras, Fisioterapia, Educação Física, Enfermagem, Física e Química.

No que diz respeito ao objetivo: Identificar quais as categorias da Sociologia da Infância, como: brincar, narrativas infantis, protagonismo infantil, participação infantil, reapresentação da cultura e ressignificação do espaço pela criança hospitalizada, presentes nos estudos analisados, constatamos que as pesquisas revelaram a presença dessas características na maioria dos trabalhos selecionados, e alguns dos trabalhos apresentaram mais de uma categoria.

Diante disso, com os dados levantados em nossa pesquisa, foi possível confirmar a nossa tese de que existem muitos estudos a respeito das infâncias das crianças hospitalizadas sob a ótica da perspectiva da Sociologia da Infância na Pedagogia Hospitalar, os quais têm contribuído para olhares e escutas mais sensíveis destinadas a essas crianças. Nosso estudo também observou que a maioria dos trabalhos apresentavam atividades e considerações sobre o brincar, o lúdico, as narrativas que traziam elementos importantes para dar visibilidade às crianças hospitalizadas.

As atividades eram fundamentadas no ato do brincar, estimulavam o imaginário, a criatividade e a compreensão da realidade, pois quando as crianças brincavam, elas construía relações com seus pares e consigo mesmas, interagem e exercitavam o protagonismo infantil, por isso as atividades eram baseadas em brincadeiras que são muito importantes para o desenvolvimento infantil.

Por conseguinte, a Sociologia da Infância constitui e evidencia as culturas infantis quase que exclusivamente por componentes das crianças e assinalados pela sua essência lúdica. Durante a análise empregada nos trabalhos verificamos que a cultura é apresentada de uma maneira diferente no hospital, e que todos esses elementos fazem parte da Sociologia da Infância, portanto, é uma área de estudo muito relevante para o desenvolvimento de pesquisas com crianças, sobretudo para crianças em tratamento de saúde no Brasil.

Diante do exposto, compreendemos que a Sociologia da Infância tem colaborado de forma significativa nas pesquisas com crianças, pois sua compreensão valoriza as crianças como atores sociais, estudando-as em suas

multiplicidades do ser. Assim, é imprescindível compreender o universo infantil e o lúdico para crianças em tratamento de saúde nos quais são realizadas as pesquisas, tanto em ambientes hospitalares como de atendimentos pedagógicos domiciliares e brinquedotecas.

REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, Anete; OLIVEIRA, Fabiana de. A Sociologia da Infância no Brasil: uma área em construção. **Educação UFSM**, v. 35, n. 01, p. 39-52, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/1602>. Acesso em: 28/01/2024.

ALONSO, Giovana. Cultura infantil, **Culturas infantis e culturas da infância: polissemias em debate**. Dissertação (Mestrado em Educação) apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, p.159. 2021.

ARTIOLI ROLIM, Carmem Lucia. Educação hospitalar: uma questão de direito. **Actualidades Investigativas en Educación**, v. 19, n. 1, p. 700-719, 2019.

ASSIS, Regina. As crianças e seu (des)lugar nas culturas contemporâneas. **Pátio – Educação Infantil**. v. 15. nov. 2007/fev. 2008.

BARBOSA, R. F. M.; ZANDOMÍNEGUE, B. A. C.; MELLO, A. S. Práticas brincantes e narrativas infantis nos *espaçostempos* da educação física com a educação infantil: análises a partir da Sociologia da Infância. **Revista Pedagógica**, Chapecó, v. 22, p. 1-29, 2020. DOI: <https://doi.org/10.22196/rp.v22i0.5777>.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BORGES, Wesley dos Santos. **As contribuições da prática de Teatro de Mamulengo e da Educação Social em Saúde para crianças e adolescentes com câncer**. Dissertação (Mestrado em Educação) apresentada ao Programa de Pós-graduação da Universidade Estadual de Maringá. Maringá, p. 145. 2020

BRACCIALLI, L. P.; MANZINI, E. J.; REGANHAN, W. G. Contribuição de um programa de jogos e brincadeiras adaptados para a estimulação de habilidades motoras em alunos com deficiência física. In: **ANPED: Vigotski Brasil: Links em psicologia histórico-cultural**. 2004. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/27/gt15/t154.pdf>>. Acesso em: 19/02/2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Classe hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: estratégias e orientações**. Secretária de Educação Especial. Brasília, MEC/SEESP, 2002.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB. 9394/1996**. BRASIL. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 29/09/2022.

BRASIL. 1990. Lei n. 8.069/90. **Estatuto da Criança e do Adolescente no Brasil**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/legislação>. Acesso em: 15/09/2022.

BRIZOLA, J.; FANTIN, N. Revisão da Literatura e Revisão Sistemática da Literatura. **Revista de Educação do Vale do Arinos - RELVA, [S. l.]**, v. 3, n. 2, 2017. DOI: 10.30681/relva.v3i2.1738. Disponível em:

<https://periodicos.unemat.br/index.php/relva/article/view/1738>. Acesso em: 29/09/2022.

CABRAL, Fernanda Mendes; DIAS, Adelaide Alves. A criança nas i/ma(r)gens de infância: da (in) visibilidade ao protagonismo social. **Revista Teias**, v. 20, n. 56, p. 436-462, 2019.

CABRAL, Sara Sofia Lopes. **Infância Institucionalizada: Narrativas das crianças sobre o antes, o durante e o pós alta hospitalar**. 2013. Tese (Doutorado) – Escola Superior de Educação de Lisboa/Instituto Politécnico de Lisboa. Lisboa/Portugal. p. 143. 2013.

CAIRES, Susana Caires. MASETTI, Morgana. Uma pedagogia através do olhar do palhaço no contexto de saúde: subsídios para a humanização pediátrica. **Revista de Ciências da Educação**. Americana, SP, ano XVII no 33 p. 39-57 jul./dez. 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.19091/reced.unisal2015.1003>. Acesso em: 31/07/2022.

CARRIJO, Mona Lisa Rezende. **“O Hospital Daqui e o Hospital de Lá”**: Fronteiras Simbólicas do Lugar, Segundo Significações de Crianças Hospitalizadas. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, p. 122. 2013.

CARVALHO, Enoque de Oliveira; LIMA, Luana Nunes; MELO, Manuela Costa; BOECKMANN, Lara Mabelle Milfont; SILVA, Valéria Batista da. Experiência da criança sobre a hospitalização: abordagem da Sociologia da Infância. **Cogitare Enfermagem**. Brasília, v. 25, p. 2 – 11, jan./ago. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/71321>. Acesso em: 29/07/2022.

CASTRO, Bárbara da Silveira Madeira de; MOREIRA, Martha Cristina Nunes; SZAPIRO, Ana Maria. Crianças e Adolescentes com Condições Crônicas Falam Sobre Saúde. **Revista Polis E Psique**, v. 7(3), p. 116–135. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/2238-152X.75890>. Acesso em: 31/07/2022.

CASTRO, Joelma Fátima. **Educação Matemática e literatura Infantil Para Crianças do Ensino Fundamental e em Tratamento de Saúde**: Um Estudo Pedagógico da Produções Acadêmicas. Dissertação (Mestrado em educação) – Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, letras e Artes, departamento de Teoria e Prática de Educação. Maringá, p. 135. 2022.

COÊLHO, PJS; SOUZA, EC. Narrativas e aprendizagens experienciais de crianças de uma escola de educação infantil rural. **Revista @mbienteeducação**. São Paulo: Universidade Cidade de São Paulo, v. 12, n. 2, p. 222-240 mai/ago 2019. 226 e-ISSN 1982-8632 <https://doi.org/10.26843/ae19828632v12n22019p222a240>. Acesso em: 10/02/2024.

CORSARO, A. Willian. **Sociologia da Infância**. 2ª. ed. Porto Alegre: Artemed, 2011.

COSTA, Conceição Leal da; PASSEGGI, Maria da Conceição; ROCHA, Simone Maria da. Por uma escuta sensível de crianças com doenças crônicas.

Educação. Santa Maria, vol. 45, 2020, jan./dez. p. 1-24. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=117162553016>. Acesso em: 30/07/2022.

COSTA, Conceição Leal da; PASSEGGI, Maria da Conceição; ROCHA, Simone Maria da. A pesquisa educacional com crianças: um estudo a partir de suas narrativas sobre o acolhimento em ambiente hospitalar. **Revista Educação em Questão**. Natal, vol. 44, núm. 30, set./dez, 2012, p. 36-61. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5639/563959976004.pdf>. Acesso em: 30/07/2022.

DELGADO, Ana Cristina Coll. MULLER Fernanda. Infâncias, Tempos e Espaços: um diálogo com Manuel Jacinto Sarmento. **Currículo sem Fronteiras**, v.6, n.1, p. 15-24, Jan/Jun 2005.

DIP, Flávia Franzini; TEBET, Gabriela Guarnieri de Campos. Sociologia da Infância, protagonismo Infantil e Cultura de Pares: um mapeamento da produção acadêmica sobre o tema. **Revista Zero-a-seis**, ISSN 1980-4512 | v. 21, n. 39 p. 31-50 | jan-jun, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroseis/article/view/1980-4512.2019v21n39p31/38579>>. Acesso em: 23/07/2022.

DOMINGEUS, Rafaella Maria Varella. **Era Uma Vez...Histórias de Crianças (Con)Vivendo Com a Recidiva do Câncer e Seus Ensinamentos Sobre o Cuidado**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Natal, p. 200. 2016.

DORNELLES, Leni Vieira. **Infâncias que nos escapam: da criança na rua à criança cyber**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

ECHER, Isabel Cristina. A revisão de literatura na construção do trabalho científico. **Revista gaúcha de enfermagem. Porto Alegre. Vol. 22, n. 2 (jul. 2001), p. 5-20, 2001.** Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/23470/000326312.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 29/09/2022.

FAVERO, Luciane et al. A promoção do brincar no contexto da hospitalização infantil como ação de enfermagem: relato de experiência. **Cogitare Enfermagem**, v. 12, n. 4, p. 519-524, 2007.

FONTANELLA, Bruno José Barcellos; RICAS, Janete; TURATO Egberto Ribeiro. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. **Cad. Saúde Pública**. Rio de Janeiro, 24(1):17-27, jan, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/Zbfsr8DcW5YNWVkyMvByhrN/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 28/08/2022.

FONTES, Adriana Rocha. **Pedagogia Hospitalar: Atividades Lúdico-Educativas no Processo de Humanização do Hospital Regional Amparo de Maria – Estância (SE)**. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Tiradentes. Aracajú, p. 168. 2012.

FONSECA, João José Saraiva da. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, apostila, 2002.

GARCIA, Ricardo. **Narrativas Gráficas em Contextos Pediátricos**. Criança, Cidade, Cidadania-Atas do colóquio internacional, p. 166, 2016. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/76178004.pdf#page=43>. Acesso em: 13/08/2022.

GOLDMANN, Fabiana de Oliveira. **Saberes para Atuação Docente Hospitalar: Um Estudo Com Pedagogas que Atuam em Hospitais De Santa Catarina**. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-graduação em Educação Da Universidade Do Vale Do Itajaí – PPGED. Itajaí, p. 207. 2010.

GOMES, Elisângela; DIAS, Luciene de Oliveira. A triangulação enquanto estratégia de diálogo em pesquisa científica. **C&S**-São Bernardo do Campo, v. 42, n. 1, p. 31-51, 2020.

Histórico da pandemia de COVID-19. **Organização Pan-Americana da Saúde**, 2022. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19#:~:text=Em%2031%20de%20dezembro%20de,identificada%20antes%20em%20seres%20humanos>>. Acesso em: 08/08/2022.

Instituto de Apoio à Criança. **Carta da criança hospitalizada**. Humanização dos serviços de atendimento à criança. IAC (Lisboa),1988. Disponível em: <https://iacrianca.pt/wp-content/uploads/carta-crianca-hospitalizada-5-edicao.pdf>. Acesso em: 16/08/2022.

JUSTINO, Angelica Beatriz. KAILER, Elismara Zaias. Narrativas de Crianças e Adolescentes com Câncer: Muitas Experiências para Contar e Comunicar. **Hachetetepé. Revista científica de Educación y Comunicación** n°22, 1-10, 2021. Disponível em: <http://portal.amelica.org/ameli/jatsRepo/427/4271799007/4271799007.pdf>. Acesso em: 30/07/2022.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. Brinquedos e Brincadeiras na Educação Infantil. **Anais do I Seminário Nacional: Currículo Em Movimento – Perspectivas Atuais**. Belo Horizonte, novembro de 2010.

KORCZAK, Janusz. **Quando eu voltar a ser criança**. São Paulo: Círculo do Livro, 1986.

Linha do tempo do Coronavírus no Brasil. **Sanar**, 2020. Disponível em: <https://www.sanarmed.com/linha-do-tempo-do-coronavirus-no-brasil>. Acesso em: 18/08/2022.

LINO, Ana Maria. **Olhares e Narrativas de Crianças Hospitalizadas Sobre a Vida Escolar**. Dissertação (Mestrado em Educação) Programa De Pós-graduação em Educação Da Universidade Federal De São Carlos. São Carlos, p. 223. 2019.

LOBACHINSKI, Josiane Aparecida de Lima. **A Despotencialização da Cultura Infantil e da Formação**: uma análise adornoiana dos desenhos animados “educativos”. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual do Centro-oeste do Paraná, programa de Pós-Graduação em Educação, área de concentração em Educação (Linha de Pesquisa: Políticas Educacionais, História e Organização da Educação). Guarapuava, p. 189, 2020.

LOBACHINSKI, Josiane Aparecida de Lima; NEUVALD, Luciane. Indústria Cultural e Semiformação: a despotencialização formativa na infância. In: LIRA, Aliandra Cristina Mesomo; DREWINSKI, Jane Maria de Abreu. (Org.). **Infância e Educação Infantil: políticas e práticas**. Guarapuava: Editora da Unicentro, 2017.

LOBACHINSKI, Josiane Aparecida de Lima; NEUVALD, Luciane. Barbárie e Infância: qual é o papel da educação?. In: NEUVALD, Luciane. **Barbárie, Regressão da Consciência e Processo Formativo: Diálogos**. 1 ed. Curitiba: CRV, 2018.

LOPES, Bruna Alves. PAULA, Ercília Maria Angeli Teixeira. O significado das festas em uma brinquedoteca hospitalar: promoção da saúde, da cultura e da vivência da infância para crianças enfermas. **Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar**. Rio de Janeiro, vol.15 no.1, p.163 – 193, Jan/jun. – 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582012000100010. Acesso em: 30/07/2022.

MACHADO, Anderson Dos Santos. **A Criança Doente e a Experiência com a Má Notícia**. Tese (DOUTORADO) Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Escola de Comunicação, Artes e Design – FAMECOS, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, p. 321. 2021.

MALAGUZZI, Loris. **As cem linguagens da criança**. Lunetas. Disponível em: <<https://lunetas.com.br/poemas-sobre-infancia/>>. Acesso em 23/07/2022.

CASTRO, Joelma Fátima; DE PAULA, Ercília Maria Angeli Teixeira. Projeto de extensão com crianças e adolescentes em tratamento de câncer em tempo de pandemia. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 4, p. 38275-38285, 2021. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/28162>. Acesso em: 15/08/2022.

MARCONI, Andrade Marcondes; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2016.

MELLO, André da Silva; GALVÃO, Emmily Rodrigues; TRINDADE, Luísa Helmer; MARTINS, Rodrigo Lema Del Rio; BARBOSA, Raquel Firmino Magalhães; PIMENTEL, Giuliano Gomes de Assis. Projeto Brincar é o Melhor Remédio: Relações Pedagógicas Centradas nas Produções Culturais das Crianças. **Revista Guará**, nº 12. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/guara/article/view/21144>. Acesso em: 03/08/2022.

MELLO, André da Silva; TRINDADE, Luísa Helmer; GALVÃO, Emmily Rodrigues; PIMENTEL, Giuliano Gomes de Assis. (2021). O Brincar e Criança em Tratamento Oncológico: Relações para além da Dimensão Terapêutica. **LICERE - Revista Do Programa De Pós-graduação Interdisciplinar Em Estudos Do Lazer**. Belo Horizonte, v. 24(2), 97–119. Disponível em: <https://doi.org/10.35699/2447-6218.2021.34867>. Acesso em: 30/07/2022.

MENEZES, Cinthia Vernizi Adachi. Serviço de atendimento à rede de escolarização hospitalar: o caráter inovador na construção de uma política pública no estado do Paraná. In. **Serviço de Atendimento à rede de escolarização hospitalar (Sareh)/Secretária de Estado da Educação**. Superintendência de Educação. Diretoria de Políticas e Programas Educacionais. Núcleo de Apoio ao Sareh. Curitiba: SEED-PR, 2010.

MINAYO, M.C. **O desafio do conhecimento pesquisa qualitativa em saúde**. 2 ed. São Paulo HUCITEC/ABRASCO, 1993.

MONTANHA, Hildacy Soares de França. **Classe Hospitalar: O Que Dizem as Crianças Sobre Suas Experiências Educacionais no Período de Internação**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica Dom Bosco. Campo Grande – MS, p. 141. 2020.

MONTANHA, Hildacy Soares da França; BROSTOLIN, Marta Regina. A Classe Hospitalar na Voz de Crianças a Partir de Suas Vivências Educacionais. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**. Salvador, v. 05, n. 15, p. 1105-1120, set./dez. 2020. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/8050>. Acesso em: 30/07/2022.

MONTEIRO, Luciana Fernanda Lucena Mendes. **Vivendo e Aprendendo no Ambiente Hospitalar: Percepções de Crianças Sobre a Doença**. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências da Saúde. Departamento de Enfermagem. Natal, p. 106. 2007.

MORAES, Myrian Soares De. **Brincando e Sendo Feliz: A Pedagogia Hospitalar Como Proposta Humanizadora no Tratamento de Crianças Hospitalizadas**. Dissertação (Mestrado em Educação) Programa De Pós-Graduação Em Educação Da Universidade Federal De Sergipe. São Cristóvão, p. 178. 2013.

MOREIRA, Martha Cristina Nunes. MACEDO, Aline Duque de. O protagonismo da criança no cenário hospitalar: um ensaio sobre estratégias de sociabilidade. **Temas livres – Free Themes**. p. 645 – 652. Disponível em: <https://www.scielo.org/pdf/csc/v14n2/a33v14n2.pdf>. Acesso em: 30/07/2022.

NAÇÕES UNIDAS. **Declaração dos Direitos da Criança de 20 de novembro de 1959**. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/cdhm/comite-brasileiro-de-direitos-humanos-e-politica-externa/DeclDirCrian.html>. Acesso em 25/12/2023.

PARANÁ. Edital nº 85/2021 - GS/Seed. Processo de seleção de professores e professores pedagogos do Quadro Próprio do Magistério para atuarem no serviço de atendimento à Rede de Escolarização Hospitalar – SAREH. Paraná: **Secretaria da Educação e do Esporte – SEED**. Disponível em: https://www.educacao.pr.gov.br/sites/default/arquivos_restritos/files/documento/2021-10/edital_852021_sareh.pdf. Acesso em: 29/09/2022.

PAULA, Ercília Maria Angeli Teixeira et al. Brincadeiras com Crianças Hemofílicas: Ações de Cidadania em Espaço Urbano. **Criança, Cidade, Cidadania-Atas do colóquio internacional**, p. 42, 2016. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/76178004.pdf#page=43>. Acesso em: 13/08/2022.

PAULA, E. M. A. T., & Gomes, A. R. (2018). Imágenes de niños en tratamiento de salud en campañas publicitarias: el protagonismo infantil. **Hachetetepé. Revista científica De Educación Y Comunicación**, (16), 93-105. Disponível em: <https://revistas.uca.es/index.php/hachetetepe/article/view/6064>. Acesso em: 13/08/2022.

PAULA, Ercília Maria Angeli Teixeira de. Pedagogia hospitalar na Pedagogia Social: reflexões teóricas. **Congr. Intern. Pedagogia Social**. Mar. 2010. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/pdf/cips/n3/n3a08.pdf>. Acesso em: 23/08/2022.

PAULA, Ercília Maria Angeli Teixeira de. **Educação, Diversidade e Esperança: A práxis pedagógica no contexto da escola hospitalar**. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal da Bahia. Salvador- BA, 2004.

PIRES, Sergio Fernandes Senna; BRANCO, Ângela Uchoa. Protagonismo infantil: co-construindo significados em meio às práticas sociais. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, Ribeirão Preto, v. 17, n. 38, p. 311-320, Dec. 2007.

RENNER, Estela. **Muito Além do Peso**. Instituto Alana. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8UGe5GiHCT4>>. Acesso em: 24/07/2022.

ROCHA, Simone Maria da. **Narrativas infantis: o que nos contam as crianças de suas experiências no hospital e na Classe Hospitalar?** Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, p. 167. 2012.

RODRIGUES, Ligia Maria Rocha. **Contribuições do Brincar para a ampliação do cuidado com as crianças internadas: o caso do Instituto Fernandes Figueira no Rio de Janeiro**. Dissertação (Mestrado) – Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca. Rio de Janeiro, p. 92. 2014.

RODRIGUES, Senadaht Barbosa Baracho. **Entre a Classe Hospitalar e a Escola Regular: O Que Nos Contam Crianças Com Doenças**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, p. 183. 2018.

SANTOS, Kadine Priscila Bender dos; FERREIRA, Valéria Silva. Contribuições para a Fisioterapia a partir dos pontos de Vista das Crianças. **Revista Brasileira de Educação Especial**. Marília, v. 19, n.2, p. 211-224 Abr.-Jun., 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-65382013000200006>. Acesso em: 30/07/2022.

SANTOS, Marcos Antônio dos. **A Invisibilidade dos Hemofílicos nas Escolas e na Sociedade: O Papel da Educação Social**. Dissertação (Mestrado em Educação) apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá. Maringá, p.157. 2018.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Visibilidade social e estudo da infância. In: VASCONCELLOS, V. M. R.; SARMENTO, M. J. **Infância (in)visível**. Araraquara: Junqueira e Marin, 2007. p. 25-49.

SARMENTO, Manuel Jacinto et al. As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade. **Crianças e miúdos: perspectivas sócio-pedagógicas da infância e educação**. Porto: Asa, p. 9-34, 2004. Disponível em: <<http://peadrecuperacao.pbworks.com/w/file/104617678/Texto%20Aula%2011%20-%20Sarmiento.pdf>>. Acesso em: 25/07/2022.

SARMENTO, Manuel Jacinto; PINTO, Manuel. As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo. In: PINTO, M.; SARMENTO, M.J. (coords.) **As crianças: contextos e identidades**. Braga: Universidade do Minho, 1997.

SILVA, Ana Caroline da; CARVALHO, Paulla Helena Silva de. Pedagogia Hospitalar: Pedagogo em um Ambiente Diferenciado. **Cadernos da Escola de Educação e Humanidades**. Curitiba, v. 8, p. 1-16. ISSN 1984 – 7068. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=PEDAGOGIA+HOSPITALAR%3A+PEDAGOGO+EM+UM+AMBIENTE+DIFERENCIADO&btnG=. Acesso em: 30/07/2022.

SILVA, LUCAS TAGLIARI DA. **As Concepções de Infância e Escola de Crianças com Talassemia: Desafios para a Educação**. Dissertação (Mestrado em Educação) apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá. Maringá, p. 160. 2018.

SILVA, Sílvia Mara da. **A Pedagogia da Correspondência e Narrativas de Crianças e Adolescentes com Câncer sobre o Direito à Educação**. Dissertação (Mestrado em Educação) apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá. Maringá, p. 253. 2021.

SILVA, Milene Bartolomei; ALMEIDA, Ordália Alves de. Brincar e Aprender Em Hospitais: Enfrentamento da Doença na Infância. **Educativa**. Goiânia, v. 19, n. 1, p. 33-52, jan./abr. 2016. Disponível em: <http://revistas.pucgoias.edu.br/index.php/educativa/article/view/5014>. Acesso em: 31/07/2022.

SIMÕES, Karina Cristina Rabelo. **Vozes à Infância Silenciada: Impactos da Hospitalização e/ou Atendimento Ambulatorial Hemodialítico ao Processo de Escolarização de Crianças com Insuficiência Renal Crônica.** Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Maranhão. São Luís, p. 272. 2016.

SOUZA, Amanda Lins Tavares. O Papel do (a) Pedagogo (a) Hospitalar: um Ensino Humanizante no Hospital Oswaldo Cruz em Recife – Pernambuco. **Revista Ibero-Americana De Humanidades, Ciências E Educação.** São Paulo, v. 7(2). 2021. Disponível em: 20. <https://doi.org/10.51891/rease.v7i2.589>. Acesso em: 02/08/2022.

SQUIRE, Corinne. O que é narrativa?. **Civitas-Revista de Ciências Sociais**, v. 14, n. 2, p. 272-284, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/civitas/a/hpRyww6d63ZJFHPM6nXyRjF/>. Acesso em: 10/02/2024.

SULZBACH, Liliana. **A invenção da infância. Brasil**, 2000. Disponível em: <http://portacurtas.org.br/filme/?name=a_invencao_da_infancia>. Acesso em: 23/07/2022.

TEIXEIRA, Sirlândia Reis de Oliveira. **Brinquedoteca hospitalar na cidade de São Paulo: exigências legais e a realidade.** Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Educação. Área de Concentração: Psicologia e Educação) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, p. 376. 2018.

VOLTARELLI, M.; NASCIMENTO, M. L. A infância na América Latina: Aportes do campo dos estudos da infância em Argentina, Brasil e Chile. **Sociedad e infancias**, v. 3, p. 211-235, 2019.

ZAIAS, Elismara. **O currículo da escola no hospital: Uma análise do serviço de atendimento à rede de escolarização hospitalar-SAREH/PR.** 169 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2011.

ZAIAS, Elismara; PAULA, Ercília Maria Angeli Teixeira de. A produção acadêmica sobre práticas pedagógicas em espaços hospitalares: análise de teses e dissertações. **Educação Unisinos**, v. 14, n. 03, p. 222-232, 2010.